

Prosa *Poeteiro* Verso  
Iba Mendes

# Literatura



Enrique Pérez Escrich  
*História de um Beijo*



**Iba Mendes**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# Enrique Pérez Escrich

## *História de um Beijo*

Tradução  
A. J. Lione Soutello

Adaptação ortográfica e revisão gráfica  
Iba Mendes

---

Publicado originalmente em 1912.

**Enrique Pérez Escrich**  
**(1829 – 1897)**

“Projeto Livro Livre”

**Livro 577**

---



Poeteiro Editor Digital  
São Paulo - 2015  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# PROJETO LIVRO LIVRE

*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras em domínio público, como esta, do escritor espanhol Enrique Pérez Escrich: “*História de um Beijo*”.

É isso!

*Iba Mendes*  
[iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com)  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# ÍNDICE

CAPÍTULO 1: <b>UMA CHÁVENA DE CAFÉ</b> .....	1
CAPÍTULO 2: <b>UMA NOITE NO COLISEU</b> .....	5
CAPÍTULO 3: <b>SONHOS COR-DE-ROSA</b> .....	11
CAPÍTULO 4: <b>O PINTOR E O JUDEU</b> .....	16
CAPÍTULO 5: <b>O GRUPO DE NIOBE</b> .....	22
CAPÍTULO 6: <b>UM BEIJO</b> .....	28
CAPÍTULO 7: <b>SEPARAÇÃO</b> .....	35
CAPÍTULO 8: <b>CAMINHO DE ESPANHA</b> .....	40
CAPÍTULO 9: <b>DE FLORENÇA A PARIS</b> .....	43
CAPÍTULO 10: <b>A ROSA DE BRILHANTES</b> .....	49
CAPÍTULO 11: <b>MAIS UM</b> .....	58
CAPÍTULO 12: <b>COMO SE PEDE</b> .....	63
CAPÍTULO 13: <b>OS TRÊS AMIGOS</b> .....	68
CAPÍTULO 14: <b>CURIOSIDADE NÃO SATISFEITA</b> .....	73
CAPÍTULO 15: <b>CARTA INTERROMPIDA</b> .....	78
CAPÍTULO 16: <b>PROPOSTAS</b> .....	84
CAPÍTULO 17: <b>CONFIANÇA</b> .....	89
CAPÍTULO 18: <b>A GOLFADA DE SANGUE</b> .....	94
CAPÍTULO 19: <b>PAGAR A HOSPITALIDADE</b> .....	99
CAPÍTULO 20: <b>ABNEGAÇÃO</b> .....	104
CAPÍTULO 21: <b>ABANDONANDO MADRID</b> .....	108
CAPÍTULO 22: <b>VIDA DE RECORDAÇÕES</b> .....	114
CAPÍTULO 23: <b>UMA CAÇADA</b> .....	119
CAPÍTULO 24: <b>UMA CARTA E UM ANEL</b> .....	126
CAPÍTULO 25: <b>O REGRESSO DE MAURÍCIO</b> .....	133
CAPÍTULO 26: <b>UMA CAÇADA ÀS RAPOSAS</b> .....	138
CAPÍTULO 27: <b>O ANJO DA MORTE</b> .....	142
CAPÍTULO 28: <b>CONCLUSÃO</b> .....	149

## CAPÍTULO 1: UMA CHÁVENA DE CAFÉ

Um beijo é muitas vezes a esmola que faz uma mulher a uns lábios lisonjeiros; outras um pedaço d'alma que se escapa pela boca. No primeiro caso o homem é a vítima, no segundo é a mulher.

Existem na terra criaturas tão bem organizadas, corações tão generosos, que não necessitam ser correspondidas para amar com toda a sua alma, para terem gravada em seu coração uma imagem querida.

Estes entes sofrem com o rosto sereno e choram com o sorriso nos lábios, porque se chora de dois modos: umas vezes deixando correr as lágrimas, outras recolhendo-se ao coração a queimarem essa bela flor da juventude chamada a esperança.

A vida nestes casos é um desejo infinito que se afoga em pranto porque se vê a felicidade que se deseja rodeada de uma muralha cheia de impossíveis. Se pudesse conquistar-se a tiro, conhecer-se-iam os nomes de muitos heróis ignorados.

A incerteza, essa ansiedade da alma que tem o poder de reduzir e prolongar o tempo segundo o seu capricho, faz-se sempre sujeita à poderosa magia de uma sílaba. Um *sim*, ressoa docemente no ouvido do namorado e tem a encantadora poesia do mês de Maio com os seus perfumes, as suas flores, e o harmonioso canto das aves; um *não*, tem a aridez do deserto, a melancolia da desgraça, a solidão da morte.

Vou, pois, contar-lhes uma história sentida, um gemido do coração.

Vou dar-lhes a conhecer a protagonista do meu livro e suplico-lhes o perdão para a fraqueza da sua alma: o coquetismo.

Chama-se Amparo, nome cujas seis letras encerram uma promessa de amor nunca realizada.

Procurarei pintar com as cores da verdade o seu rosto, formoso como um sonho da adolescência; a sua fronte radiante como a luz do sol quando aparece, ao romper do dia, do fundo do mar; os seus olhos claros e expressivos através dos quais se leem todas as impressões da sua alma, sensível como as harpas das filhas de Sião que vibram ao menor sopro do zéfiro.

Se os impressionam as cenas terríveis, as grandes catástrofes, as situações inverossímeis, fechem o meu livro, porque em suas páginas só acharão a história de um coração que se partiu em pedaços.

\*\*\*

Ernesto foi para Roma, pensionista do governo espanhol. Era um rapaz de 25 anos, cheio de vida, de ilusões, um gênio; muitas vezes nos seus sonhos de pintor julgava igualar-se a Velásquez, Murilo e todos esses grandes homens que brilham em primeiro lugar na história da pintura espanhola.

Vivia numa pequena casa nas imediações da Cidade Eterna, a Deusa da arte; pensando na glória, trabalhando sempre, porque Ernesto era um sonhador infatigável, o mundo para ele resumia-se nos seus quadros, nos seus pinceis, na sua paleta.

Nunca amara senão sua mãe, que já tinha morrido, e a glória, que desejava alcançar.

Coração impressionável, mas adormecido, as mulheres eram para ele como flores formosas de um jardim.

Numa palavra, Ernesto ainda não tinha encontrado o seu belo ideal, o perfume da sua alma.

A mulher formosa, para ele, só era uma bela obra onde o grande artista, que se chama a natureza, derramara os seus mais preciosos dotes.

Vejam, pois, como a casualidade lhe proporcionou o meio de pagar de um modo terrível o tributo das almas sensíveis, que é o amor.

Como dissemos, Ernesto habitava uma casinha nas proximidades de Roma.

O *atelier*, situado na parte que dava para o jardim, recebia a luz de duas grandes janelas por onde entravam os caprichos e interessantes braços de algumas trepadeiras.

Era uma tarde do mês de Maio. Ernesto estava retocando uma figura quando veio o criado dizer-lhe que um cavalheiro e uma senhora desejavam falar-lhe.

— São espanhóis, disse o criado, e parece-me que o conhecem.

— Espanhóis? exclamou Ernesto, largando a paleta. Que entrem imediatamente!

Ernesto dirigiu-se para a porta seguindo o criado, quando ouviu uma voz que lhe não era desconhecida, dizendo:

— Onde está este mau espanhol, que é preciso vir a Roma, à Via Apia para lhe dar um abraço?

— Oh! é o sr. D. Ventura! exclamou o pintor, vendo entrar um sujeito de uns 50 anos, dando o braço a uma menina tão formosa como elegante.

— Sim, sou eu, querido pintor, sou eu, o D. Ventura do café Suíço, o amigo dos artistas, o entusiasta pela divina arte de Apolo; eu que, apesar do meu entusiasmo pela pintura, nunca soube colocar num rosto o nariz no seu verdadeiro lugar. Mas, senta-te, querida Amparo, senta-te; os homens do talento são sem-cerimônia como aldeãos, e francos como a verdade — e após pequena pausa, continuou:

— Começarei por pedir-lhe duas chávenas de café.

Ernesto deu ao criado as ordens necessárias.

A jovem, que se sentara numa cadeira de onde distraidamente contemplava os quadros do *atelier*, dispensou um sorriso de cumprimento ao pintor, deixando ver uns dentes pequenos como os de uma criança, e brancos como o miolo do coco.

Tudo o que é belo atrai irresistivelmente os homens de talento.

Ernesto fitou a jovem.

Amparo teria 20 anos. O seu rosto de uma graça atraente, provocadora, via-se quase animado por um desses sorrisos em que ficamos em dúvida se são a manifestação do coquetismo ou a ternura da alma.

Os seus lábios bastante vermelhos e úmidos pelo constante roçar dos dentes, ficavam às vezes entreabertos como se fossem a exalar um suspiro ou a receber um beijo.

Os seus olhos eram grandes e negros como amoras maduras; mas tão movimentados, tão inquietos, tão cheios de vida, tão prontos em manifestar as impressões da alma, que tão depressa se viam enlanguescer com a sombra embriagadora de um amor platônico, como brilhar com todo o fogo da paixão que conduziu Ovídio a um calabouço e Safo à morte.

Ernesto estudava dissimuladamente aquela jovem que tão profunda sensação causava na sua alma, virgem das terríveis tempestades do amor; e, cousa rara, o seu gênio de artista, tão depressa encontrava em Amparo a beleza sensual e provocadora das mulheres de Rubens, como o pudor cândido das virgens de Murilo.

Enquanto a D. Ventura só diremos que era um homem de 50 anos, calvo, com os poucos cabelos que possuía já grisalhos, um rosto cheio de saúde e alegria; numa palavra, uma destas fisionomias que sorriem sempre, até quando choram; o tipo, enfim do honrado comerciante que conseguiu, depois de muitos anos de trabalho, reunir um pecúlio que o livra de necessidades na velhice.

Amparo era filha única; fora educada num dos melhores colégios de Madrid, e possuía um dote de quatro milhões de pesetas para quando achasse quem a merecesse.

D. Ventura era feliz, revendo-se na filha, nova, formosa, vivaz e alegre; tocava piano com bastante correção, cantava regularmente e pintava quase com tanta perfeição como o divino Rafael.

Amparo era, por assim dizer, rainha absoluta, e seu pai um ministro bastante condescendente.

A mulher nova e livre, quando a riqueza lhe permite empreender viagens de recreio durante a estação calmosa, precisa de alguma coisa mais do que mudar de país para distrair-se; a viagem torna-se fastidiosa se a alma não toma parte e o coquetismo não esgrime as suas armas, tão deliciosas como traidoras, para matar o tempo.

Fazer uma conquista sem graves compromissos, sem funestos resultados, num cômodo *wagon-lit*; trocar olhares expressivos com qualquer mancebo pela praia de Biarritz ou no cume das montanhas da Suíça, tem tantos atrativos para as jovens viajantes!... É tão agradável ao coração de uma mulher encontrar a duzentas léguas da pátria um patrício que se torne seu escravo, que esteja disposto a salvá-la, a defendê-la e juncar-lhe de flores a terra que pisa, que não pode resistir à tentação de pôr em jogo todas as suas seduções.

Demais, a mulher tem a facilidade de compreender a impressão que causa e sabe aproveitar-se dela. Quando volta o inverno, quando as primeiras nuvens do outono as obriga a recolher aos seus lares, esses ternos bandos de aves emigradoras, com saias de *piquet*, chapéu de palha e botas brancas, recordam-se então já ao calor do fogão, de todas as loucuras, de todas as inocentes concessões feitas ao ar livre e poetizadas pelo vento da montanha ou pela brisa do mar; e como não há mulher que não saiba calcular, como o melhor matemático, pensa se deve acabar ou continuar com os amores do verão.

Amparo, pois, encontrou casualmente Ernesto em Roma. Tinha ouvido dizer que possuía talento; agradaram-lhe alguns quadros que viu no *atelier*, e não lhe parecendo má a figura do pintor, dirigiu-lhe alguns olhares e sorrisos, desses



que no coração de um homem sincero e apaixonado causam uma terrível tempestade.

Não pensava a jovem que aquele coquetismo era condenado pelo bom-senso. Empregou-o com a mais santa intenção, apesar de começar a sentir-se aborrecida em Roma, onde andava só com seu pai por toda a parte. Ernesto, então, foi olhado, como um recurso, como uma distração.

Quando Amparo saiu de casa do pintor, ia convicta de que o tinha cativado.

— Pensará em mim, disse ela, virá ver-me, falaremos de pintura, de música e desta forma aborrecer-me-ei menos.

Amparo ignorava ainda as terríveis consequências que os seus olhares e sorriso deviam exercer na alma do artista. Se o soubesse, indubitavelmente se teria absterido, porque o seu coração era bom, generoso e tão impressionável, que se comovia ante a mais ligeira contrariedade, como a folha do trêmulo álamo ante o mais ligeiro sopro do zéfiro.

## CAPÍTULO 2: UMA NOITE NO COLISEU

Quando Ernesto ficou só, em vez de pegar na paleta e nos pinceis aproximou-se da janela e ficou pensando na jovem espanhola que acabava de sair.

Depois de uma hora de meditação, retirou-se da janela, dizendo para consigo:

— Se me encomendassem um quadro onde figurasse alguma das três encantadoras filhas de Júpiter e de Eurinome pediria a Amparo para me servir de modelo.

E, tomado de uma súbita inspiração, pegou na paleta e nos pinceis e começou a pintar, num pedaço de tela, uma cabeça, mas com tanta rapidez que, em vinte minutos, estava completamente esboçada.

Afastou-se um pouco do cavalete para examinar o seu trabalho, e disse:

— Sim, é ela. Tenho boa memória.

E como não se contentasse com a sua opinião, chamou o criado e perguntou-lhe:

— Com quem se parece esta cabeça?

— Bravo! Com quem se há de parecer? Com a senhora que esteve cá, respondeu o criado sem vacilar. Não é preciso ser muito esperto para a reconhecer.

Ernesto tornou a pegar nos pinceis e retocou o seu trabalho.

Duas horas depois tinha terminado um soberbo retrato de Amparo, que o pintor mais escrupuloso não recearia pôr em exposição.

Tinha prometido a D. Ventura ir no dia seguinte almoçar com ele ao hotel de Londres na praça de Espanha, onde estavam hospedados.

Ernesto levantou-se cedo, fez a barba, vestiu-se com mais cuidado do que de costume, admirando-se de ter gasto tanto tempo ao espelho.

Assim que terminou a sua *toilette*, satisfeito de si mesmo, enrolou a tela com o retrato de Amparo, embrulhou-a num papel e saiu de casa dizendo ao criado que tinha o dia livre, visto não voltar senão à noite.

D. Ventura e a filha ocupavam dois quartos no primeiro andar do hotel de Londres.

Quando Ernesto subia a escada ouviu os acordes de um piano. Deteve-se: tocavam a magnífica sinfonia de *Guilherme Tell*.

— Será Amparo? pensou ele.

E vendo um criado no corredor, disse-lhe:

— Qual é o quarto do sr. D. Ventura de Aguilar?

— O seis: aí onde estão tocando.

Ernesto não se tinha enganado: era Amparo quem tão magnificamente interpretava uma das mais belas composições de Rossini.

Receoso de interromper aquela brilhante corrente de notas que tão docemente ressoavam no coração, esperou junto da porta que terminasse a sinfonia.

Logo que ela acabou bateu à porta.

— Entre, disse D. Ventura.

Entrou. Amparo estava ainda sentada ao piano. Por cima deste estava um grande espelho e no límpido cristal Ernesto viu retratado o encantador rosto de Amparo, que sorria, enviando-lhe um olhar que o perturbou por um momento.

— Bravo, é um homem de palavra, disse D. Ventura. Aí está uma qualidade que não é muito vulgar nos artistas.

— Então não me esperavam?

— Eu esperava, mas o meu pai, não, disse Amparo, fazendo girar o banco do piano, até ficar voltada para o pintor.

Amparo tinha um vestido tão simples como elegante. O seu cabelo negro e frisado, estava atado com uma fita azul que fazia realçar a brancura do seu rosto e o tom rosado das faces.

O pintor achou-a muito mais formosa do que no dia anterior.

De boa-vontade ficaria contemplando o encantador modelo que tinha ante si; mas isso além de inconveniente seria ridículo.

A donzela, por seu lado, olhava o pintor com o mais sedutor dos seus olhares e enviava-lhe o mais belo dos seus sorrisos.

Compreendera o que se passava na alma de Ernesto. Só D. Ventura não via nada. É bem certo o ditado que diz que os pais são todos míopes.

— Que traz aí, sr. Ernesto? É algum quadro? perguntou Amparo vendo o rolo que o pintor tinha na mão.

— Como estava distraído! respondeu Ernesto. Ontem de tarde fiz um trabalho. É um atrevimento que espero me desculpem.

O pintor desenrolou a tela e apresentou-a, sorrindo-se.

A jovem não pôde conter um grito de assombro, e D. Ventura pronunciou uma interjeição.

— Sou eu!

— É a minha filha!

— É um retrato desta senhora, e venho oferecê-lo como uma recordação da visita que tiveram a bondade de me fazer.

— São levados da breca estes pintores, exclamou D. Ventura. Como se pode reter na memória de uma forma tão completa as feições de uma pessoa e passá-las para a tela com tanta verdade?! Porque és tu! Sim, tão parecida como duas gotas d'água; muito mais parecida do que uma fotografia.

Ernesto sorriu-se das admirações de D. Ventura. Amparo parecia agradecer-lhe com um olhar cheio de ternura aquela recordação tão delicada.

— Pois é a cousa mais fácil do mundo, disse o pintor olhando para Amparo, comprometia-me a fazer outro daqui a três anos sem me esquecer do menor detalhe do vestido e do penteado que tem nesta ocasião.

— Pegue-lhe na palavra, papá, disse Amparo, e daqui a três anos, se nos encontrarmos em Madrid havemos de vê-lo ficar mal.

— Fica encomendado o retrato. Mas agora parecia-me melhor que nos servissem o almoço e que pensássemos em que devemos entreter o dia.

— Já visitaram as *vilas* ou casas de campo dos arredores? perguntou Ernesto.

— Já visitamos uma... Como se chama a que vimos ontem? perguntou D. Ventura à filha.

— *Vila Aldobrandini*.

— É magnífica, mas está pouco menos do que abandonada. Deliciosa mansão se se arranjassem os jardins em forma de anfiteatro. O Dominiquino deixou-nos nessa casa suntuosa uns quadros inigualáveis. Faz pena ouvir, no meio de tanto abandono, o cadente murmúrio das suas cascatas que se assemelham à harmonia dos órgãos aquáticos da antiguidade como ao mesmo tempo ver as soberbas estátuas e outros objetos de escultura de grande mérito.

— Com franqueza não a achei grande cousa... como disseste que se chamava, Amparo?

— *A Idobrandini*, papá. Valha-o Deus, que cabeça a sua!

E Amparo trocou um sorriso com Ernesto.

— Podemos ver outras que estão melhor conservadas, ajuntou o pintor. Por exemplo, é digna de visitar-se a *Vila Borghése* pelo seu grandioso lago, pelo hipódromo, pelo templo, pelos jardins e, sobretudo, pelo rico museu de numismática, e se desejarem visitaremos a *Vila Albani* e o seu célebre museu. Os antigos romanos tiveram grande predileção pelas casas de campo. Os historiadores daquele tempo contavam cousas fabulosas. Os poetas, esses sonhadores de todas as épocas, esses pobres loucos que não tendo um real de seu fantasiam palácios e cascatas brilhantes, falam com grande entusiasmo das quintas que nos arredores de Roma possuía César, Lúculo, Marcelo, Nero, Pompeu, Salustio e muitos outros homens celebres; mas hoje não existem mais do que ruínas. A casa de campo de Mecenas, onde iam Augusto, Virgílio,

Horacio, Plócio, Tisca e Pólion descansar das fadigas de Roma, converteram-se hoje em forja de um pobre ferreiro. Que ode tão sentimental escreveria o pudico autor da *Eneida* se ressuscitasse ao contemplar as ruínas de Roma.

D. Ventura ouvia Ernesto de boca aberta. Tudo isto para ele era grego. Amparo não deixava de se sorrir. Entre eles começava a existir uma grande intimidade, a intimidade que produz as simpatias.

— Sabe o que desejo ver, sr. Ernesto? disse Amparo. É o Coliseu. Li, não me recordo em que livro, que visto numa noite de luar é surpreendente.

— Os viajantes julgam segundo a impressão que os objetos produzem no seu temperamento. Por isso enquanto uns ao percorrer a Palestina a descrevem cheia de frondosidade e poesia que a adornava no tempo de Salomão, outros a classificam de um árido areal, um deserto insuportável, pobre, povoado por tribos selvagens e asquerosas, mas o Coliseu começado por Vespasiano e acabado por Tito, visto, quer à luz do sol quer à da lua é verdadeiramente admirável.

— Ainda assim prefiro vê-lo de noite, disse Amparo.

— Então aproveitaremos o luar, e hoje mesmo se pode realizar o seu desejo.

— Que dizes a isso, papá?

— Que estou ao teu dispor.

— Fica, pois, combinado para esta noite.

Almoçaram como bons espanhóis, depressa e sem lhe dar grande importância, pois não é a Espanha a terra dos Lúculos.

Do meio-dia às 5 horas da tarde visitaram algumas casas de campo dos arredores de Roma.

D. Ventura estava encantado. Ernesto sabia tudo; era, como vulgarmente se diz, um livro aberto.

Não encontraram uma pedra, uma coluna, um sepulcro do qual o pintor não soubesse a história.

Amparo escutava-o com prazer. Encostando-se-lhe familiarmente ao braço fazia-lhe perguntas, principalmente quando encontrava alguma inscrição latina.

O dia passou-se agradavelmente para os três; as horas foram curtas, e os laços de amizade estreitaram-se duplamente com aquele agradável passeio.

Às seis horas regressaram ao hotel. O jantar já os esperava. Depois meteram-se num trem que os conduziu ao Coliseu.

A noite estava serena; a lua no seu auge, e a sua clara luz banhava as colossais ruínas onde em outros tempos oitenta e sete mil espectadores iam gozar o bárbaro espetáculo das lutas humanas.

Então, o povo romano pedia pão e circo, e os imperadores tinham o cuidado de satisfazer os desejos da terrível fera que dormia, lambendo-lhe os pés.

Ernesto levava os dois amigos a um e outro lado, explicando-lhe com o mesmo conhecimento que poderia fazer-lhe um *cicerone* do tempo do imperador Claudio, descrevendo-lhe ao mesmo tempo aquelas terríveis lutas, dos adestrados gladiadores, cujo sangue regou com abundância a arena do circo.

— Assistiram mulheres a esse bárbaro espetáculo? perguntou Amparo.

— Ao princípio era-lhes proibida a entrada, respondeu Ernesto, mas depois foi autorizada, reservando-lhes Otávio Augusto as bancadas mais altas do anfiteatro. Precisamente aqui onde estamos era a tribuna do imperador, e ali a das vestais, cujo dossel era igual ao do imperador. A este sítio chamava-se *Spoliarium*, para onde conduziam os cadáveres dos gladiadores ou os que estavam mortalmente feridos, puxando-os com um gancho de ferro. Esta obra colossal foi construída no curto espaço de quatro anos. Tinha setenta portas, sem contar com as entradas reservadas para o imperador e a sua corte. As festas da inauguração no tempo de Flávio Sabino Tito duraram cem dias consecutivos, e nela perderam a vida dois mil gladiadores.

— Parece impossível que tão sanguinolentos espetáculos agradassem a mulheres, exclamou Amparo.

— A vida dos feridos, continuou Ernesto, quando caíam banhados de sangue na arena, ficavam sempre à disposição dos espectadores. O vencedor colocava a ponta da espada no peito do vencido e esperava que o público lhe dissesse; “Mata” ou “Perdoa”. Outras vezes o ferido arremessava as armas e caía ao pé das grades a implorar clemência. Se os espectadores levantavam o dedo polegar, concedia-se-lhe a vida; mas se o viravam para baixo, então o ferido apresentava o peito ao seu adversário para que o acabasse de matar.

— Mas perdoavam sempre? disse D. Ventura.

— Algumas vezes. Durante o reinado do infame Caracala nem uma só vez se concedeu o indulto aos gladiadores vencidos. O povo romano de então, era tão feroz como sanguinário, e só gozava com a agonia dos seus semelhantes, pois, como disse o grande poeta inglês Lord Byron, acerca dos costumes do povo, assim aparecem singelas e naturais as cousas mais horríveis e sangrentas.

D. Ventura escutava em silêncio o narrador, que lhe contava com a precisão de um bom livro, todas as horríveis cenas que tiveram lugar no Coliseu.

Algumas vezes Amparo, para caminhar com mais segurança por aquelas suntuosas ruínas, dava a mão a Ernesto. Aquelas duas mãos apertavam-se docemente, transmitindo um suave estremecimento.

D. Ventura era um homem de bem, mas um homem todo prosa; e aquilo tudo, apesar do luar e das descrições históricas de Ernesto, parecia-lhe um montão de ruínas, uma toca de lagartos.

Contudo, para não ser *desmancha-prazeres*, dizia de quando em quando:

— Soberbo! Magnífico!

À meia-noite regressaram ao hotel.

Quando Ernesto se despediu, Amparo disse-lhe, apertando-lhe a mão e dirigindo-lhe um olhar cheio de doce esperança:

— Passei uma noite deliciosa. Estou certa de que sempre me lembrarei do Coliseu de Roma.

Para Ernesto aquela despedida foi uma promessa irmã da esperança, essa bela flor que perfuma a alma.

### CAPÍTULO 3: SONHOS COR-DE-ROSA

Ernesto teve aquela noite um sonho cor-de-rosa, porque a bela Amparo foi o anjo do seu sonho.

Os homens de gênio e sobretudo os pintores, quando pensam no amor, antes de amar, criam um tipo perfeito como todas as sublimes criações da imaginação; uma dessas mulheres de extraordinária beleza cheia de luz, sem um *senão* no moral, sem um defeito no físico, perfeita de corpo e d'alma: mas quando chega o momento de, ou cansados do celibato, ou para pagar esse tributo de que poucos se salvam, chamado matrimônio, se decidem a casar, então já é outra cousa, pois muitas, mesmo muitíssimas vezes a poesia se

encarna na prosa, e depois... Satanás toma parte ativa na sinfonia do matrimônio.

O amor é cego, e os homens e as mulheres devem resinar-se a não ver bem, precisamente quando deviam ter olhos de lince.

Ernesto levantou-se alegre e cantando a sinfonia de *Guilherme Tell*; e pensando em Amparo pegou na paleta e pôs-se a pintar no seu quadro.

A filha do D. Ventura tinha-se fotografado de uma maneira tão profunda na sua imaginação, que o pintor achou sem saber como que uma das figuras do seu quadro tinha grandes parecenças com Amparo. Admirou-se, mas agradou-lhe ao mesmo tempo.

Às dez horas largou a paleta, almoçou, e pegando numa folha de papel, pôs-se a pintar uma aquarela do Coliseu visto à luz do luar.

— Isto será uma recordação dedicada a Amparo, disse ele. Dir-lhe-ei que a coloque no seu gabinete para que nunca se esqueça da noite que representa.

Ernesto esmerou-se marcando com arte e delicadeza todos os detalhes da aquarela. Colocou num ponto conveniente um pintor tirando o *croquis* do Coliseu, e ao seu lado um cavalheiro e uma jovem.

Apesar das figuras terem apenas duas polegadas, o pintor tinha o máximo empenho em que ficassem parecidas com os originais que representavam. A empresa era difícil; mas por fim, após algum trabalho, conseguiu o que desejava.

Satisfeito com a sua obra e com a alegria do homem que sente na alma os primeiros perfumes do amor e julga causar uma surpresa agradável à provocadora dos seus sonhos, ao cair da tarde dirigiu-se para Roma.

D. Ventura e a filha estavam tomando café. Tinham acabado de jantar.

— Chega a propósito, disse D. Ventura.

— Dou-me por feliz, respondeu Ernesto, cumprimentando a jovem.

— Sente-se e tome café conosco.

— Primeiro que tudo, desejo saber em que consiste a oportunidade da minha chegada.



— Aborrecíamos-nos, disse Amparo, Roma é uma cidade morta; nem sequer tem teatros.

— Diz muito bem. Roma é um cadáver que todos os anos ressuscita pelo Carnaval, e vive um mês cometendo as mais excêntricas loucuras; depois torna a cair na soledade da tumba, até ao ano seguinte.

— Quer dizer que erramos a época da nossa viagem, disse D. Ventura.

— Justamente. Mas se a sr.<sup>a</sup> D. Amparo quiser ir ao teatro, temos atualmente um aberto.

— Qual?

— O do Tiano.

— Dizem que não é bonito.

— Sim, mas em compensação representam admiravelmente.

— Sabe, senhor Ernesto, que esta noite tive uma ideia? disse Amparo, cerrando docemente as pálpebras para conservar a luz dos seus formosos olhos fixos no pintor.

— Estou crente, de que foi uma ideia sublime.

— Vais ouvir, papá; o senhor Ernesto já disse que a minha ideia era sublime; agora só necessito que o papá a ache também.

— Olha que os artistas são muito adutores; não te fies neles. Mas vamos, dize qual é a tua ideia.

— Resume-se em deixarmos Roma e irmos passar um mês em Florença; mas com uma condição: que o senhor Ernesto nos acompanhe como nosso *cicerone*.

— Essa exigência é uma loucura, filha da pouca experiência própria da tua idade, disse D. Ventura. Ernesto está pintando um quadro que tem de mandar para a próxima exposição de Madrid, em setembro.

— Sim, o senhor Ernesto tem o quadro muito adiantado e daqui até setembro vão ainda quatro meses, disse rapidamente Amparo, dirigindo ao pintor um olhar suplicante para que ele anuísse.

— Aceito sem vacilar, disse Ernesto, e dou as minhas razões. Preciso só de um mês para concluir o meu quadro. E antes de voltar a Espanha tinha necessidade

de ir a Florença para tirar uns croquis da *Vênus de Médicis*, do *Grupo de Niobe* e de alguns quadros da escola flamenga que existem no célebre palácio de Pitti. Quero também tirar alguns *croquis* da *catedral de Santa Maria de Fiore*, dessa memorável arquitetura da qual Miguel Ângelo, disse ser impossível fazer outra mais bela, pois era digna de servir de frontispício ao Paraíso, e que o imperador Carlos V devia pô-la num estojo para melhor a conservar. Assim pois, tudo se resume em adiantar dois meses a minha viagem a Florença. Quando partirem para Espanha, eu regressarei a Roma para terminar o meu quadro, e prometo que o verão colocado num dos salões da Exposição no dia 20 de setembro.

Amparo aplaudiu, como uma criança que manifesta sem reserva a sua alegria. A viagem projetada por ela era encantadora. Grande foi o seu contentamento vendo que era aceite o seu plano, porque nada é tão grato ao coração de uma mulher jovem, como realizar um dos seus sonhos cor-de-rosa que de vez em quando lhe acariciam a alma.

Na noite anterior deitara-se, pensando no seu poético passeio ao Coliseu. Como o sono se mostrasse rebelde, recapitulou na memória até as mais pequeninas cousas acontecidas nas celebres ruínas.

Os olhares de Ernesto, os suaves apertos de mão, a lua que banhava, poetizando, as pardas e as derrubadas galerias do Coliseu, as descrições históricas que com doce e carinhoso acento narrava Ernesto, tudo isto formava um conjunto agradável ao coração de Amparo.

Amava Ernesto? Nem ela mesmo sabia que responder a esta pergunta que fez pelo silêncio da noite.

O pintor era novo, elegante, bem parecido, com uma educação pouco vulgar, e pelo menos era-lhe simpático.

Como há sempre algum egoísmo no coração da mulher, Amparo pensou que continuar a sua viagem pela Itália acompanhada de Ernesto tinha muito mais encanto, era mais divertido do que viajar sozinha com o pai.

Amparo não pensou senão em si. Com algum conhecimento mais profundo da vida material dos artistas, isto é, a prosa do talento, teria pensado que talvez Ernesto não se encontrasse em condições de empreender uma viagem em carruagem de primeira classe, e instalar-se num hotel de luxo.

É bem certo que Amparo ignorava o valor do dinheiro: gastava o do pai, que era rico, sem se preocupar com o valor que tem um duro para quem não possui vinte reales.

Por outro lado Ernesto, um verdadeiro artista, sonhava que era um príncipe e julgava os seus sonhos uma realidade... Era mais ambicioso de glória do que de ouro.

Quando aceitou a projetada viagem por Amparo, sem pensar se o dinheiro que possuía por sua única fortuna chegaria para ocorrer a todas as despesas, só pensou na felicidade de viajar com aquela mulher formosa, por uma terra encantadora, cujo céu azul e o perfume das brisas são o orgulho das filhas de Toscana, a admiração dos estrangeiros.

Combinada a partida para quatro dias depois, Ernesto apresentou a aquarela do Coliseu, que arrancou um grito de admiração e muitos olhares de agradecimento a Amparo.

O pintor regressou a casa já bastante tarde, tão alegre, tão feliz, que não teria trocado a sua existência por cousa alguma deste mundo.

A felicidade está às vezes em tão pequenas cousas!... O pobre artista julgava-se amado, e começava a amar com toda a sua alma virgem e apaixonada.

Quando chegou a casa, pegou numa folha de papel para fazer o orçamento das suas despesas.

— Necesito, disse ele, de quatro mil reales para a viagem. Vejamos como estou a respeito de fundos.

Ernesto só tinha seiscentos. Era-lhe preciso arranjar dinheiro.

Procurou na memória os nomes de alguns amigos pintores que como ele viviam em Roma, mas um sorriso lhe assomou aos lábios.

— Todos eles, disse, são tão pobres ou mais do que eu; não devo expor-me a uma negativa forçada, que é tão desagradável a quem a dá como a quem a recebe. Melhor será sacrificar alguns dos meus quadros. O senhor Daniel é um judeu, menos judeu que os dez mil que pelo interesse do comércio o papá consente em Roma. Escrever-lhe-ei.

E pegando na pena escreveu:

*Senhor Daniel Raithani*

“Meu bom amigo

“Vou empreender uma viagem a Florença e preciso vender alguns quadros. Tenha, pois, a bondade de vir hoje ao meu *atelier*, onde o espero até às quatro horas da tarde.

Seu amigo,

*Ernesto Alvarez.*”

O pintor chamou o criado e disse-lhe:

— Amanha, quando te levantares, vais a Roma entregar esta carta ao sr. Daniel, negociante de quadros. Mora no bairro dos judeus; já o conheces.

Depois deitou-se para sonhar com Florença e Amparo.

Ernesto achava-se na ditosa idade dos sonhos cor-de-rosa, e viu durante algumas horas passar pelos olhos da sua ilusão um panorama encantador onde a flor mais perfumada, mais bela, mais resplandecente, era Amparo que, olhando-o com languidez, lhe dizia uma e mil vezes mais: “amo-te! amo-te! amo-te!”

E para que desperta um homem destes sonhos encantadores?

#### **CAPÍTULO 4: O PINTOR E O JUDEU**

Daniel Raitani era um dos maiores negociantes do bairro judaico. Tinha em toda a Europa fama de inteligente e honrado, apesar de ninguém ignorar que vendia caro e comprava barato. Esta qualidade era desculpável, tratando-se de um negociante judeu; mas, em compensação, tinha uma grande qualidade, que era que quando um admirador de pintura, ainda que de Londres, Paris, Viena, S. Petersburgo, Madrid ou de qualquer das grandes capitais da Europa necessitava para a sua galeria um quadro deste ou daquele autor célebre, escrevia-lhe uma carta, e não olhando a preço tinha o que desejava.

Nunca enganava ninguém, dando uma copia por original. Daniel era inteligente, e apesar de não saber pintura, tão conhecedor era das escolas que mais de uma vez, em casos duvidosos, o chamavam como perito.

Todos os pintores eram amigos de Daniel e era tão difícil enganá-lo vendendo-lhe gato por lebre, como vulgarmente se diz, que ninguém tentava fazê-lo.

Dizia-se que o negociante conseguira juntar muitos milhões. Contudo a sua loja apresentava sempre o mesmo aspeto modesto, e a sua pessoa conservava a mesma linha; isto é, usava constantemente uma sobrecasaca verde com

grandes abas, calças e colete preto, uma gravata de veludo, um chapéu usado, um chapéu de chuva velho debaixo do braço e uma cadeia de aço, em cuja extremidade estava preso um modesto relógio de prata.

Daniel era um homem alto, magro e pálido, nariz arqueado, cabelo grisalho, olhos verdes, pequenos e encovados; um desses tipos vulgares, mas em quem, olhados com atenção, se encontra bondade e doçura no semblante.

Ernesto estava pintando. Eram dez horas da manhã quando viu entrar no *atelier* o judeu.

Daniel entrou como sempre, sorrindo-se, com o chapéu de chuva debaixo do braço, e a caixa do rapé que nunca abandonava, na mão esquerda.

— Bons dias, milionário, disse Ernesto, estendendo-lhe a mão. Muito agradecido pela sua pontualidade.

— Em questão de dinheiro, respondeu Daniel, é preciso sermos pontuais, e aproveitarmos o tempo. Por um minuto se pode perder um bom negócio.

— Pelo que se vê o senhor é negociante até à medula dos ossos. Mas vamos falar do nosso.

O pintor deixou a paleta e os pinceis, indicou-lhe uma cadeira e sentou-se noutra.

— Preciso dinheiro.

— Já o supunha.

— Por isso lhe pedi que me viesse visitar.

— E eu, conhecendo a impaciência dos artistas, apressei-me em vir.

— Agradecendo-lhe pela segunda vez, começarei por lhe dizer que dentro de três dias parto para Florença.

— Uma viagem de recreio.

— De recreio e estudo. Tenciono tirar alguns *croquis* da célebre galeria do palácio de Pitti.

— Belo pensamento!

— E como para ir a Florença é preciso dinheiro e como eu não o tenho, ou melhor, tenho pouco, quero que me compre alguns quadros. Pode escolher,

excetuando o que está no cavalete, pois esse é, como sabe, para a Exposição de Madrid, e pode dizer-se que me não pertence.

Daniel guardou silêncio, levantou-se, pôs os óculos e começou a passar revista aos quadros, e estudos que estavam nas paredes.

Ernesto entretanto acendeu um charuto e recostou preguiçosamente a cabeça no espaldar da cadeira.

Mais de três quartos de hora durou a revista passada às telas por Daniel. Quando estava perfeitamente inteirado, tirou os óculos, com todo o seu vagar, guardou-os no bolso, e, sentando-se, disse:

— Tem seis quadros de comestíveis, quatro pequenos de costumes espanhóis, e dois de flores. Fico com os doze, pois tenho probabilidade de os vender a um inglês que me encarregou de comprar alguma coisa neste gênero, e dou por eles quatrocentos duros.

— É pouco dinheiro.

Daniel encolheu os ombros.

— Não dou mais, respondeu; é impossível.

— Dou-lhos por doze mil reales e creia que ainda ganhará uns duzentos por cento.

— Nestes tempos não é possível. Desde que a fotografia pode oferecer o *fac-símile* de uma obra-prima por um franco, a pintura perdeu muito.

— Senhor Daniel, concedo-lhe o direito de regatear o preço de um quadro, de dizer que é mau sendo bom, mas não lhe consinto que ponha a fotografia a par da pintura. Poderá ter-se uma copia do Ticiano estampada em um bocado de papel por dois reales, mas não se terá Ticiano, nem pela fotografia se poderá nunca formar uma ideia, ainda que vaga, do que vale o citado autor.

Daniel fez um gesto de indiferença, o ajuntou:

— Sabe que tenho em muita consideração os seus trabalhos, e que se não estivesse tão ocupado, o encarregaria de algumas copias, e isso deve inspirar-lhe confiança para crer que não procuro explorá-lo. Quem sabe se terei quatro ou mais anos armazenados na loja esses doze quadros que pretendo comprar. E se assim suceder, o senhor bem sabe que dinheiro vale dinheiro, e isso representa uma grande perda.

Ernesto compreendeu que o judeu não lhe daria mais, visto conhecer a necessidade que ele tinha do dinheiro.

Calculou que com a importância oferecida e o que possuía podia fazer desafogadamente e até com luxo a viagem e resolveu aceitar o negócio.

— Está fechada a transação, disse o pintor. Mando-lhos ainda hoje mesmo.

Daniel tirou a carteira, e dela a importância oferecida em notas do Banco Romano, e entregou-a ao pintor, dizendo:

— Muito dinheiro podia ganhar!

— Não desejo outra coisa, respondeu Ernesto, pondo o dinheiro sobre a mesa.

— Seriamente?

— O dinheiro é a primeira necessidade do homem neste vale de lágrimas.

— Então posso oferecer-lhe à volta de Florença algumas notas mais, se me trouxer algumas copias da escola flamenga e francesa dos originais que existem no palácio Piti.

— Isso depende do tempo.

— A atividade aumenta as horas.

— Não me comprometo, mas farei todo o possível porque receio que me faça falta o dinheiro para ir a Espanha expor o meu quadro.

— Pois já sabe o meio de o obter.

Daniel começou a despendurar os quadros que comprara e ia-os colocando todos juntos, para que Ernesto ao mandá-los se não esquecesse de algum.

Depois despediu-se do pintor, tornando-lhe a recomendar que trabalhasse muito.

— O trabalho, senhor Ernesto, é a maior fortuna do homem. Não se esqueça de que as formigas e as abelhas são muito mais ricas do que as cigarras.

Há conselhos que só produzem um ligeiro murmúrio nos ouvidos de quem os ouve.

Daniel saiu. Ernesto chamou o criado.

—Logo levas esses doze quadros a casa do senhor Daniel Raitani, disse-lhe. Vou fazer uma viagem a Florença. Demoro-me um mês. Podes dispor de ti como te aprouver, nesses trinta dias, mas nem uma só noite deixarás de dormir em casa.

Entregou o dinheiro que julgou suficiente para o sustento do criado, mandou que lhe servissem o almoço, e depois saiu.

Uma vez em Roma comprou alguma roupa para a viagem.

À tarde foi visitar os seus amigos e jantar com eles.

D. Ventura começava a olhar Ernesto como da família; é verdade que quando se encontra um compatriota a algumas centenas de léguas distantes da mãe pátria, sente-se uma alegria tão grande no coração que o tratamos como se fosse um parente.

A D. Ventura parecia o mais natural do mundo que um rapaz tão bem educado, tão fino, tão ilustrado como Ernesto o acompanhasse na sua viagem a Florença.

Enquanto a Amparo, não pensou senão em realizar o seu desejo; viajando com Ernesto, tinha mais encanto a excursão, porque o pintor lhe era simpático.

Os olhares, os sorrisos, os apertos de mão, as palavras carinhosas são impulsos muitas vezes naturais do coração feminino, e é sem dúvida por isso que não lhes dão nenhuma importância.

Mas Ernesto pensava de outro modo, e ia reunindo na sua alma simples e apaixonada, um sem número de esperanças encantadoras, que eram o seu maior tesouro, e que deviam tornar-se a sua maior desgraça, porque o amor quase sempre é um jogo em que um dos jogadores perde.

Os preparativos de uma viagem em que esperamos gozar e divertirmo-nos são muito encantadores. Ernesto ofereceu a D. Ventura um *Guia do forasteiro em Florença*, preciosamente ilustrado, e a Amparo um elegante álbum para desenhos.

— Temos que trabalhar muito, dizia o pintor, e não podemos consentir que nos importune com perguntas.

— Sim, sim, o senhor Ernesto tem razão; temos que fazer muitos desenhos, e para que se não aborreça, enquanto trabalhamos, lerá o seu *Guia* diante das obras de arte que vamos visitar.



D. Ventura para quem não havia maior felicidade do que a alegria de Amparo, vendo-a contente e feliz, ria-se com a expansão de um pai que ama com loucura a filha.

Só uma vez se pôs sério vendo crescer aquela simpatia entre Amparo e o pintor, e disse:

— E a rapariga acaba por se enamorar de Ernesto. Fez algumas reflexões mentais e ajuntou:

— Diabo, Ernesto é pobre; minha filha tem quatro milhões de dote no dia do casamento e mais oito quando eu morrer.

Aqui tornou a deter-se; mordeu o lábio inferior como o negociante que pensa num negócio importante, mas rapidamente se lhe alegrou o rosto e exclamou:

— Se ela o ama e quiser casar com ele, que se case; vale mais ter por genro um homem como Ernesto, pobre, do que um parvo rico.

Desde aquele momento, Ernesto podia contar com a proteção do pai.

Chegou o dia da partida. A viagem podia fazer-se de dois modos: em pequenas jornadas, parando-se para ver as povoações de alguma importância artística, ou em caminho de ferro.

D. Ventura optou pela ligeireza da locomotiva, e os nossos três viajantes, alegres como estudantes em férias, instalaram-se num compartimento de primeira classe. A fortuna favorecia-os: iam sós. Enquanto foi dia, Amparo e Ernesto passaram a maior parte do tempo à janela da carruagem, admirando o panorama que se ia desenrolando a seus olhos.

Os jovens só trocaram algumas palavras em voz baixa; mas os olhos têm uma linguagem tão expressiva, que dizem tudo, quando se movem impulsionados por uma alma apaixonada.

D. Ventura lia o livro oferecido pelo pintor, ou dormitava. Quando chegou a noite, Ernesto bastante tímido, apoderou-se de uma das mãos de Amparo, não menos linda do que a da Laura que inspirou a Petrarca quatro sonetos, e disse-lhe:

— Que feliz eu sou!...

Amparo sorriu-se e retirou a mão.

Depois, reclinando a cabeça em um dos cantos da carruagem, cerrou os olhos, fingindo que dormia.

Assim colocara certa distância entre si e Ernesto. Amparo, apesar de nova, tinha mais conhecimento do coração humano do que o seu companheiro de viagem, e temeu que prolongando a conversação à tênue luz do *vagon* e quase tocando-se os joelhos, fizesse alguma dessas concessões de que mais tarde se arrepende a mulher.

Ernesto procurou também posição cômoda e tentou dormir, mas foi em vão.

Nasceu o dia, e com ele a animação entre os viajantes.

A linha seguia naquele momento o curso do rio Arno. A conversação renovava-se a cada paragem do comboio. D. Ventura lia o nome das estações e procurava no *Guia* a parte interessante da terra.

Em Sina atravessaram o Arno e não demorou muito ver-se ao longe as torres elevadas de Florença, os quatro pontos e os quatros bairros.

Ernesto exclamou:

— Ali está Florença, berço do renascimento das artes, pátria de Dante, de Petrarca, e de Galiléu!

## CAPÍTULO 5: O GRUPO DE NIOBE

A Florença dos nossos dias é muito diferente da que engrandeceram os Médicis; mas por toda a parte se encontram as pegadas de Cosme o Virtuoso, chamado o pai da pátria, talvez pelo excessivo rigor com que tratava os filhos.

Indubitavelmente os Médicis foram grandes negociantes. A sua fortuna fabulosa e a sua honradez ao mesmo tempo, elevou-os à primeira dignidade da república florentina.

Mas como em todas as famílias há sempre um Judas que vende a sua raça, sucedeu que enquanto Cosme o Virtuoso, chamado pai da pátria, mandava emissários por todo o mundo em busca de manuscritos para enriquecer as bibliotecas, pensionando com luxo artistas, e Lourenço Magnífico saía em segredo de Florença e apresentando-se ante Fernando de Nápoles, com quem estava em guerra, dizia-lhe: *“Aqui me tens só e desarmado. Se é a mim a quem odeias satisfaz a tua vingança com a minha morte, pois ditoso me julgarei libertando com a minha vida a de tantos valentes, dispostos a despedaçarem-se*

*pelas nossas rivalidades*”, outros Médicis desonraram o ilustre apelido que tinham herdado de seus nobres antepassados.

Sublime foi o rasgo de abnegação levado a cabo por Lourenço de Médicis, evitando a corrente de sangue que ameaçava inundar Nápoles e Toscana, apesar de dizer a história que o papá Sixto IV preferia a guerra, esquecendo-se de que era um representante de Cristo, do Deus da bondade, do perdão e da tolerância.

Mas a natureza é variada, e depois dos grandes Médicis da república vieram os pequenos ladrões do despotismo.

Chegou Alexandre, verdugo do povo, morto às mãos do sobrinho, que com incrível cinismo lhe perguntou ao enterrar-lhe a espada no peito: “*Senhor, estais dormindo?*” Veio depois Fernando, que morreu de uma indigestão de fruta verde, e por último o estúpido Cosme III, cuja esposa Margarida de Orléans, não podendo suportar a repugnância que lhe causava o marido, o abandonou, envergonhada de lhe ter pertencido. Para que a estupidez de Cosme chegasse ao cumulo, dedicou-se em procurar a mulher pelas cortes da Europa: mas em toda a parte se riram dele, despedindo-o vergonhosamente como a um ente repugnante.

Deixemos os Médicis à história, e continuemos a narração interrompida ao avistar as altas muralhas de Florença.

Na estação, entre os muitos corretores de hotéis que disputam os estrangeiros, D. Ventura encontrou-se com um espanhol que tinha casa de hóspedes, entrou em ajuste com ele, e conduziu-os num trem para casa.

D. Ventura alugou todo o rés-do-chão, com o direito de lhe pertencer o jardim plantado de laranjeiras, limoeiros e grandes acácias.

O rés-do-chão compunha-se de um quarto com janelas para o jardim, uma sala grande, um quarto de vestir, uma casa de jantar e uma sala. Amparo instalou-se em dois quartos. D. Ventura e Ernesto ficaram com a sala e outro quarto contíguo à casa de jantar; a sala declarou-se terreno neutral e todos podiam dispor dela para o que necessitassem. Era o ponto de reunião dos nossos viajantes.

O senhor Rosales, dono da casa, era um sujeito muito amável e serviçal. Disse-lhes que tinha sempre muitos bons hóspedes; que o primeiro andar estava todo alugado ao sr. Conde de Loreto e ao seu velho mordomo; que no segundo estavam vários portugueses e que era tão apaixonado das cousas de Espanha, que mandava vir grão e chouriço espanhóis, para que quando algum hóspede quisesse de vez em quando comer rico cosido madrileno, podê-lo servir.

D. Ventura esteve quase a abraçar o seu hospedeiro, porque como bom madrileno começava a sentir a falta daquele manjar predileto.

Enquanto a Amparo acercou-se da janela do gabinete, viu o formoso céu de Florença, aspirou o perfume das laranjas e dos limões, exclamou:

— Oh! que delicioso cheiro! que bem que ficamos aqui!

A alegria de Amparo refletia-se no coração de Ernesto.

No primeiro dia entretiveram-se os nossos viajantes em arranjar itinerário. Ernesto propôs visitar na manhã seguinte o palácio de Médicis.

Em Florença o céu tem sempre luz, doçura, poesia. Os nossos viajantes levantaram-se, dispostos a empreender o seu passeio. A manhã não podia estar melhor, o céu mais azul.

Como não necessitavam de *cicerone*, porque Ernesto conhecia Florença tão bem como Roma, saíram em direção ao célebre palácio de Médicis.

Amparo e Ernesto levaram os seus *carnets*, e D. Ventura o seu *Guia*.

Logo que chegaram ao palácio e entraram nos jardins, Ernesto, depois de fazer observar aos seus amigos as duas distintas arquiteturas do edifício, a construída na Idade Media e a edificada por Vasari no século XIV, exclamou:

— Quando o viajante passeia por estes vastos jardins, parece que encontra de menos Lourenço de Médicis, cognominado o Magnífico. Oh! ditosa época aquela em que Lourenço, agarrando o braço de Miguel Ângelo, repreendia com doçura paternal a indolência do grande artista, incitando-o ao trabalho! Ditoso tempo aquele! Lourenço ria e aplaudia os cômicos epigramas do alegre Pulci, fazendo-o escrever o *Morgante Maggiore*, o poema herói-cômico mais célebre de Itália, e em que Ângelo Poliano lhe lia os discursos de história e filosofia.

E mudando de entoação continuou com acento alegre:

— É preciso confessar, meu caro senhor D. Ventura, que hoje os reis, os potentados da terra se ocupam pouco ou nada dos pobres sonhadores, dos filhos do gênio. Então, ante o talento dobravam a fronte os soberanos. Cosme de Médicis encontrou um manuscrito de Tito Lívio, enviou-o a Fernando de Nápoles, com quem estava em guerra, e foi tão grande a alegria deste rei, que receando ser ingrato, assinou o tratado de paz que Cosme solicitava; devendo as mães de Itália a sua tranquilidade e a vida dos filhos a umas folhas de pergaminho manuscritas. Hoje, nem todos os preciosos manuscritos das bibliotecas romanas decidiriam dos reis, quando disputam um palmo de terra, a

deporem as armas. Mas entremos na sala que imortalizou o cinzel do filho de Paros.

D. Ventura, que ouvia com satisfação as palavras de Ernesto, exclamou:

— Para que diacho me comprou este livro se aqui não diz nada do que tem estado a contar?

— Senhor D. Ventura, respondeu o pintor, sorrindo-se, breve chegará a hora em que lhe seja util. A coleção de camafeus, medalhas e debuxos compõe-se de vinte e oito mil estudos e *croquis*, feitos pelos mais celebres pintores italianos, e em chegando aí, fecho a boca e pego no lápis. É então que o livro falará pelo *cicerone*.

Ernesto conduziu os seus amigos à sala de Niobe e ao chegar diante daquele grupo que representa a mais sublime epopeia da dor maternal, ao deter-se em frente daquela mãe, cem vezes mais dolorosa do que a dos Macabeus, tirou o chapéu com veneração e ficou como que fascinado ante aquela escultura, criada pelo mágico cinzel de Scopas 478 anos antes de Cristo, para que fosse o pasmo e a admiração das idades futuras.

D. Ventura descobriu-se também, apesar de não compreender o valor de tão interessante grupo que tinha ante si. Para ele, aquilo era uma mãe chorando seu filho morto e uma jovem ferida que agonizava; para Ernesto e Amparo, que tinham uma alma mais artística, mais entusiástica, aquele drama maternal, aquela cabeça sublime modelada, enlouquecida pela dor, era uma obra sem rival. Scopas, o *artista da verdade*, aparecia ante os seus olhos como o gigante da escultura.

— Que belo grupo!

— Sim, senhora D. Amparo, respondeu Ernesto. Para os que têm a arte em alguma conta só para ver esse grupo vale a pena vir a Florença, ainda que das regiões mais afastadas do universo. Essa cena é tão sublime, tão dramática, que os exigentes críticos de Atenas inclinaram a cabeça com admiração, assombrados de tão grande obra. Na figura da mãe está toda a alma de Scopas.

D. Ventura, que não compartilhava do entusiasmo do pintor nem de Amparo, um pouco enfadado com tantas exclamações, nas quais não podia tomar parte por se julgar profano no assunto, disse, instigado pela curiosidade:

— Mas o que representa esse grupo que tanto admiram?

— Scopas foi um artista pagão. No seu tempo estava em moda a Mitologia, e os homens adoravam as deusas e os deuses do Olimpo, apesar dos seus defeitos e

fraquezas, disse Ernesto. Pois bem, Niobe era filha de Tântalo e esposa de Anfiar, rei de Tebas, tão presumida da sua fecundidade, que se queixou amargamente aos deuses vendo que no Olimpo se dava sensível preferência sobre ela à deusa Latona, filha de Saturno e de Febe, mãe de Apolo e Diana, e esposa, segundo se assegura, de Júpiter. Os deuses irritaram-se da soberba daquela pobre mortal que se atrevia a refutá-lo e combinaram um terrível castigo. Apolo e Diana feriram com as suas flechas os filhos de Niobe; Júpiter converteu em pedras os súbditos da orgulhosa rainha de Tebas, que queria ser mais do que uma deusa. Durante nove dias, os filhos de Niobe permaneceram no solo cobertos de sangue; a agonia foi grande, terrível, trágica, até ao grau mais sublime; Niobe, louca de dor e de amargura, derramando um mar de lágrimas, arrancando os cabelos de desespero, pedia socorro com gritos d'alma, mas os seus vassallos permaneceram imóveis e indiferentes. Por fim ao décimo dia Júpiter compadeceu-se daquela mãe e julgando-a já suficientemente castigada, tornou à vida os tebanos, permitiu que tomassem algum alimento, mandou enterrar os filhos, e convertendo Niobe em uma rocha, colocou-a no cume de um solitário monte, onde chora eternamente a perda dos queridos frutos das suas entranhas, sendo um monumento de vergonha dos vingativos deuses do Olimpo.

Quando Ernesto acabou o conto mitológico D. Ventura, movendo a cabeça em sinal de dúvida, disse:

— Mas tudo isso é uma fábula.

— Que deu bastante assunto, respondeu o pintor, para que Scopas, deixasse essa sublime e inimitável escultura, que é uma verdade admirada por todas as nações; grupo sublime do qual nos permitirá que tiremos um rápido *croquis*.

E Ernesto começou a copiar a obra prima do célebre filho de Paros.

D. Ventura encolheu os ombros, e enquanto Amparo e Ernesto desenhavam a Niobe, entreteve-se a ver os bustos antigos, as estátuas egípcias, os sarcófagos e o retrato de Bruto feito por Miguelangelo.

O rico comerciante passava com ligeireza por todas aquelas obras de mérito. Para ele não tinham a importância que lhe atribuíam; e do fundo do coração dizia que os artistas eram uns pobres loucos que viviam de ilusões, exagerando tudo.

Ernesto e Amparo entretanto tiravam um desenho do grupo: e tão embebidos estavam no seu trabalho que não repararam que um rapaz elegantemente vestido, de corretas feições e maneiras distintas, se deteve a poucos passos

deles, e tomando das mãos de um criado que o seguiu o *carnet* de desenhos, começou a tirar uma copia da célebre escultura de Scopas.

Chamava-se Fernando de Vilar, Conde de Loreto.

Quando Amparo desviou os olhos do papel onde desenhava viu o conde, e este cumprimentou-a com um ligeiro movimento de cabeça. Ernesto cumprimentou-o mas com uma certa frieza que demonstrava o desgosto que lhe causava a presença daquele homem.

Ao sair da sala de Niobe, D. Ventura disse:

- Viram o conde de Loreto?
- Era o jovem que desenhava próximo de nós? perguntou Amparo.
- Sim. Ocupa o andar por cima de nós.

E deixando a conversação continuaram visitando o palácio.

O rico museu dos Médicis, contém dezenove galerias.

Não é, pois, nosso intento percorrer minuciosamente estes imensos arsenais da arte, detendo-nos ante cada obra-prima que se apresenta aos ávidos olhos do viajante entusiasta.

Os nossos amigos dedicaram os dias a ver os museus, as bibliotecas e as igrejas. Para as noites ou assistiriam aos espetáculos, ou passeariam nos jardins, aspirando os perfumes.

A segunda noite da sua estada em Florença, Amparo passeava no jardim com Ernesto, quando lhe chegaram aos ouvidos as melodiosas notas de um órgão expressivo, tocado com tanto gosto como mestria. Detiveram-se e ouviram com a religiosidade dos amantes de música.

No dia seguinte Amparo perguntou ao senhor Rosales quem tocava o órgão.

- O senhor conde de Loreto. É um grande músico.

Desde então Amparo abriu algumas noites a janela para ouvir o órgão

Um dia D. Ventura deteve-se diante da célebre mula negra do palácio Piti.

- Isto será um capricho de algum célebre escultor? perguntou.
- Isto é a vergonha de um nobre tão ingrato como parvo, respondeu Ernesto.

— Temos outra história como a da Niobe?

— Não, esta é histórica e vergonhosa para o autor. Luc Piti foi um homem cuja riqueza e liberdades lhe tinham granjeado a estima dos seus concidadãos e a aura da popularidade. Piti quis lutar em magnificência com Cosme de Médicis, e começou a construir um palácio, que é este em que nos achamos; mas bem depressa se viu arruinado, e a obra teve que suspender-se. O povo sempre generoso e agradecido com os que dele se recordavam e os Médicis, protetores da arte, vieram em ajuda do soberbo Piti, publicou-se um decreto concedendo o perdão a todos os criminosos e malfeitores que viessem trabalhar no palácio de Luc. O povo correu em tropel a trabalhar nas obras: todos os condenados de Itália vieram também. O palácio acabou-se com o suor dos pobres; mas Piti tão néscio como ingrato, fez construir essa mula gravando-lhe no pedestal um dístico latino para sua eterna vergonha, pois prova-nos a sua inqualificável ingratidão, porque a mula representa o povo e o dístico diz: “*Esta azemola trabalhou e conduziu tudo; pedras, mármore, madeiras e colunas.*”

Outra tarde Ernesto conduziu os seus amigos à igreja de São Giovanni, fazendo-lhes admirar os quadros de Andrea del Sarto, tão miseravelmente retribuído pelos frades, e ante a inimitável *Virgem do Saco*, por cuja obra, que admira o orbe, pagaram-lhe com um saco de trigo os irmãos servitas da Anunciada, abusando da pobreza do artista, que se vingou, pondo o mundo por testemunha da sua humilhação dando à sua obra o nome de *Virgem do Saco*.

Visitaram também os sepulcros dos poetas e dos grandes artistas. Junto ao de Dante Alighieri, onde chora a poesia e medita a estátua de Florença, Amparo e Ernesto recordaram Beatriz e os seus interessantes amores.

Assim se passavam os dias, crescendo nas almas dos dois jovens esse prelúdio do amor que se chama simpatia.

Mas deixemos a luz desse esplendoroso sol de Florença, para gozar dos poéticos raios da lua. A noite tem também os seus atractivos.

## CAPÍTULO 6: UM BEIJO

Os nossos viajantes foram várias vezes aos teatros mais importantes de Florença; ao de *Pergola* que comporta duas mil e quinhentas pessoas, que tem cinco ordens e cento e dez camarotes, ao de *Los Intrepidos* e ao de *Alfieri*.

O tempo passava-se sem se sentir.

D. Ventura disse uma manhã:



— É preciso pensar na nossa volta para Espanha, e contando que sempre nos demoraremos quinze dias em Paris, não temos muito tempo para permanecer em Florença.

Isto foi um grito de alarme para Ernesto. Era tão feliz ao lado de Amparo!

Os vinte cinco dias passados em Florença tiveram para ele a duração de um minuto. Milhares de vezes durante esse período esteve a ponto de lhe assomar aos lábios o segredo que se lhe ocultava no coração.

O receio detinha-o. Amava Amparo com tão firme, tão pura paixão, que o medo de um desengano lhe emudecia a boca.

Uma tarde D. Ventura saiu para receber uma letra. Amparo, sentada próximo da janela, entretinha-se em colecionar e guardar um grande número de desenhos, feitos pelo seu companheiro, das belezas artísticas que juntos tinham admirado.

Ernesto entrou no gabinete. Amparo estendeu-lhe a mão sorrindo-se:

— Bem vê, senhor Ernesto, que como a nossa partida se aproxima, ocupo-me em colecionar convenientemente estes preciosos desenhos, que conservarei toda a minha vida, pois encerram a história desta viagem encantadora, viagem que, como todas as cousas terrestres, tem que acabar em breve.

Ernesto julgou ouvir sair um débil suspiro dos lábios de Amparo. O seu coração bateu com violência, fez-se pálido e como receasse que as forças o abandonassem, sentou-se numa cadeira ao lado da jovem.

— Para que a vi em Roma?!

Esta exclamação que se lhe escapou do coração fez estremecer Amparo; mas serenando imediatamente disse:

— Tem pena que a casualidade nos tivesse feito amigos?

Ernesto deixou cair a cabeça sobre o peito. A simpática fisionomia do pintor tinha naquele momento a expressão da mais profunda tristeza.

Amparo compadeceu-se daquele amante respeitoso que se não atrevia a declarar-lhe o seu amor.

A compaixão, essa bela e delicada qualidade da alma da mulher, apoderou-se do coração da jovem, e com uma doçura infinita, perguntou:

— Mas, meu Deus. O que tem, Ernesto? Nunca mais nos tornaremos a ver?

Ernesto, que sentia penetrar no fundo do seu coração a doce voz de Amparo, levantou a cabeça, fixou nela um amoroso olhar, e disse:

— Irei a Madrid antes do fim de setembro; mas durante esses três meses que faltam, a minha alma viverá em eterna solidão, rodeada de triste melancolia porque vai partir, e eu amo-a como um louco.

Amparo corou. As suas formosas faces cobriram-se desse encantador carmim que tão bem assenta às jovens e que tanto arrebatam e enlouquecem os homens.

— Sim, para que ocultar-lho por mais tempo? continuou Ernesto. Deve tê-lo compreendido. Se os meus lábios ainda lho não disseram, os meus olhos têm-lho confessado infinitas vezes. Quando se ama pela primeira vez, com a veemência filha de um amor tão firme como verdadeiro, é trabalho em vão dissimulá-lo. Os olhos revelam o sentimento da alma e atraíam-nos. Não é verdade, Amparo, que já tinha adivinhado que eu desde Roma a amava com toda a minha alma? Oh! isto certamente não era segredo para si.

Amparo suspirou. Os seus olhos belos, cheios de melancólica expressão, fixaram-se com certo receio no jovem, e com voz trêmula e doce, respondeu:

— Sim, Ernesto, adivinhei-o e, não obstante, fui a causadora desta viagem. Se em Roma nos tivéssemos separado, talvez que a estas horas já não pensasse em mim.

— Não pensar em si! Isso para mim é tão impossível como seria a Tasso não pensar em Leonor, a Rafael esquecer a Fornarina, cujo retrato contemplamos os dois de mãos dadas em Roma, e cuja copia admiramos também em Florença. Para certos homens é um passatempo, uma nuvem de verão carregada de mais ou menos eletricidade, mas que passa e que rapidamente desaparece; para outros, o amor é a vida, é a luz, é o ar que dá vida, força à imaginação, alegria à alma, porque o amor é para ele a única luz que lhe embeleza tudo; tirando-lhe esse amor, ficam rodeados das mais profundas trevas e morrem de tristeza.

Ernesto ia continuar quando se ouviu a voz de D. Ventura, que falava na sala anterior com o senhor Rosales.

— Por Deus, Ernesto, disse Amparo com voz suplicante, que meu pai não suspeite nada!

— Esteja descansada, Amparo. Não receie que a importune; para amar não é preciso ser correspondido. Esta noite estarei à meia-noite no caramanchão do

jardim. Espero-a até que amanheça: se vier, a bela flor da esperança renascerá na minha alma, perfumando a minha existência, se não vier, amanhã, com qualquer pretexto, partirei para Roma e não nos tornaremos a ver.

Amparo guardou silêncio. Ernesto pôs-se a arranjar os desenhos, procurando dissimular a sua comoção.

Quando entraram Rosales e D. Ventura, os dois jovens ocupados com os desenhos, não inspiraram a menor suspeita ao honrado comerciante.

— Fazem muito bem em dispor tudo, disse D. Ventura. Entre quatro ou cinco dias tomaremos o caminho de França.

— Com que então decididamente partimos, papá? perguntou Amparo.

— Filha, há cerca de três meses que saímos da nossa casa, é preciso voltarmos a ela.

— Em verdade, senhor D. Ventura, que esta viagem tem um tanto de traiçoeira, respondeu Ernesto esforçando por rir-se. Enfim, brevemente nos veremos em Madrid.

— Diga que é a melhor terra do mundo.

— Assim a reputo.

— Creio que hoje não temos nada que fazer, prosseguiu D. Ventura.

— Esta noite, se quiserem, iremos ao teatro. Estreia-se uma ópera em Pergala.

— Não, estou muito cansado, e esta noite quero-me deitar cedo; mas se quiser não se prenda por nossa causa.

— Convém-me ficar em casa. Temos que aperfeiçoar alguns desenhos, tirados tanto à pressa, que apenas são quatro traços. Também fico em casa.

— Ah! esquecia-me dizer-te que estive falando com o vizinho do primeiro andar.

— Com o conde de Loreto?

— Sim.

— Dizem que é um sujeito que deu muitos desgostos à mãe... disse Amparo.

— Em Madrid está sempre em ordem do dia a mexeriquice: O conde de Loreto é um rapaz como muitos outros, que se divertem quanto podem, porque teve a

sorte de herdar dos pais uma grande fortuna. Imagina que esse rapaz tem agora 28 anos, possui uma fortuna de quinze milhões. Demais, dizem que é muito instruído. O nosso hospedeiro não se cansa de o gabar.

— É um bom hóspede, disse Amparo, sorrindo-se.

Ernesto não tomava parte na conversa: desagradava-lhe ouvir elogios do conde.

Mas deixemos correr as horas, e com a rapidez do pensamento transportemo-nos ao jardim da casa que ocupavam os nossos conhecidos.

Os relógios de Florença acabam de dar as onze e três quartos, quando Ernesto saltou da janela para o jardim dirigindo-se para o caramanchão, coberto de madressilva, lúpulo e hera.

Dentro do caramanchão haviam quatro bancos e uma mesa. Ernesto sentou-se num disposto a esperar toda a noite como tinha dito a Amparo.

A lua estava em quarto minguante, o céu límpido e de um azul escuro carregado onde as estrelas brilham de uma maneira extraordinária.

A brisa noturna roubava a essência perfumada das flores, e, sempre prodiga, espargia pelo ambiente como se tivesse envergonhado daquela usurpação.

Num relógio de torre soou a meia-noite.

Ernesto levantou a cabeça, pôs-se de pé e foi pôr-se em uma das entradas do caramanchão. O coração dizia-lhe que Amparo vinha.

A noite é em todos os países a protetora carinhosa dos namorados, porque o amor, vulgarmente tímido à luz do sol, cobra valor e energia antes esses tíbios reflexos que a lua envia do céu.

Ernesto, de pé junto da entrada do caramanchão, com uma das mãos sobre o coração e a outra languidamente caída, dirigia olhares cheios de inquietação para o silencioso edifício de onde devia vir a sua felicidade, a sua dita, o anjo dos seus sonhos.

Passou-se um quarto de hora. Amparo não vinha, e os segundos passavam com um vagar, com uma monotonia aborrecedora para Ernesto.

Por fim os lábios entreabriram-se-lhe, sem dúvida para dar um grito de prazer, mas conteve-se. Vira desenhar-se entre as sombras das árvores a encantadora silhueta de um corpo para ele conhecido, e em seguida uns passos

se ouviram na areia das ruas que conduziam ao caramanchão, e o ligeiro *frou-frou* de um vestido que se aproximava.

Ernesto saiu ao encontro de Amparo, porque era ela; pegou-lhe numa mão e conduziu-a até ao caramanchão.

A jovem tremia; estava nervosa e pálida.

Ernesto sentou-a num dos bancos procurando tranquilizá-la.

— Obrigado, Amparo, obrigado por tanta bondade. Tranquelize-se, os homens honrados que amam como eu, sabem respeitar o objeto do seu amor.

— Ernesto, respondeu a jovem, cometi uma imprudência. Nunca devia ter vindo.

— Tão pouca confiança lhe inspiro?

— Sim, muita, meu amigo, muita; de contrário não teria vindo. Mas sou franca, não pude resistir, porque as últimas palavras que me disse esta tarde pareciam recriminar-me. Bem vê: aqui estou, apesar de tudo. Tive um susto terrível. Para vir ao jardim era preciso passar pelo quarto de meu pai; receei despertá-lo. E sabe o que fiz? Pois bem, vou-lhe dizer: saltei pela janela. Nem eu mesmo posso explicar como tive coragem para tanto: tratava-se de me despedir de um amigo bom e leal, e não tive ânimo para faltar.

Ernesto tinha entre as suas as mãos de Amparo, que apertava docemente, escutando ao mesmo tempo aquela voz encantadora que tão suavemente lhe vibrava no coração.

Nunca experimentara um prazer tão completo, uma felicidade tão inefável.

O perfume das flores, o aroma da madressilva que se espalhava naquele recinto; a luz tibia da lua, que penetrava no caramanchão pelos intervalos das folhas; aquela mulher, bela como o mais perfeito e encantador sonho da sua alma de artista, tudo contribuía para que Ernesto se julgasse arrebatado da terra pelos anjos e transportado a esse paraíso de amor que tanto embriaga as pobres criaturas.

— há momentos de felicidade, exclamou Ernesto, que nunca deviam acabar. Se ao homem fosse dado escolher o momento da sua morte sem passar por suicida, eu escolheria este.

— Está louco, Ernesto?

— Quem sabe! Talvez. O amor não é outra coisa senão uma loucura sublime que conduziu Rafael aos pés de uma moleira, Tasso a uma prisão e Ovídio a uma masmorra. A história conta-nos tantas loucuras de amor, que seriam necessários muitos volumes para a descrever. Mas, feliz o que ama e é correspondido! Ditoso o que ao dar metade da sua alma, recebe em troca outra metade que lhe envia um peito agradecido em mútua correspondência.

Amparo suspirou em silêncio. Ernesto, julgando que esse suspiro era uma confissão, levou aos lábios a mão da donzela, imprimindo nela um beijo.

Amparo estremeceu sem retirar a mão.

Esta condescendência animou o pintor.

— Vamo-nos separar, Amparo; não nos veremos durante três meses; necessito ouvir antes uma palavra que inunde de felicidade o meu peito, que deposite o perfume da esperança em meu coração. Também me ama?

— Ernesto, Ernesto, tudo isto me parece uma loucura, respondeu debilmente Amparo.

— Não, não é essa a resposta que desejo, é outra, meu anjo. Ama-me, sim ou não?

— Pois bem, sim. Há muito que o devia saber; desde a noite do Coliseu de Roma.

Ernesto não pôde conter um grito de imensa felicidade, e enlaçando com o braço a cintura da donzela exclamou:

— Juro pelas cinzas de minha mãe amar-te enquanto viva, e conquistar um nome tão glorioso que te sintas orgulhosa chamando-te minha.

Este juramento, esta exclamação, brotaram de uma alma de artista, cheia de fé, de entusiasmo, de amor.

Amparo assim o compreendeu, e, agradecida por tão grande paixão, achava-se num desses momentos de fraqueza em que a mulher não tem forças para resistir, momentos perigosos, dos quais só se aproveita o homem para satisfazer um desejo, causando a infelicidade daquela a quem jura um amor eterno e por quem nesse instante faz os maiores sacrifícios.

Mas Amparo rapidamente serenou; conheceu que era uma imprudência permanecer à beira de tão grande precipício, e ainda que Ernesto lhe inspirasse

absoluta confiança, como ele mesmo acabava de dizer, amor não é outra coisa senão uma loucura sublime; por isso pôs-se de pé e disse:

— Separemo-nos, Ernesto, estou desassossegada e por enquanto convém que o nosso amor seja um segredo.

— Já? disse o pintor, tornando a cingi-la pela cintura. Pensa, querida, que em poucos dias nos vamos separar.

— Amanhã nos tornaremos a ver aqui, se eu puder vir; mas hoje... hoje não devo ficar mais tempo.

— Pois bem, sim, separemo-nos, não quero que estejas inquieta; sou demasiado feliz para te desgostar; mas se te inspiro confiança, se queres que seja esta a noite mais bela da minha vida, permite-me que sele com um beijo a mútua promessa que acabamos de fazer.

— Meu Deus, Ernesto, por compaixão! Ah! Para que vim?

O pintor estreitou docemente o desfalecido corpo de Amparo de encontro ao seu. Aquelas duas cabeças jovens, apaixonadas, uniram-se; aquelas duas bocas tocaram-se e o doce som de dois beijos confundidos num fugiu nas asas da brisa noturna.

Pobre Ernesto! Ele tinha dado toda a sua alma naquele beijo, enquanto que Amparo só lhe tinha feito uma esmola como paga de agradecimento que a sua deferência para com ela inspirava.

Amparo desprendeuse dos braços de Ernesto, saindo rapidamente do caramanchão.

Ernesto deixou-se cair num dos bancos, murmurando em voz baixa:

— Meu Deus! Esta felicidade que sinto é demasiadamente grande para que seja duradoura!

## CAPÍTULO 7: **SEPARAÇÃO**

No dia seguinte quando Ernesto apareceu no quarto de D. Ventura, este disse-lhe:

— Que pálido que está? Que é isso? Não se sente bem? São más as águas de Florença?

- Pálido? respondeu Ernesto. Estou como sempre, estou bom.
- Não, não, está com muito má cor. Não achas, Amparo?
- Acho-o na mesma, papá, respondeu Amparo de um modo natural.
- Seja como for, disse Ernesto sorrindo-se, não pensemos nisso e tratemos de aproveitar o tempo que nos resta.

D. Ventura, que não tinha vontade própria, pegou no Guia, Ernesto e Amparo nos seus *carnets* de desenho e saíram de casa com a incansável curiosidade dos viajantes.

\*\*\*

Naquela noite foram ao teatro de *Alfiere*, onde se representava *O pai de família*, do célebre poeta cômico Carlos Goldoni, a quem chamavam o *Molière italiano*.

Ao começar o primeiro ato abriu-se o camarote fronteiro ao dos nossos amigos e entrou um jovem vestido de rigoroso luto.

— Olhem, disse D. Ventura. É o nosso vizinho do primeiro andar, o conde de Loreto.

Amparo dirigiu o olhar maquinalmente até ao camarote.

Ernesto, como sempre, ao ouvir pronunciar aquele nome sentiu uma vaga inquietação.

O conde de Loreto teria vinte e oito anos. Era alto; não podiam ver-se com facilidade as suas feições, mas de longe parecia muito pálido, elegante e simpático. Era um desses tipos distintos que fazem com que se fixe neles a atenção. Como o pano acabara de levantar, o conde sentou-se. Durante o ato esteve ouvindo com grande atenção. Ao acabar saiu do camarote para não tornar.

A mais de metade do terceiro ato, D. Ventura que parecia gozar falando do seu vizinho, disse:

- Que homem tão extraordinário!
- Quem? perguntou a filha.
- O conde de Loreto. Durante o primeiro ato, nem pestanejou, ouvindo com atenção os versos de Goldoni, e durante o segundo e terceiro não tornou a



entrar, mostrando a indiferença irritante dos nossos elegantes de Madrid em noite de estreia.

Amparo nada respondeu. Ernesto guardou silêncio.

Depois da comédia representava-se uma dessas farsas em um ato que tanto agrada aos italianos em que toma parte a figura de Polichinelo; farsas vulgarmente improvisadas pelos atores que as representam.

Como D. Ventura era um bom espanhol, não sabia passar sem o cigarro, e saiu do camarote para satisfazer o inocente vício.

Ernesto e Amparo ficaram sós.

Durante alguns segundos ficaram silenciosos; ela parecia preocupada, ele triste.

Por fim Ernesto rompeu o silêncio.

— Que tem, Amparo? Noto nos seus formosos olhos uma melancolia que me entristece.

— Penso que em breve nos vamos separar.

— Ah! sim! É verdade! Mas esta noite...

— Não, Ernesto, não; esta noite não vou ao jardim, receio que meu pai saiba.

— Pois bem, não quero ser exigente; não saias, mas ao menos abre-me a janela para que possa ver o luar sem testemunhas importunas; que possa dizer-te no silêncio da noite o que sente o meu coração.

— Amanhã, Ernesto, amanhã, prometo-te abrir a janela para me despedir de ti; hoje sinto-me mal; necessito descansar.

— Mas é uma crueldade roubar-me uma noite quando tão poucas nos restam.

Amparo fixou os seus olhos no pintor, e compadecida da triste e apaixonada expressão de Ernesto, disse:

— Bem, abrirei.

Ernesto fez um movimento como para se apoderar de uma mão da Amparo, mas esta conteve-o com o olhar, exclamando:

— Que vai fazer? Que imprudência!

Ernesto conteve-se, e só então se recordou que se achava no teatro.

Durante a farsa, D. Ventura riu-se muito. Ao acabar dirigiram-se para casa.

À uma da madrugada, Ernesto estava junto à janela do quarto de Amparo. Chamou suavemente. A janela abriu-se. Amparo apagara a luz; assomou à janela e começaram um desses diálogos, doces, apaixonados, cheios de encantadoras trivialidades, que só têm valor aos ouvidos dos namorados.

Quando eram três horas. Amparo disse:

— Separemo-nos já, Ernesto.

— Bem, separemo-nos, mas dá-me outro beijo de despedida.

Amparo inclinou a cabeça e como na noite anterior, duas bocas se juntaram, e um beijo cheio de amorosa ternura interrompeu o silêncio da noite.

Ernesto e Amparo, durante aquelas duas horas de amoroso colóquio, fizeram mil promessas de amor e fidelidade.

— Não me esqueças nunca, disse o pintor; pensa sempre em mim.

Amparo tirou uma fita de seda com que prendia os cabelos e deu-a a Ernesto.

— Esta fita será a que une os nossos corações. Pega, conserva-a.

Ernesto cobriu de beijos aquela fita, que jurou conservar toda a sua vida como uma recordação de tão feliz noite.

Quando o pintor entrou no seu quarto, pegou na pena e escreveu na fita: *“Florença, 2 de Julho de 186...”*.

Depois deitou-se, e não demorou muito em gozar um desses sonhos de que não quisera despertar.

\*\*\*

Dois dias depois, Amparo, seu pai e Ernesto entravam na sala de espera da estação. O comboio estava preparado para partir; faltavam alguns minutos para se pôr em andamento.

O pintor esforçava-se por se mostrar satisfeito, mas uma enorme tristeza lhe oprimia o coração.

Nunca Amparo lhe parecera tão bela como naquela ocasião, mas era preciso resinar-se à separação.

Os olhares furtivos que ela lhe dirigia pareciam dizer-lhe:

— Confia e espera. Em breve nos tornaremos a juntar.

Rapidamente D. Ventura pôs a sua mala de mão sobre um banco da estação e disse:

— Oh! Aquele não é o conde de Loreto?

Ernesto e Amparo voltaram-se.

Efetivamente, o conde estava sentado a um canto com um livro na mão, e falando em voz baixa com um velho de cabelos brancos, gravata branca e sobrecasaca preta que o ouvia em respeitosa atitude.

O velho era um desses tipos próprios para mordomo de casa rica; de parecer carregado, severo e completamente barbeado.

O conde de Loreto parecia dar-lhe algumas ordens; o velho cumprimentou e saiu do salão e foi para o local destinado aos despachos na estação.

Ernesto pôde ver então perfeitamente aquele rapaz, que parecia segui-lo como uma sombra.

Era, em verdade, belo e distinto, notando-se-lhe na pálida e simpática fisionomia uma profunda melancolia que interessava.

A julgar pelo traje, o conde ia empreender alguma viagem.

— Irá para Paris, também? pensou Ernesto, sentindo-se inquieto, mau grado seu, ante o conde de Loreto.

A sineta deu o sinal. Os passageiros dirigiram-se para a gare a fim de escolherem lugares.

D. Ventura, que caminhava à frente, deteve-se junto de um compartimento de primeira classe, e disse:

— Aqui.

E subiu adiante para dar a mão a Amparo.

Num canto do compartimento e sobre um banco estava uma mala de viagem; no da frente o velho que pouco antes estivera falando com o conde de Loreto.

Era por acaso ou propositadamente a escolha de D. Ventura? Quem sabe? Talvez que o honrado comerciante, vendo num compartimento de primeira classe o mordomo do conde de Loreto, escolhesse aquela carruagem com o firme propósito de viajar com um compatriota de sangue azul, ou talvez não reparasse senão depois no silencioso e simpático ancião.

Mas a escolha causou um profundo desgosto a Ernesto, que pela primeira vez sentiu no peito a terrível punhalada do ciúme.

O pintor apertou a mão do comerciante e depois a de Amparo, enviando-lhe toda a sua alma num olhar.

— Até setembro, lhe disse.

Naquele momento ouviu-se uma voz varonil, mas doce e respeitosa, que disse em castelhano:

— Dá-me licença, cavalheiro?

Ernesto deixou-o passar. O conde de Loreto cumprimentou e subiu para a carruagem, indo sentar-se em frente do seu mordomo.

Apitou a locomotiva, e começou o comboio a mover-se e a sair pausadamente da estação.

Amparo e D. Ventura assomaram à janela e acenaram com um lenço ao seu bom amigo.

Um momento depois, o comboio tinha desaparecido; mas Ernesto como se estivesse pregado ao chão permanecia imóvel e preocupado.

\*\*\*

Naquela noite, Ernesto partiu para Roma, levando a dúvida na alma e o ciúme no coração.

Pobre sonhador! Infeliz artista, que tinha trocado por um beijo, a felicidade, a paz do seu espírito e todos os seus sonhos de glória!

## CAPÍTULO 8: CAMINHO DE ESPANHA

Ernesto encerrou-se no *atelier*. Era preciso ganhar o tempo perdido; era preciso acabar o seu quadro quanto antes e regressar a Espanha e sobretudo era indispensável fazer uma obra-prima que cobrisse o autor de glória, que fosse falada em todo o mundo, e que Amparo se sentisse orgulhosa. Mas aí! o pobre artista tinha a imaginação demasiadamente ocupada, a alma pouco sossegada para conseguir o seu fim.

Contudo, fez esforços heróicos, trabalhava enquanto tinha luz, e durante as noites, fechado no quarto, passava longas horas, escrevendo as impressões da sua alma no meio da soledade em que vivia.

— Amanhã, quando nos tornarmos a reunir, pensava ele, entregar-lhe-ei estas folhas de papel em que diariamente escrevo os meus pensamentos, e ela verá que a não esqueci nem um só instante, que a continuo amando como nunca.

Ernesto pintara um pequeno quadro, representando a cena do caramanchão, no momento de dar e receber o beijo de Amparo. Os dois jovens, docemente abraçados, estavam iluminados pela débil luz da lua.

O grupo era encantador; respirava amor, ternura, poesia.

Era aquele quadro uma grata recordação que a sua alma sensível transportara à tela.

Em volta do quadro colocou a fita que lhe dera Amparo.

Durante a noite, Ernesto passava às vezes um quarto de hora contemplando o pequeno quadro, pendurado numa parede do seu quarto.

Depois pegava na pena e escrevia. Isto consolava-o.

O pintor acabou por fim o seu quadro e convidou para almoçar alguns amigos para que vissem a sua obra e dessem a sua opinião.

A opinião geral foi de que ganharia o primeiro prêmio.

Ernesto meneou a cabeça em sinal de dúvida.

— Parece-me que podia fazer mais do que o que fiz, e duvido muito que o meu quadro tenha o mérito que supõem.

Os seus companheiros trataram de convencê-lo de que o seu desalento, a sua falta de confiança eram infundados.

No dia seguinte, Ernesto escreveu uma carta ao judeu Daniel.

O negociante de quadros, como sempre que se tratava de fazer algum negócio, apresentou-se com pontualidade.

— Vou para Espanha, disse Ernesto.

— O que quer dizer que precisa de dinheiro.

— Sim, vou expor o meu quadro; por conseguinte escolha o que gostar.

Daniel passou revista aos quadros com a sua tranquilidade costumada, e escolheu a maior parte das pequenas telas que o pintor possuía.

Depois de ajustar e ao entregar o dinheiro, disse Daniel:

— São os artistas tão pouco agarrados ao dinheiro!... E contudo, o dinheiro é a alma da vida. Com que então vai para Madrid?

— Sim, senhor. Amanhã saio de Roma.

— No museu de Madrid há quadros de muito mérito, como também em várias igrejas; e se o senhor fosse um homem de palavra...

Ernesto sorriu-se.

— Se eu não soubesse o quanto me aprecia, respondeu, quase teria direito a ofender-me com as suas palavras.

O senhor Daniel que nunca abandonava a caixa de rapé, tomou uma pitada com gravidade, e disse:

— Em Madrid existem preciosos originais dos melhores autores. Temos aí sobretudo os da escola espanhola, e se quisesse tirar-me algumas copias feitas com consciência, não teria inconveniente em ficar com elas.

— Isso depende do trabalho que tiver na minha pátria.

— Será pouco. Em Espanha não há costume de proteger as artes. A política, os touros e a bolsa absorvem a atenção dos espanhóis. As artes e a agricultura encontram-se em completo abandono. Para ser artista em Espanha, precisa ter a força de vontade de Aristóteles, a paciência de Jó, e o estômago privilegiado dos árabes; e para ser agricultor a resignação de Santo Isidro, com a desvantagem de que no tempo daquele santo, os anjos desciam à terra e lavravam para que o santo dormisse, e hoje os anjos não lavram. Mas, enfim, o senhor pensará o que lhe convém e nesse sentido me escreverá indicando-me os tamanhos e o preço por que m'os vende.

Ernesto compreendendo que o judeu tinha razão, não o contradisse, porque sabido é que sendo Espanha um país agrícola, não tem outra proteção senão a da Providência. Quando chove muito sucede como no Egito, têm boa colheita. Quando chove pouco, os pobres lavradores pagam o mesmo ao *protetor* governo que não se ocupa deles e morrem de fome; mas isso pouco importa, contanto que se receba a contribuição, porque nessa desgraçada nação chegou a ser impossível encontrar-se um governo *bom e barato*.

Resumindo: Ernesto partiu de Roma, no dia seguinte, levando no quadro uma esperança de gloria; no beijo que abrasara a sua alma uma esperança de amor.

Três meses tinham decorrido desde o dia em que se separou de Amparo. Durante este tempo, nem uma só carta recebera.

Ernesto levava, sem saber porquê, a tristeza na alma. Há pressentimentos que perseguem o homem com a tenacidade da sombra. O conde de Loreto fora para Ernesto, desde o primeiro dia, uma ave de mau agouro.

Deixemo-lo viajar até Espanha, e encontremo-nos novamente com a formosa Amparo.

O coração da mulher é insondável; não se pode definir, porque é vario e caprichoso como a mesma natureza. Por isso Amparo, que indubitavelmente saiu de Florença enamorada do pintor, chegou a Paris pensando muito no seu companheiro de viagem, o jovem conde de Loreto.

Vejamos o que sucedeu.

## CAPÍTULO 9: DE FLORENÇA A PARIS

Fernando del Vilar, conde de Loreto, depois de cumprimentar respeitosamente com um movimento de cabeça os seus companheiros de viagem, acomodou-se do melhor modo possível no canto, e pôs-se a ler. Em frente dele, grave e imóvel como *El banquero de Cera*, de Paulo Féval, estava o velho mordomo. D. Ventura pensou que com uns companheiros tão graves se iria aborrecer extraordinariamente, mas restando-lhe a consolação de ler até que se apresentasse melhor ocasião, tirou o *Guia* que lhe oferecera Ernesto.

Amparo, alguma cousa preocupada com a recente despedida do homem a quem julgava amar, fechou languidamente os olhos e entregou-se a essa doce vida das recordações em que o passado é o presente da imaginação.

Durante a primeira hora tudo se passou da forma por que acabamos de descrever. Depois, como se prolongasse o silêncio, Amparo, olhava dissimuladamente o jovem aristocrata que tão embebido estava na leitura.

O conde de Loreto era um desses homens a quem as mulheres não podem olhar impunemente, porque o seu rosto pálido e formoso, a triste expressão do seu semblante, convida o belo sexo a fazer esses terríveis comentários que lhe são tão peculiares.

Porque seria que sendo o conde de Loreto imensamente rico, estava tão triste? Isto pensou Amparo. E vendo através aquela melancolia imprópria da juventude, uma história interessante, teve empenho em conhecê-la.

Desde aquele momento a felicidade de Ernesto estava ameaçada da morte.

D. Ventura, que tinha passado a maior parte da sua juventude atrás de um balcão, com os olhos alegres, o sorriso nos lábios, a língua disposta a entabular conversação com os fregueses, aborrecia-se extraordinariamente no meio daquele silêncio enfadonho e do ruído da trepidação que a máquina transmite aos *vagons*.

Não podendo suportar aquela situação por mais tempo, deixou o livro e dispôs-se a falar com a filha, pensando que talvez assim conseguisse interessar o conde na conversa.

— Olha, Amparo, que delicioso panorama apresenta essa povoação colocada assim na falda desse monte, exclamou Ventura. Oh! decididamente a Itália é um país encantador.

— Que povo é este? perguntou Amparo.

— Diabo! É difícil de t'o dizer porque me esqueci de comprar o Guia dos Caminhos de Ferro.

O conde levantou a cabeça e assomando-a à portinhola, disse com voz harmoniosa e clara.

— Este povoado, chama-se, se me não engano, *Santa Maria dela Spina*.

Amparo cumprimentou com a cabeça, como dando os agradecimentos ao conde pela sua deferência.

— Obrigado, senhor conde, disse D. Ventura, no tom mais amável que lhe foi possível.



O conde tirou um livro da sua mala de mão, e dando-o a D. Ventura, continuou:

— Possuo por casualidade dois Guias Gerais dos Caminhos de Ferro de Itália e França. Se o senhor quer aceitar um...

— Bem vê, Amparo; isto é o que se chama viajar com sorte. Em Roma encontramos o bom Ernesto, que foi para nós o melhor dos *cicerones*; aqui o senhor conde de Loreto oferece-nos um *Guia* que tirará pelo caminho todas as dúvidas.

Fernando sorriu-se, e respondeu:

— O favor é tão insignificante, que não merece a pena falar nele; sobretudo, entre compatriotas e vizinhos, pois creio que somos vizinhos há um mês.

— Sim, senhor, em casa de Rosales.

— Tive o prazer de ouvir esta senhora tocar piano algumas noites; toca admiravelmente.

— E o senhor conde, segundo me disse minha filha, toca muito bem órgão.

Amparo se pudesse teria tapado a boca a seu pai. Mas já dissemos que D. Ventura tinha muita vontade de falar, e sobretudo fazer-se amigo do conde.

— Ah! incomodei com o meu órgão algumas noites esta senhora?

— Pelo contrário, pelo contrário, senhor conde; ouvimo-lo com muito prazer. Abríamos as janelas para o ouvir melhor, ajuntou D. Ventura.

— O órgão, disse Amparo, tomando parte na conversa, receando sem dúvida que seu pai cometesse alguma imprudência, é um dos instrumentos que, quando bem tocado, expressa melhor o sentimento da música.

— Sim, minha senhora, quando seja bem tocado, acrescentou o conde, deixando assomar aos lábios um sorriso imperceptível: mas, desgraçadamente, não sucede isso comigo; toco por curiosidade, e nada mais. Apaixonado pela música até ao exagero dedico-lhe alguns momentos de ócio. Admiro os grandes mestres, mas em mim a música, como em tantos outros, não é mais do que um adorno, uma parte da educação. Toco, é verdade, mas toco muito mal, o que é o pior.

D. Ventura estava encantado com a singeleza e naturalidade com que se expressava o conde.

- Quisera, contudo, disse o pai de Amparo, saber tanto como o senhor.
  - Saberá muito pouco, meu amigo; sobretudo, na Itália que estamos atravessando, onde todos são músicos.
  - O senhor conde chamar-me-ia indiscreto se lhe fizesse uma pergunta? disse D. Ventura.
  - Entre compatriotas que viajam juntos na mesma carruagem deve reinar a maior franqueza. Pode perguntar o que quiser.
  - Vai diretamente para Paris, ou pensa deter-se em alguma cidade de Itália?
  - Vou para Paris; já percorri três vezes toda a Itália.
  - Então faremos a viagem juntos.
  - Pelo que me considero extremamente feliz.
  - Paris é o povo mais alegre da Europa.
  - E tem a vantagem de que os estrangeiros em Paris encontram-se quase tão bem como na sua pátria.
  - O caráter parisiense é a reunião da alegria e da amabilidade; gostam de ser amáveis, e esforçam-se para o conseguir.
  - Sempre que disso lhes resulte alguma vantagem, continuou o conde, mas seja como for, passa-se admiravelmente uma temporada naqueles modernos *boulevards*, onde o luxo reuniu todas as encantadoras loucuras. Oh! Só para ceiar uma noite no café *Tortoni*, almoçar na *Maison Dorée* e passear uma tarde no *boulevard dos italianos* vale a pena fazer-se uma viagem a Paris.
  - E vai estar muito tempo na capital de França? perguntou D. Ventura.
  - Tenho muito que fazer, disse Fernando, sorrindo-se; primeiro ouvir a Pati na *Sonâmbula*, depois correr uma égua árabe nas próximas corridas de cavalos. Quero ganhar o prêmio que oferece a Imperatriz, que é uma rosa de brilhantes.
- Amparo, que ouvia com prazer a conversa, ainda que não tomasse parte nela, às últimas palavras do conde, pensou que não seria pelo valor da rosa de brilhantes que ele desejava ganhar o prêmio, mas para fazer com ele uma oferta a alguma pessoa querida.

Desde aquele momento Fernando del Vilar, conde de Loreto, era para ela um homem que começava a espicaçar-lhe a curiosidade.

— Ah! disse D. Ventura. Tem em Paris a égua que vai correr?

— Tenho em Madrid os meus cavalos, mas mandei vir para Paris a minha invencível *Rabeca*. Creio que assistirão às corridas.

— Teremos muito gosto desde que se efetuem dentro de um mês, e ao mesmo tempo uma grande alegria em que seja vencedor.

Quando se começa uma viagem, durante os primeiros momentos, mais ou menos prolongados, segundo o carácter dos viajantes, só reina o maior silêncio; cada um pensa quem será o companheiro da frente ou lado, mas uma vez entabulada a conversa estabelece-se uma certa intimidade agradável que dura toda a viagem e às vezes toda a vida.

Durante a viagem dos nossos conhecidos, reinou a maior harmonia. Amparo e o conde falavam de música; o mordomo e D. Ventura, de números. O honrado milionário estava satisfeito por ter encontrado tão bons companheiros.

Uma vez em Paris, como D. Ventura era um homem rico que viajava por prazer e não tinha casa na moderna Babilônia, deixou ao conde de Loreto a escolha do hotel onde deviam hospedar-se.

Fernando optou pelo Hotel do Louvre, e instalaram-se em dois quartos contíguos no segundo andar com toda a comodidade que oferece aos passageiros o citado estabelecimento.

O conde quis que se colocasse um órgão no quarto de Amparo, oferecendo-se para lhe dar algumas lições.

— Sou muito pouco habilidosa, disse Amparo, agradecendo-lhe com um olhar aquela deferência.

— Ora, respondeu o conde. Para uma mestra de piano como Vossa Excelência nada mais fácil que aprender órgão. Creia que em quinze dias pode tocar perfeitamente.

— O que me vai custar uns oito ou dez mil *reales*, disse D. Ventura, porque terei de comprar um.

— E nunca em melhor ocasião do que agora que estamos em Paris, onde os construtores mais afamados têm os seus armazéns. Amanhã visitaremos alguns, com três mil francos na carteira.

— Vejo, que tanto o senhor conde como Amparo, conspiram contra a minha bolsa.

No dia seguinte compraram um órgão, precioso instrumento de doze registros, incrustado em madrepérola; uma verdadeira obra de arte que custou a D. Ventura seis mil francos, e que foi escolhido pelo conde, e o ex-comerciante não quis deixar mal o jovem aristocrata.

Pagou D. Ventura, encarregando o fabricante de lho remeter para Espanha, e não se tornou mais a falar no assunto.

Todas as tardes Fernando dava lição de órgão a Amparo. Ao princípio estas lições foram curtas, depois prolongaram-se a duas horas.

Quando cantava a Pati iam juntos ao teatro; somente o conde ia para as cadeiras e D. Ventura para um camarote, mas durante os intervalos o conde visitava o milionário.

Assim se passaram vinte dias. Amparo começava a pensar muito no conde e pouco em Ernesto.

Quando a mulher faz comparações, a derrota de um dos comparados é infalível. Vejamos como o conde de Loreto caiu a fundo sobre o pintor.

Tudo estava preparado para as corridas.

A Imperatriz Eugenia, com toda a sua corte, devia assistir.

D. Ventura tinha conseguido a peso de ouro, alugar uma luxuosa caleche. Amparo mandara fazer uma elegantíssima *toilette*. A festa prometia ser das mais brilhantes. Toda a aristocracia de sangue e de dinheiro se reunia naquelas corridas. Amparo desejava vivamente que Fernando ganhasse o prêmio. D. Ventura, pela sua parte, dizia:

— É uma questão de honra nacional.

Ao meio dia apareceu Fernando: estava pálido, nervoso; no rosto tinha marcados sinais de desgosto.

— Sucedeu uma grande desgraça, exclamou.

— Morreu *Rabeca*? perguntou D. Ventura.

— Não, respondeu, esforçando-se por se rir.

— Mas o que é? disse Amparo.

— O meu jóquei que está doente e que não pode correr.

— É verdade que é um contratempo. Mas não se encontrará outro?

— Outro? exclamou o conde assombrado. E quem me responde pela sua habilidade, pelos seus dotes, pela boa fé de um jóquei alugado? Todos os leões de Paris, todos os aficionados de equitação, que não são poucos, que frequentam à noite a *Maison Dorée* e à tarde o *boulevard dos italianos* conhecem *Rabeca* e têm grande interesse em que fique vencida; e seriam capazes de comprar o jóquei que nela corresse, para que a sopeasse e perdesse. Demais isso é seriamente grave para mim. Se não corre a minha *Rabeca* perco cinco ou seis mil francos que apostei a noite passada com um *lord* que traz também um dos seus cavalos para a corrida de hoje. A aposta está feita com as seguintes condições: “Se por qualquer casualidade um dos cavalos não puder correr dá-se por perdida a aposta.” É preciso portanto que *Rabeca* corra, e por isso venho dizer-lhes que não os posso acompanhar, pois que sou eu quem a vai correr.

— O senhor? disseram ao mesmo tempo pai e filha.

— Sim, eu. Sei que é uma desvantagem para mim. O jóquei do meu adversário pesa escassamente três arrobas: é um liliputiano, um homem em miniatura, é o rei dos jóqueis, enquanto eu peso muito mais. Mas não quer dizer nada: a minha égua fará um esforço e vencerá.

— Permita-me que lhe diga, disse D. Ventura, que se expõe...

— Isso é o menos. Quando chegar à terceira volta, saltarei já afoitamente. Tenho confiança na égua.

E o conde, depois de algumas respostas dadas aos argumentos que lhe apresentavam os seus amigos, saiu, despedindo-se deles.

Como se pode calcular o interesse de Amparo cresceu uns setenta e cinco por cento.

## CAPÍTULO 10: A ROSA DE BRILHANTES

Uma hora depois, a caleche de D. Ventura estava parada quase ao fim da pista.

Daquele ponto tinha a vantagem de ver perfeitamente o cavalo que chegasse em primeiro lugar à meta e estar próximo do camarote imperial onde o vencedor devia ir receber o prêmio.

Amparo, de pé sobre as almofadas da carruagem, com a mão esquerda apoiada no ombro do pai, percorria com o binóculo o pitoresco panorama que a rodeava.

Parecia-lhe impossível que se pudesse reunir tanto luxo, tanta riqueza numa cidade.

Dizem os franceses que Paris é a capital do mundo civilizado, e em verdade assim é.

Quando a imperatriz Eugenia entrou no camarote, fez um sinal com o lenço para que começassem as corridas, e ouviu-se então o sonoro som dos clarins.

Amparo sentia palpitar o coração com violência; deixou de olhar para o camarote e viu na pista, no ponto por onde deviam entrar os concorrentes, o conde de Loreto.

Naquele momento daria tudo quanto lhe exigissem para conceder a vitória ao seu companheiro de viagem.

Pouco depois, ouviu-se o tropel que vinha do lado para onde se fixaram todos os olhares, e o precipitado e forte galope de muitos cavalos chegou aos ouvidos de Amparo como surdo rumor da tempestade que avança com rapidez.

Começaram por admirar os cavalos; de todos os lados se ouviam bravos e gritos de entusiasmo, misturados com exclamações de raiva.

Quando um cavalo passava adiante de outro, ouvia-se um rugido de raiva que exalava o peito do vencido.

Entretanto aquela quantidade de cavalos, deitando espuma pela boca, fogo pelas narinas, avançava com uma velocidade vertiginosa até ao sítio onde estava Amparo.

Aquilo era um furacão de carne, empenhado pelo amor-próprio; parecia que arrebatava tudo.

Amparo tremia; estremecia, mau grado seu, procurando avidamente o conde de Loreto entre aqueles bonés de variadas cores.

Subitamente soltou um grito e fez com que D. Ventura, que contemplava boquiaberto aquele soberbo espetáculo, voltasse a cabeça.

— Que é? perguntou ele.

— Ali, ali! exclamou Amparo. Vem à frente e traz numa mão o boné e na outra o *stick*.

— Oh! meu Deus! Que loucura! Pode cair.

Naquele momento o conde de Loreto passou pela frente da caleche de Amparo com velocidade de um raio. Mas apesar disso, cumprimentou-a com o boné.

Amparo levou a mão ao peito como para conter as palpitações do coração.

Fernando levava pelo menos quarenta metros de avanço a todos os outros concorrentes.

Quando chegou à última vala, *Rabeca* saltou com tanta facilidade como se aquele fosse o primeiro obstáculo. Um aplauso geral ressoou dedicado ao cavaleiro e cavalo.

O conde de Loreto ganhara a rosa de brilhantes e os cinquenta mil francos, e não tardou que não estivesse rodeado de admiradores e curiosos.

Fernando del Vilar apertava a mão de alguns desconhecidos e cumprimentava os espectadores.

O *lord* aproximou-se montando um soberbo cavalo de pura raça árabe.

— Ganhou, senhor conde, disse apertando-lhe a mão. Esta noite espero-o para ceiar na *Maison Dorée*, não só para lhe pagar o que lhe devo, como também para lhe propor um negócio, acerca da sua preciosa égua.

Nessa ocasião aproximou-se um dignitário da corte a dizer-lhe que a imperatriz Eugenia esperava o vencedor.

O conde não esperou segundo convite: dirigiu a égua para o camarote real. Grande quantidade de cavaleiros o acompanharam.

Ao chegar, Fernando desmontou-se e foi introduzido no camarote pelo fidalgo.

— Disseram-me que era espanhol, disse Eugenia em castelhano.

— Nasci na Andaluzia, senhora, respondeu o conde inclinando-se respeitosamente.

— Ainda bem, somos compatriotas. Aqui tem o prêmio que ganhou.

A imperatriz entregou-lhe um estojo de veludo. O conde ajoelhou-se para o receber, beijou a mão e saiu do camarote.

Amparo não perdera o conde de vista nem um só momento. Quando viu que se dirigia para a sua carruagem, sentiu uma comoção desconhecida, como nunca tinha experimentado.

Fernando foi até ela, sorrindo-se.

— Bravo! bravo! exclamou D. Ventura, entusiasmadíssimo. Fazia o senhor muito bem, caro conde, em ter toda a confiança na valente *Rabeca*.

— É invencível, disse ele. Tinha inteira segurança, de que, a não me suceder uma desgraça, o triunfo era meu.

E estendendo o braço, apresentou o estojo a Amparo, dizendo-lhe:

— Senhora D. Amparo, como sei que pedia a Deus para que me concedesse a vitória, como sei o interesse que tomou, ousou pedir-lhe que aceite como uma recordação deste dia o prêmio que me acaba de oferecer a imperatriz dos franceses.

Amparo pegou com mão trêmula no estojo, e antes de ter tempo para responder uma só palavra de agradecimento por aquela amabilidade, o conde partiu a galope em direção a Paris.

D. Ventura estava louco de alegria.

Amparo comovida, pálida, seguiu o conde com a vista.

— É um cavalheiro, disse o comerciante.

— Sim, papá; não se pode ser mais delicado.

— Mas, vamos ver isso que tens na mão. Parece que não estás em ti.

E D. Ventura, notando que a filha corava, sorriu-se maliciosamente.

Amparo abriu o estojo: tinha um broche de brilhantes. Não se podia exigir mais gosto numa joia daquela natureza.

— Em verdade, é um bonito prêmio, disse D. Ventura, fixando os olhos no broche.



Amparo guardou silêncio.

\*\*\*

Sigamos o conde de Loreto, que, entregando a égua ao criado, tomou um trem de praça que o conduziu ao hotel do Louvre.

— Podes dar-me os parabéns, meu leal Francisco, disse o conde, abraçando o velho mordomo.

— Quer dizer que ganhou o primeiro prêmio!

— Não só o primeiro prêmio como também a aposta que tinha feito com lord Ruthenei.

— Que grande alegria me dá, senhor conde, disse Francisco sem perder um só momento a sua peculiar gravidade. Temos gasto tanto dinheiro durante a viagem!

— Aí vens tu com os teus malditos números.

— Senhor, o interesse que tomo pela casa faz com que muitas vezes tenha certas liberdades...

— Vamos, Francisco, não comeces a atribuir a ti faltas que não cometeste. Quando o meu pai morreu disse-me: “Nunca deixes Francisco; viu-te nascer, estima-te com idolatria e é honrado e leal.” Desde então ainda não tive de que pense que não é tão grande como devia ser, em relação ao que gasto; mas que queres... quando estiver arruinado, quando me vir como vulgarmente se diz com a corda na garganta, então seguirei o teu conselho e casarei. E a propósito: Que tal te parece a filha do nosso companheiro de viagem?

— É extremamente formosa!

— E nada mais? perguntou o conde, sorrindo-se.

— E que tem doze milhões de dote.

— O que te traz preocupado. Enfim, até lá veremos. Quem sabe se terás razão, aconselhando-me a que case! Mas, dá-me algum dinheiro; vou cear com alguns amigos à *Maison Dorée* e talvez se jogue.

— Ontem dei ao senhor conde três mil francos.

— Sim, e hoje não tenho nem um cêntimo,

Francisco exalou um suspiro, abriu a gaveta e deu três notas de mil francos ao amo, dizendo:

— O tal inglês não pagará esta noite?

— É natural; mas não devo aceitar um convite com sentido no que me devem.

Fernando calçou as luvas, pôs o chapéu, pegou numa delicada bengala de cana da Índia, e saiu.

A *Maison Dorée* é um dos tais estabelecimentos que só se encontram em Paris. Ponto de reunião da elegante e louca mocidade, centro desses seres felizes, sempre ocupados em não fazer nada; come-se, joga-se e murmura-se, gastando dinheiro às mãos cheias.

Aí tudo se sabe, tudo se comenta; e mais de uma vez têm ficado a honra das mulheres da moda, de mistura com o *Champagne* e o *Reno* sobre aquelas elegantes mesas.

O conde de Loreto estava convidado para jantar com o lord que fizera a aposta, que o esperava com pontualidade britânica.

Depois de cumprimentar, lord Ruthenei tirou a carteira e entregou friamente os cinquenta mil francos que perdera.

— Senhor conde, antes que comecemos a jantar, e segundo o costume inglês, de não fazer nada depois de nos levantarmos da mesa, vou propor-lhe um negócio. Quer vender-me *Rabeca*? Dou-lhe por ela igual quantia à que me fez perder.

— Milord, desejo conservá-la.

— Então não falemos mais no assunto.

E pediu que lhes servissem o jantar.

Durante este, lord Ruthenei fez elogios à égua do conde.

— É um precioso animal, dizia. Se me pertencesse, nas próximas corridas anunciadas em Londres, jogaria duas ou três mil libras esterlinas com certeza de ganhar. Pena será se sofrer algum desastre.

Depois de jantar lord Ruthenei e o conde de Loreto entraram no café.

Depois passaram à sala do jogo e o conde sentou-se próximo ao banqueiro.

Fernando jogava forte, mas com pouca sorte.

Meia hora foi suficiente para perder quanto trazia consigo.

Então voltou-se para o inglês que estava a seu lado ganhando mais de mil francos e disse-lhe sorrindo-se:

— Milord, fica fechado o negócio: *Rabeca* é sua.

Lord Ruthenei inclinou a cabeça em sinal de aprovação, e entregou ao conde cinquenta notas de mil francos.

Depois, tirou tranquilamente a charuteira e dela um havano e dirigiu-se pachorrentamente para a sala de fumo.

Sentou-se num cômodo divã, e começou a saborear o delicioso charuto.

Próximo do sítio em que se achava o conde, fumavam quatro rapazes, conversando em voz alta.

Nenhum deles reparara, em Fernando.

— Desengana-te, Heitor, dizia um deles, o teu cavalo está muito longe de ser o que é a égua do espanhol, e o árabe de lord Ruthenei.

— Pois apesar da tua opinião, respondeu com voz alterada Heitor, garanto-te que se o meu jóquei não tivesse sido um parvo, ganhava o primeiro prêmio.

— A ti sucede o mesmo que a Marco Antônio quando os seus galos iam combater com os de Otávio Augusto, que perdia e para consolação à sua pouca sorte arranjava sempre uma desculpa. O cavalo de lord Ruthenei levava ao teu mais de vinte metros de avanço. Enquanto ao do espanhol não se fala, esse não era um animal, era um raio: nem mesmo o vento corria mais do que ele.

— Os espanhóis, respondeu Heitor, em tom desdenhoso, têm nas veias um sangue misto de godo e árabe, e não é para estranhar que saibam dar vantagens aos cavalos nas corridas. O conde de Loreto parecia um cigano correndo daquela maneira.

Fernando ao ouvir estas palavras, pôs-se de pé e pálido, com o olhar turvo e ameaçador, dirigiu-se para o grupo que falava de si e encarando o que acabava de falar, disse-lhe:

— O conde de Loreto sabe correr como um cigano e bater-se como um cavalheiro.

E dizendo isto, atirou uma luva ao rosto de Heitor, que se lançou sobre o seu antagonista.

Fernando estendeu o braço e deteve-o com incrível facilidade.

Todos o rodearam.

Da parte do conde foi um criado chamar lord Ruthenei.

— Que foi? perguntou ele.

— Quer ser meu padrinho?

— Como? Tem alguma pendência?

— Sim, senhor. Este cavalheiro acaba de me insultar e tenho de me bater.

— Tem a escolha das armas.

— Cedo-a ao meu adversário: espero-o no café.

Pouco depois lord Ruthenei reunia-se ao conde de Loreto.

— Já está tudo combinado, disse o inglês. Batem-se ao florete, amanhã, às oito horas da manhã, no bosque de Bolonha.

— Perfeitamente. Espero-o às seis no hotel do Louvre.

— É suficientemente forte ao florete para se pôr na frente de um adversário que o escolhe para se bater?

— Manejo-o regularmente, e tenho pouco amor à vida; com estes dois requisitos não me devo arrepear de um lance. Mas se me permite, retiro-me. São dez horas: esta noite canta a Pati, e desejo ouvi-la, porque amanhã mata-me o meu adversário.

Lord Ruthenei conduziu-o na sua carruagem à Ópera.

Quem visse Fernando na sua cadeira aplaudindo com entusiasmo a célebre Pati, não suporia que ele se ia bater no dia seguinte.

À meia noite entrou no seu quarto do hotel do Louvre, sentou-se, acendeu um charuto, e dirigindo um olhar tranquilo a Francisco, disse-lhe:

— Amanhã bato-me às oito horas da manhã.

O mordomo recuou dois passos, e exclamou assombrado:

— Outra vez?!

— Sim, é a quinta. Quem sabe se será a última? Não é vontade minha; quando menos se pensa, um insolente ou um enfatuado atravessa-se-nos no caminho, insulta-nos, e a honra exige que nos batamos. Cinco vezes me tem sucedido isso. Prepara, pois, os meus floretes, e deita-te. Ah! Esquecia-me. Amanhã cedo, mandarás por um criado *Rabeca* a lord Ruthenei; vendi-lh'a; e, verdade, que isso me desgosta mais do que o duelo.

Francisco fez um gesto como se fosse para falar.

— Não te inquietes, não te inquietes com reflexões inúteis; o duelo é inevitável. Quero dormir para estar fresco. Boa noite. Acorda-me às cinco e três quartos.

E o conde principiou a deitar-se.

Francisco saiu triste e preocupado.

Alguns minutos depois o conde de Loreto dormia profundamente.

O honrado mordomo não se deitou: ser-lhe-ia impossível dormir, e preferiu estar levantado.

Às cinco horas e meia entrou no quarto do amo.

O velho esteve-o contemplando por alguns momentos. Notava-se-lhe na triste expressão do rosto o estado do seu espírito. Receava pela vida do amo.

Por fim disse em voz alta:

— Senhor, são horas.

O conde abriu os olhos, bocejou, e, fixando um olhar sonolento no mordomo, disse:

— Nunca perdoarei ao meu adversário este delicioso sonho que me rouba. Que mau costume baterem-se de manhã!

Fernando vestiu-se com esmero, como se fosse fazer uma visita de cerimônia, com a diferença de que em vez do *frack* ridículo e incomodativo, vestiu uma sobrecasaca preta.

— Querido Francisco, disse o conde, dando o último toque na gravata em frente ao espelho, se o meu adversário me matar, o que é provável, mas não

impossível, tu te arranjarás como puderes, com os meus credores; e visto o remanescente da minha fortuna ser para a avarenta da minha tia, a marquesa del Ramo, aconselho-te que fiques com tudo quando te seja possível, porque não é justo que ao cabo de tantos anos de bons serviços, tenhas que procurar um novo amo, que indubitavelmente te não trataria como mereces. Agora faze o favor de dizer ao criado que me sirva o chá. Milord não se pode demorar; são já seis horas, e é pontual até ao exagero.

Efetivamente lord Ruthenei, acompanhado de outro amigo, entrou no quarto.

— Creio, senhores, que temos tempo de tomar uma chávena de chá, disse o conde.

Ruthenei olhou para o relógio.

— Os meus cavalos conduzir-nos-ão em menos de uma hora: temos tempo, isto é, podemos dispor de sessenta minutos.

— Creio que este cavalheiro, ajuntou o conde, indicando o companheiro do lord, será o meu segundo padrinho.

— É *mister* Carlos Bobbe, meu médico e meu amigo; servirá, pois, de médico e de testemunha.

— Tanto melhor. Mas vamos ao chá.

O criado entrou trazendo uma bandeja com chávenas e pratos, que deixou sobre uma mesa.

*Mister* Bobbe bebeu cinco chávenas de chá; lord Ruthenei três e o conde uma.

— Quando quiserem, meus senhores, disse Fernando, vendo que os padrinhos colocavam as chávenas na bandeja, como prova de que não queriam beber mais.

Fernando abraçou o mordomo, cujo rosto circunspeto e os olhos arroxeados o fizeram sorrir.

— Não receies, lhe disse; sair-me-ei bem como das outras vezes. E partiu.

## CAPÍTULO 11: **MAIS UM**

Quando Francisco ficou só, não pôde conter as lágrimas; deixou-se cair numa cadeira e chorou.

A dor do mordomo era tão profunda, tão verdadeira que ao entrar o criado para o serviço, nem sequer deu pela sua presença.

O criado que servia seis quartos do corredor do segundo andar era um rapaz tão diligente como desembaraçado, e ao ver o profundo pesar do velho criado do conde e que este saía tão cedo, acompanhado de dois amigos, suspeitou tudo, mas em vez de dirigir a palavra a Francisco, julgou que era mais conveniente confiar as suas suposições ao espanhol que ocupava o quarto nº 14, íntimo do conde de Loreto. Assim, dirigiu-se para o quarto de D. Ventura e chamou-o.

D. Ventura ainda não perdera o costume de madrugar; estava levantado e disposto a barbear-se. Abriu a porta, julgando que fosse o conde a propor-lhe algum passeio para aquele dia, e encontrou-se com o criado e o seu eterno sorriso.

— Que ha? perguntou D. Ventura.

O criado falava, ainda que mal, o espanhol, mas o suficiente para se fazer compreender pelos hóspedes.

— Cavalheiro, disse ele, sei que sou um tanto indiscreto e importuno batendo tão cedo à porta de um hóspede...

— Bem, bem. Que é? perguntou D. Ventura.

— Mas sei também, continuou o criado, que o senhor é o amigo íntimo do senhor conde de Loreto.

— Sim, homem, sim, acaba.

— Pois bem, o senhor conde deve correr algum perigo, porque o vi sair acompanhado de dois ingleses; e o mordomo do conde assim que ele saiu, pôs-se a chorar amargamente. Não quero equivocar-me, mas julgo que o senhor conde vai bater-se.

— Diabo! Bater-se? Isso é grave!

— É muito, cavalheiro.

— Mas não sabes porquê?

— Só vi meter no trem os floretes.

D. Ventura saiu precipitadamente do quarto, e entrou no do conde.

Francisco continuava prostrado na cadeira e com o rosto oculto entre as mãos.

— Que novidades temos? perguntou em voz alta D. Ventura.

O mordomo levantou a cabeça. Aquele rosto venerável estava decomposto pelas lágrimas e pela dor: tinha uma expressão de profunda tristeza.

— É certo o que me acabam de dizer? É certo que Fernando foi bater-se?

— Desgraçadamente é certo, senhor D. Ventura.

— Diabo! Não sei para que se expõe a vida assim com tanta facilidade. Eu tive pelo menos, cinquenta mil questões, e nunca tive necessidade de me bater com pessoa alguma. Para que temos os tribunais, se fazemos justiça por nossas mãos? E demais, o que deu origem ao duelo, valeria a pena?

— Não sei detalhes; só me disse que se ia bater; mas ia apostar em como o meu amo o não provocou, pois que o conde é incapaz de ofender alguém. Oh! se o seu adversário o matasse era uma desgraça.

— Era, era! Mas tenho esperança em que não será assim. Ora o diabo do rapaz!...

E como o mordomo continuasse gemendo e suspirando, D. Ventura pôs-se a passear pelo quarto.

Assim se passou meia hora. Nenhum dos dois falava. D. Ventura pensou, por fim, que seria mais conveniente esperar o resultado no seu quarto do que junto do mordomo, cuja dor o afligia duplamente.

— E a que horas saberemos o resultado? perguntou D. Ventura.

— Creio que às nove, pouco mais ou menos.

— E são só oito! Mas, não se poderia dar parte às autoridades para evitar o duelo?

— Se tal fizéssemos, o senhor conde nunca nos perdoaria.

— Diz bem; não há outro remédio senão esperar e conformarmo-nos com a sorte. Ora o diabo do rapaz! Vou ver se a minha filha já se levantou, e peço-lhe que tão depressa saiba alguma coisa me avise.

O quarto de Amparo era separado do de seu pai por uma débil parede comunicando por uma porta.



Amparo ouvira entre sonhos parte do que o criado dissera a D. Ventura.

Quando este entrou já estava levantada.

— Não me oculte nada, disse, quero saber tudo quanto se passa.

— Pois, filha, o que se passa é pouco agradável. Fernando a esta hora bate-se em duelo.

Amparo empalideceu e como se lhe faltassem as forças, sentou-se numa cadeira.

— Que é isso? Estás doente? Era só o que faltava.

— Não se assuste; não tenho nada.

— Nada! nada! Não me capacitas de que é sem motivos que perdes as cores, comoveste-te, e isso é natural, muito natural, sim, senhora; porque demais, o conde é um jovem que se faz estimar; e se tivéssemos a desgraça de o perder, se o seu inimigo o matasse...

— Cale-se, papá, cale-se! exclamou Amparo estremecendo. Não diga isso nem a brincar.

— Sim, boa brincadeira, não haja dúvida! Ora o diabo do rapaz!

D. Ventura, depois de barbeado, assomava à porta a cada momento.

Nunca o tempo lhe parecera tão comprido.

Quando o relógio do quarto deu as nove horas, disse:

— Já se não pode demorar.

Como se estas palavras fossem como um amuleto mágico, ouviram-se os passos de várias pessoas no corredor.

D. Ventura chegou à porta e não pôde conter um grito.

— É ele? perguntou Amparo.

— É.

— E como vem? perguntou a medo.

— Perfeitamente, andando pelo seu pé. Ah! Louvado seja Deus!

E dizendo isto, saiu precipitadamente do quarto, entrando no do conde.

— Venha um abraço, venha um abraço, exclamou.

O conde deixou-se abraçar.

— Com que então, foi feliz? perguntou D. Ventura com infantil alegria. Muito folgo, muito folgo.

Fernando dirigiu um olhar de censura ao mordomo, e deixando assomar aos lábios um amargo sorriso, disse:

— Sabe então que me bati. Pois, visto isso, só me resta dizer-lhe que o lance foi desgraçado; teve graves consequências.

— Como? Está ferido? exclamou D. Ventura.

— Não, infelizmente.

— Não o compreendo.

— Senhor D. Ventura, quando por uma dessas néscias exigências de decoro se batem dois homens e um deles morre no que chamamos campo da honra, o que sobrevive, o que torna para casa vencedor, traz uma espinha cravada na alma que permanece aí toda a vida. Indubitavelmente alguma maldição está suspensa sobre a minha cabeça. Tenho má mão para desafios.

E o conde deixou-se cair numa cadeira, dando mostras do mais profundo abatimento.

— Conheço, senhor conde, que se deve ter um remorso muito grande em matar um homem, disse D. Ventura, mas, que remédio? Quando se tem em frente um inimigo armado que cobiça a nossa vida temos o dever de disputá-la.

Lord Ruthenei pronunciou algumas palavras para tranquilizar o conde que parecia vivamente incomodado.

— Agradeço o interesse que lhes inspirei, disse Fernando; mas ao mesmo tempo, desejava que fizessem o favor de me deixarem só, pois estou fatigado e preciso descansar.

Era evidente que uma grande fadiga do espírito se apoderara do conde e os seus amigos retiraram-se.

D. Ventura entrou no quarto da filha a quem contou tudo quanto se passara, que com esse natural egoísmo da mulher se alegrou profundamente ao saber que o conde se tinha saído bem do lance de honra, visto ela não conhecer o infeliz Heitor morto no desafio, e unirem-na a Fernando relações de amizade que iam tomando o caráter de uma paixão verdadeira.

Entretanto, o conde de Loreto fechava-se no quarto, permanecendo o resto do dia sentado numa cadeira. Nem ele mesmo poderia dizer se o sono se assenhoreou dele algum momento.

Quando a obscuridade da noite se espalhou por todo o quarto, levantou a cabeça e disse:

— É uma desgraça que já não tem remédio; tenho uma mão fatal. Esta é a quinta vez que causo a morte ao próximo e uma profunda dor a um pai.

E passando a mão pela fronte, como se quisesse livrar-se dos tristes pensamentos que o preocupavam, levantou-se e tocou a campainha.

Francisco, o mordomo, tão pálido, tão comovido como o amo, entrou com uma luz na mão.

— Boas noites, senhor conde, disse deixando a vela sobre uma mesa.

— Boas noites, Francisco. Já sabes; matei um homem.

— E todavia o senhor tinha-me dito que não mais se bateria ainda que o insultassem.

— É verdade; jurei não me bater, mas para que ninguém duvidasse de que sei defender o meu decoro, não me pude conter, e agora arrependo-me. Ah! se fosse em Espanha não me tinha batido.

— O remédio que ha, disse Francisco, é esquecer o passado.

— Isso é mais difícil do que parece. Na memória, como numa chapa de aço, grava o buril do tempo todos os acontecimentos da vida. Só a morte tem o privilégio de os apagar. Mas tu disseste: já não tem remédio. Prepara tudo, que amanhã sairemos de Paris. Necessito, pelo menos, afastar-me desta terra.

— E para onde vamos, senhor?

— Para Espanha.

— Está bem.

Fernando del Vilar exalou um suspiro e saiu do quarto dirigindo-se ao de Amparo.

## CAPÍTULO 12: COMO SE PEDE

O piano é um grande recurso para aqueles que possuem e sentem na alma as doces e gratas impressões da música, essa linguagem universal a que renderam tributo até os próprios deuses.

Amparo estava tocando. Tinha na estante a partitura da *Estrangeira*, mas os dedos percorriam maquinalmente o teclado, e os olhos fixavam-se distraidamente nas notas.

A música para ela naquele momento não era mais do que um grato ruído, adormecedor, como o sussurro cadencioso de uma fonte que convida à meditação.

Não pensava quase nada no piano, muito pouco na partitura que tinha ante si, mas muito no conde de Loreto.

De Florença a Paris, isto é, trinta e seis horas de comboio, foram suficientes para a formosa espanhola se enamorar.

Antes desta viagem a casualidade colocara, ainda que momentaneamente, no palácio de Médicis, Fernando e Amparo; depois em Paris as corridas de cavalos e o duelo reforçaram a ideia fixa que começava a dominá-la.

Neste momento Amparo estava só. D. Ventura saíra, depois de lhe contar tudo quanto sabia referente ao desafio do conde.

Tocava, pois, piano, pensando no seu companheiro de viagem, quando ouviu passos atrás de si; voltou a cabeça, e encontrou-se com Fernando que lhe dirigiu um cumprimento respeitoso e um sorriso cheio de tristeza.

— Boas noites, senhora D. Amparo. Talvez a venha incomodar, disse o conde.

— Incomodar-me? respondeu ela, parando de tocar. Pelo contrário. Bem vê que estou só... Meu pai é um valdevinos; abandona-me e então o piano é o meu recurso. Mas que tem? Está mais pálido que de costume, e noto-lhe uma expressão de tristeza na fisionomia.

— Supunha que não ignorava a desgraça que me sucedeu hoje, e venho despedir-me.

— Como? abandona Paris?

— Amanhã.

— Tão depressa.

— Pensava passar aqui alguns meses, mas agora é-me impossível; necessito ver outro sol, respirar outro ar.

— E para onde vai?

— Para Espanha.

— Então, sr. conde, não tardará muito que nos vejamos lá, porque, apesar de tudo, creio que o céu de Espanha é o melhor de todos.

— Diz muito bem, e sobretudo quando no céu de Paris a imaginação preocupada vê algumas manchas de sangue que perturbam o sossego e roubam a paz de espírito.

— Verdadeiramente, é uma desgraça que as leis da honra imponham aos homens deveres tão desagradáveis. Meu pai contou-me tudo, e posso garantir-lhe que tão desgraçado acontecimento me penalizou bastante.

O conde sentou-se numa cadeira próximo do banco de Amparo.

— Não parece senão que me persegue algum gênio fatal, disse ele, como se falasse consigo. Quando o destino me coloca ante um homem com a arma homicida na mão, juro-o pela memória de meu pai, sempre preferi morrer a matar, e expus generosamente o peito ante o perigo, sem me preocupar em evitá-lo. Mas indubitavelmente uma força superior à minha vontade guia a minha mão, e sempre vejo cair sem vida o meu adversário. Só a primeira vez que me bati tive desejos de sair vencedor; era uma criança, e a vaidade e o amor próprio cegavam-me. Então tive a desgraça de matar um amigo íntimo, um antigo discípulo. Pobre Arthur! E sobretudo, pobre mãe aquela, em cujos olhos não mais se lhe secaram as lágrimas, até que a dor a conduziu ao sepulcro!

O conde deteve-se. Bastava ver-lhe o semblante, ouvir-lhe o timbre da voz para compreender o estado do espírito. Amparo escutava-o interessada e sem se atrever a interrompê-lo.

O conde, mudando de tom, continuou.

— Com franqueza, não sou ridículo? Vim despedir-me de V. Ex.<sup>ª</sup>, e estou-lhe contando histórias que só a podem comover; mas há dias em que se apodera de mim uma tristeza tão grande que não sei falar de outra coisa senão da minha vida passada, ou o que é o mesmo, dos meus remorsos, porque os sinto, senhora D. Amparo, e a minha sorte é duplamente desgraçada porque não tenho uma pessoa, que sendo depositaria das minhas amarguras, me console com os seus conselhos.

— Senhor Fernando, exclamou a jovem verdadeiramente comovida, receando que só o desespero fosse o motivo da melancolia do conde; senhor Fernando, se julga que posso ser essa amiga, apesar da minha pouca experiência do mundo, não me oculte nada e honre-me com a sua confiança.

— Senhora D. Amparo, ajuntou o conde com veemência, pode ser para mim o anjo salvador que me arranque do antro escuro em que me revolvo, conduzindo-me ao reino da luz e da felicidade; porque eu, qual judeu errante vagueando pelo mundo, necessito de uma alma sensível que me compreenda, um coração bondoso que palpite com o meu e que se compadeça de mim. De que serve a mocidade e a riqueza? Preciso amar e ser amado. O bulício do mundo não é suficiente para distrair a tenacidade do meu pensamento, a soledade da minha alma. Para esquecer o passado necessito que comece para mim uma vida nova; é indispensável regenerar o meu coração, porque não pode calcular a persistência com que me persegue o infortúnio. Um ano depois do meu desgraçado lance com Arthur a quem matei, estava na Itália, precisamente em Florença, no palácio de Médicis, defronte do grupo de Niobe onde a vi pela primeira vez...

O conde deteve-se, fez um brusco movimento com a cabeça, e exclamou:

— Só uma criança ou um louco seria capaz de entabular semelhante conversação; e talvez eu seja uma e outra coisa. Desculpe-me, minha senhora, e perdoe-me todas as loucuras cometidas esta noite; mas parto amanhã, talvez que nos não tornemos a ver mais, porque, já lhe disse, como o judeu errante percorro o mundo em busca de uma alma que me compreenda, que se una à minha e que me dê parte da sua paz, da sua tranquilidade, da sua seiva. Ao vê-la, disse: “É este o anjo que cobiço.” Mas creio-me indigno de merecê-lo; e já que o segredo do meu coração assomou aos lábios, ainda que lho quisesse ocultar, a senhora teria já compreendido que a amo, e só me resta suplicar-lhe que não me guarde rancor por tanto atrevimento, e que me permita antes de partir apertar-lhe a mão como amigo.

Se Amparo não tivesse verdadeira simpatia pelo conde, se não estivesse disposta a amá-lo, necessariamente ter-lhe-ia parecido tão rara como incoerente a declaração que o conde lhe acabava de fazer.

Mas Amparo amava o conde, e não se enganava ao pensar que era amada por ele. Por isso, aturdida, trêmula, com voz comovida e pouco firme, o olhar fixo no chão, estendeu a mão a Fernando e disse:

— Pois bem; se o senhor julga que depende de mim a sua felicidade, confie a meu pai, logo que ele volte, o seu segredo e partamos juntos para Espanha.

O conde soltou um grito, pegou na mão que Amparo lhe oferecia, e cobriu-a de beijos.

\*\*\*

Naquela noite o conde pediu a D. Ventura a mão da filha.

O honrado milionário mal pôde dissimular a alegria que semelhante pedido lhe causava. Era-lhe tão agradável ouvir chamar à filha condessa!... Fraqueza por certo muito natural num homem nas condições de D. Ventura.

Mas, ainda assim, não se precipitou: ouviu com aparente serenidade o pedido, e concedeu o seu consentimento, depois de ouvida a opinião da filha.

Quando o conde saiu, D. Ventura foi ao quarto de Amparo.

— Venho dar-te uma notícia surpreendente, inesperada, talvez agradável.

— O que é papá?

— Que o conde parte para Espanha.

— Já sabia.

— Já sabias?! E quem t'o disse?

— Ele próprio.

— Mas sabes que quer partir amanhã, se isso lhe for possível?

— Sim.

— E sabes também que me pediu a tua mão?

— Calculava também, meu pai, acrescentou Amparo, sorrindo-se.

— Por conseguinte atraçoaram-me?

— O que perdoará, porque é muito generoso.

- Será possível que todos os pais sejam malucos?
- Malucos só no preciso, isto é, d'alma e coração.
- Sim, sim. Mas, dize-me que lhe hei de responder.
- Responda-lhe que sim, é o mais lógico.
- E o casamento.
- Celebrar-se-á em Madrid.
- Claro. Quem se casa em França residindo em Espanha?
- Pois então já sabe; quando o conde lhe perguntar pela resposta definitiva, diga que sim e é assunto concluído.
- Mas olha, Amparo, agora que já se pode dizer que és a prometida esposa do conde de Loreto, vou contar-te uma cousa. Em Florença, supus que tu e Ernesto se amavam; mas assim é melhor; enganei-me, com o que muito folgo, porque, minha filha, nestes tempos é mais aceitável para marido um conde rico, do que um artista pobre. Ernesto pinta muito bem, mas não tem uma peseta.

Amparo ao recordar-se de Ernesto comoveu-se; mas a comoção foi passageira, como a ave que cruza sobre a nossa cabeça para não mais voltar.

Dois dias depois, um compartimento de primeira classe conduzia a Espanha com a velocidade da locomotiva os nossos conhecidos. Era o dia 28 de junho.

### **CAPÍTULO 13: OS TRÊS AMIGOS**

Dois meses depois dos últimos acontecimentos que acabamos de narrar, isto é, no dia 1 de setembro às seis horas da manhã, dois rapazes passeavam na gare da estação do sul, esperando o comboio correio de Alicante.

- Garanto-te, dizia um deles, que Ernesto traz um grande quadro.
- E eu concedo-lhe o primeiro prêmio, ainda antes de o ver.
- Tem muito talento.
- Sim, mas segundo pude perceber nas suas últimas cartas, está enamorado.
- O amor abre muitas vezes o caminho.



- Quando nos não conduz a precipícios horríveis.
- Isso tudo depende da mulher que o inspira.
- Dizes bem; ela faz do homem ou um herói ou um parvo, mas quase sempre o segundo caso.
- Não te concedo voto no assunto.
- Como! Colocas-me fora das leis do sentimento humano?
- Sim, porque és um exagerado e odeias o sexo fraco.
- Tenho motivos para isso. Procurei estudar a mulher e estou convencido de que para elas o mais importante é a exterioridade. Uma gravata bem posta, brilhante e bem feita bota de polimento; numa palavra um *dândi* adamado e escravo da moda, e que tenha o cabelo sempre bem apartado, tem muitas probabilidades de ser amado; enquanto que um homem de verdadeiro mérito, que cuide mais da sua inteligência do que do seu traje, fica sempre derrotado em questões de amor. A história apresenta-nos milhares de exemplos: todos os homens que honraram a sua pátria não tiveram a quinta parte das aventuras amorosas de Lovelace, cuja arte se reduzia em fazer olhares ternos e trazer magníficas fivelas de prata nos sapatos.
- Ovídio foi amado por uma princesa.
- Quase esqueceu dele ao vê-lo numa masmorra.
- Tasso foi amado por uma fidalga.
- Que lhe não mandou nem um simples coto de vela quando por sua causa estava no calabouço escrevendo, *Jerusalém libertada*. Mas tu só me dás dois exemplos. Olha, André, César foi o primeiro da sua época, a grande figura de Roma, e contudo, a sua mulher, Pompeia, preferiu-lhe um imberbe criança, Públio Clódio, que se vestia de mulher para pôr ao conquistador do mundo, uma coroa que não era por certo de louro. Pobre César! Como era calvo, a sua cabeça estava sempre ameaçada.

Os que assim matavam o tempo esperando o comboio, era um poeta a quem conheceremos pelo nome de Marcial e um pintor que se chamava André, ambos amigos íntimos de Ernesto e a quem este remetera de Alicante um telegrama avisando-os da sua chegada.

Marcial e André viviam juntos numa mansarda da rua do Prado, tinham um criado para ambos e comiam no café Suíço.

O único patrimônio de Marcial era a pena; a fortuna de André, os pinceis. Os dois amigos tinham passado a fatal época de boêmios e tanto Marcial com os seus dramas; como André com os seus quadros, ganhavam o suficiente para viver bem e serem muitas vezes a Providência de alguns companheiros.

Mas continuemos na gare, que não tardará que visitemos a mansarda da rua do Prado.

O agudo silvo da locomotiva anunciou aos dois amigos que o comboio entrava nas agulhas; deixaram, pois, a discussão e dispuseram-se a abraçar Ernesto.

Efetivamente chegou o comboio, e nele Ernesto, que se lançou nos braços dos seus amigos.

— Agora que já te abracei, digo que te acho muito abatido, disse Marcial.

— Efetivamente, estavas melhor quando partiste de Madrid, ajuntou André. Roma continua a ser uma cidade doentia.

— Pois estou bom, completamente bom, e com um apetite devorador, respondeu Ernesto; mas, quando se voa de Roma a Civita-Vechia, de Civita-Vechia a Marselha, de Marselha a Alicante, de Alicante a Madrid sem descansar nem uma noite, e quando de mais temos a infelicidade de enjoar no mar, creio que se não pode exigir a um corpo como o meu, magro e doente, que se apresente ante os seus amigos com as bochechas e a barriga de Sancho.

— Mas porque não vieste por Paris?

— Tinha pressa de chegar a Madrid, e receei demorar-me na capital do vizinho império mais do que podia. E bem sabes que breve se fecha o prazo para a apresentação dos quadros; chego, pois, a tempo. Arranjaram-me casa?

— Tens a nossa. Nós temos casa.

— Tenho quarto?

— Viverás como um príncipe destronado, não te apoquentes.

— Conduzam-me, então, para onde quiserem.

— E a tua bagagem?

— Reduz-se a uma mala, dois caixotes com quadros, e a tela que venho expor, que vem enrolada em um cilindro de madeira. Aqui está a guia.

— Dá-m'a. Pepe encarrega-se de tudo. É um rapaz muito esperto.

Os três amigos saíram da estação, entregaram a guia ao criado que se chamava Pepe, e subiram para um trem.

Para chegar à mansarda dos artistas era necessário subir noventa e seis degraus.

Uma vez vencida a dificuldade dos noventa e seis degraus, a mansarda ocupada pelo pintor e pelo poeta era alegre como uma manhã de maio.

Ali respirava-se o ar puro; dali o céu parecia mais azul e a vista espreitava contemplando as árvores do Retiro e do Prado.

André fizera da sala o seu *atelier*, onde tudo se encontrava numa desordem encantadora e própria do gênio.

Marcial reservara a saleta para escritório. Ficava ainda a casa de jantar bastante grande, outra sala, dois quartos e a cozinha.

A segunda sala estava adornada com móveis alugados para receber Ernesto.

Devemos advertir que era uma dessas mansardas decentes, que têm fogão em todas as casas, e que rendem ao senhorio oito mil reales por ano.

Quando os três amigos se instalaram na sala que servia de *atelier* a André, este disse:

— Aqui tens o nosso palácio, que de hoje em diante será também teu, se é que desejas viver conosco.

— Está claro! Aceito uma parte da casa, porque vejo que têm um grande *atelier* e admiráveis luzes para trabalhar.

— O que quer dizer que vens disposto a continuar com os pinceis.

— Bem sabes que são eles o meu único patrimônio.

— Ai! Ernesto, por desgraça, em Espanha a pintura pouco rende.

— Bem sei; mas trabalhando muito, espero não morrer de fome.

— Morrer de fome, estando conosco!? exclamou Marcial. Isso não é fácil; aqui os bens são comuns e desse modo nunca nos falta nada. Demais o teu quadro será premiado, tu ficas rico, garanto-t'o eu.

- Não confio em promessas de poetas.
- O tempo te convencerá de que laboras num erro. Mas tratemos de outra coisa. Que tal te deste em Roma?
- Bem como sempre. Roma é a minha pátria.
- Sim, é a pátria dos artistas. Mas agora dize-me com franqueza, tu tiveste o mau gosto de te enamorares?
- Meu caro Marcial o amor não é outra cousa do que uma contribuição que todos pagamos, mais tarde ou mais cedo.
- Em boa hora o fosse. Eu procurarei pagá-lo o mais tarde possível. Mas com o direito que me concede a boa amizade, permite-me que te continue a interrogar.
- Pergunta o que quiseres.
- Amas?
- Creio que sim.
- Vamos ver. Quantos graus atinge o teu amor?
- Muitos, respondeu Ernesto, sorrindo-se.
- E quem é ela?
- Se me permitem, guardarei segredo.
- Não há inconveniente; mas sem dar nome ao santo, creio que nos podes dar alguns pormenores.
- Isso é diverso.
- É nova?
- Vinte anos.
- Formosa?
- Como o mais belo sonho de um pintor.
- Bem, bem, a arte deve ser irmã da beleza. É rica?

- Sim, por meu mal.
- Diabo! Isso não se explica.
- Digo por meu mal, porque se fosse pobre como eu, já seria minha mulher.
- Tão enamorado estás?
- Para que negá-lo? Não tenho segredos para vocês, que são os meus únicos amigos: amo-a com toda a minha alma.
- De forma que, quando terminar a exposição, regressas a Roma.
- Não, porque ela vive em Madrid.
- Anh! Isso é diverso; do mal o menos. Esperamos que no-la apresentarás quando já não for segredo o teu amor.
- Prometo-o, tão depressa alcance o consentimento do pai. Por agora só lhes peço uma cama onde me deite algumas horas, porque estou muito moído.
- Tens razão, vem. Nós mesmo te vamos acompanhar ao quarto que te reservamos, mas não consentimos que durmas até muito tarde, porque convidamos uns amigos para almoçar.
- Acordem-me quando quiserem.

Um quarto de hora depois dormia docemente embalado pela glória e pelo amor.

Pobre Ernesto! Como estava longe de imaginar a volubilidade da criatura a quem entregara toda a sua alma num só beijo!

#### **CAPÍTULO 14: CURIOSIDADE NÃO SATISFEITA**

Enquanto Ernesto dormia, os seus amigos colocaram convenientemente a tela que o pintor trouxera de Roma.

- Magnífico! exclamou Marcial ao vê-la. Estou crente que na Exposição não aparecerá nada melhor.
- É uma grande obra, ajuntou André, contemplando o quadro com olhos de entendedor. Ernesto obtém o primeiro prêmio.

— Mas espera. Já vi esta cabeça de mulher em alguma parte, disse o poeta fixando uma das figuras do primeiro plano, que representava a rainha Esther.

— Eu também, ajuntou o pintor.

— Recordemo-nos onde.

Mas de repente deu uma palmada na testa, e exclamou:

— Espera, já sei! Esta cabeça não é outra senão a de uma menina que conheço e que mora em Madrid. É a filha do milionário D. Ventura de Aguilar.

— Ah! Sim! Aquele sujeito que vem muito ao Suíço e que é tão amigo dos artistas.

— Esse mesmo.

— E que faz esse senhor?

— Não o vejo desde o inverno passado. Deve andar viajando.

— Preocupações dos ricos durante o verão.

— Sabes que examinando este magnífico retrato me assalta uma suspeita?

— Qual é?

— Que seja a linda Amparo o amor de Ernesto.

— Também me parece que tens razão em o suspeitares, visto que não há muito ainda nos disse que ela era rica.

— Decididamente está decifrado o enigma.

— Sendo assim, sou de opinião que Ernesto deve dar, o mais breve possível, o nó górdio.

— Nunca! Um artista de merecimento, um homem de talento deve ser solteiro toda a vida; o matrimônio é um obstáculo para a sua glória.

— Seja como for, o quadro é admirável.

— E devemos confessar que Ernesto será uma glória nacional.

— O quadro produzirá um efeito grandioso; também eu não esperava menos.

— Se Ernesto encontrasse um Cosme de Médicis, tinha a fortuna feita.

— Desgraçadamente para os pintores aqueles tempos passaram.

— Sim, dizes bem.

Às onze horas chegaram três amigos de Ernesto, pintores também, que estavam convidados para almoçar com Marcial e André.

Ernesto continuava dormindo, sono que se respeitou durante meia hora que passaram entretidos a contemplar o quadro.

Por fim decidiram-se a despertar o hóspede, e Ernesto deixou a cama entre aplausos, felicitações e abraços dos amigos.

Tudo sorria em volta de Ernesto, e ele pensava de si para si:

— Hoje estou com os meus amigos; amanhã... oh! amanhã irei vê-la ao seu palácio de Caramanchel.

Ernesto ignorava que Amparo tivesse morrido para ele.

Os seis amigos foram para o restaurante do Arminho, onde estava encomendado o almoço.

Os poetas e os pintores são tão pobres de dinheiro como ricos de imaginação. Quando a venda de um quadro ou a estreia de uma peça lhes rende algum dinheiro, gastam-no alegremente com o mesmo desprendimento de príncipes. Ao acabar-se o último cêntimo puxa-se pela inteligência e cria-se outra obra. Assim passam a vida esses sonhadores, esses filhos do gênio que vivem acariciados pelo sopro da glória e pela interminável melodia das suas ilusões.

O restaurante do Arminho hoje já não existe; há ainda pouco tempo que fechou as suas portas, convertendo-se no de Madrid. Mas seja como for, ocupemo-nos do primeiro.

O Arminho no seu pequeno, mas elegante recinto, não era frequentado por pobres ou económicos. O serviço era à lista, e os pratos caros, mas bons.

Os frequentadores sabiam que um simples almoço lhes custava um par de duros, mas sabiam também que era preciso pagar, não só os manjares que depositavam no estômago, como as gravatas brancas dos criados e o serviço de prata em que eram servidos.

Numa grande cidade como Madrid há o costume de se atirar o ouro por um lado, enquanto que do outro alguns desgraçados morrem de fome.

Marcial encarregara-se do almoço. Naquele dia os estômagos dos amigos estavam à sua disposição. Escreveu num papel os quatro pratos fortes de que devia compor-se, deixando ao gosto do cozinheiro do restaurante as sobremesas e os vinhos.

Os seis jovens, alegres e cheios de ilusões, tinham bom apetite; comeram como quem não sente remorsos na consciência, falaram de pinturas, de teatros, de mulheres.

Ernesto ouvia com certa satisfação os seus amigos; falava menos do que eles sem dúvida, porque tinha a imaginação mais preocupada.

Quando chegou o *Champagne*, o vinho da alegria, do amor, quando começaram os brindes e os epigramas picantes. Marcial levantou-se com um copo na mão, e disse:

— Brindo pelo original que serviu de modelo ao nosso amigo para pintar a formosa figura de Esther no quadro que será a admiração de Madrid.

Todos esvaziaram os copos.

— E se essa figura que tanto celebras fosse uma criação minha? disse Ernesto, sorrindo-se.

— Então, respondeu Marcial maliciosamente, brindo pelas belas criações do teu gênio, e se alguma vez tiver a triste ideia de me casar, pedir-te-ei primeiro que pintes uma mulher a teu gosto, e juro-te que não consumarei o sagrado laço do matrimônio sem que encontre uma de carne que seja igual à do teu retrato. Mas, que queres, parece-me que já vi a tua Esther com trajes à moderna.

— Estás enganado, respondeu Ernesto com embaraço.

— Senhores, disse André, levantando-se, eu, em nome da fraternal amizade que nos une, peço que respeitem o silêncio do nosso amigo.

— Pois eu, pelo contrário, peço que nos conte todos os seus segredos, exclamou um dos convidados. Entre amigos como nós, tudo é comum, até os segredos.

— Tem razão. Ernesto não deve ser avaro dos seus segredos, já que nunca o foi da sua bolsa.

— Fala!



— Conta-nos o que fizeste em Roma desde o dia em que pisaste a cidade eterna, até ao momento em que partiste para nos trazeres o melhor quadro que verão os contemporâneos.

— Sim, conta-nos a história dos teus amores.

— Basta, senhores! exclamou Ernesto, estendendo os braços para restabelecer a ordem. Quem diabo lhes disse que estou enamorado?

— Foi Marcial.

— É uma calúnia.

— Podemos provar-te o contrário.

— De que maneira?

— Apresentando-te o original da tua Esther.

Ernesto estremeceu.

— Nesse caso, só se poderia atribuir a uma casualidade, disse inquieto.

— A amizade não deve ser exigente, disse André desejoso de livrar o seu amigo daqueles apuros. Visto que Ernesto não conta, respeitemos o seu silêncio, e tomemos café.

— Sim, sim; tomemos café, juntou Marcial, e com pouco açúcar, para que alivie um pouco a cabeça, dissipando os vapores do vinho!

— Isso é um insulto; chamas-nos *piteireiros*.

— Pode ser que tenhas razão, disse outro. Apesar de tudo, o piteireiro é um ser feliz.

— Que seria dos homens se não existisse o vinho?

— Uma sociedade de pais graves.

— Um vasto cemitério.

— Viva o vinho!

— E os homens despreocupados, que se não importam de se embriagarem!

— Viva a Inglaterra, onde a embriaguez é respeitada.

— E está na ordem do dia.

— Ah! Nós, os espanhóis, somos uns hipócritas; criticamos os piteireiros, mas bebemos vinho.

Desde aquele momento a conversa dos seis rapazes foi tão animada, tão alegre, que nos seria difícil reproduzi-la.

Contos, anedotas, escândalos da capital, tudo serviu de assunto, em redor daquela mesa, onde fumegava a digestiva *moka* e o estomacal *cognac*.

Às seis da tarde abandonaram o restaurante, e dirigiram-se para Castelhana. Necessitavam respirar o ar fresco do campo.

## CAPÍTULO 15: CARTA INTERROMPIDA

Penetremos na encantadora quinta que D. Ventura possuía em *Carabanchel de Arriba*; mas não nas elegantes e luxuosas habitações, pois que Amparo que é quem procuramos, está num caramanchão situado no extremo de uma reta e larga rua formada por altos e copados castanheiros da Índia.

Para que o leitor se inteire de tudo o que sucedeu desde que perdeu de vista a formosa herdeira de D. Ventura, bastará dar-se ao incômodo de ler a carta que Amparo escreve a uma amiga íntima e antiga condiscípulo.

Leiamos, pois:

“Minha querida Luiza

“Desde o dia do meu casamento com o conde de Loreto, isto é, há um mês, nem tu sabes o que tem sido de mim nem eu sei nada de ti. Agora que meu marido me deixou, pois alguns negócios o prendem todo o dia em Madrid, vou dar-te parte da minha vida.

“Escrevo-te, ouvindo o canto das aves sobre a minha cabeça, e aspirando o perfume do jasmim e da madressilva. A minha alma necessita da doce quietação que me rodeia, para poder expressar-te toda a imensa felicidade que sinto.

“Ah! Luiza, já sei que amas um homem, e que és igualmente amada por ele. Porque se não casam? E porque não veem para o campo?

“Ignorava que no coração de uma criatura o amor infundisse uma felicidade tão infável como a que experimento. É bem verdade que Fernando, meu marido, é o melhor dos homens.

“Se visses a maneira amável e obsequiosa que tem sempre para comigo! Eu sou, por assim dizer, a rainha absoluta deste pequeno paraíso. Meu pai ri-se do que chama caprichos de menina amimada, e Fernando aprova imediatamente, tendo por lógico e natural até o mais estranho e excêntrico.

“Muitas vezes pergunto a mim própria se esta felicidade poderá durar muito. Mas porque não há de durar? Quando o amor é verdadeiro, dura tanto como a vida. Que digo? Mais do que a vida, pois acompanha a alma até à eternidade.

“Mas vou-te falar de Fernando a quem só conheces superficialmente. Imagina, querida Luiza, um rapaz bonito, com um coração de anjo, a quem os gênios da música e da pintura bafejaram em criança, pois que Fernando é músico e pintor.

“Toca órgão de uma maneira admirável, e desenha quase tão bem como Gustavo Doré, cujos belos trabalhos conheces.

“Junta a isto uma bondade sempre disposta a comprazer e poderás imaginar quem é o homem que me coube por sorte para companheiro de toda a minha vida.

“Demais, Fernando tem uma conversação que fascina.

“Quando de noite passeamos pelo jardim de braço dado, deleita-me ouvir-lhe os planos que formulou para que a minha felicidade seja mais duradoura.

“Se soubesses as viagens encantadoras que projeta para a próxima primavera!...”

Estava a carta neste ponto, quando Amparo ouviu pronunciar o seu nome; levantou a cabeça e não pôde conter um grito.

Tinha na sua frente, seu pai e Ernesto.

D. Ventura, alegre e risonho como sempre; o pintor pálido como um cadáver.

Amparo ao vê-lo, deixou cair a pena da mão, exclamando:

— Ah! é o sr. Ernesto!

— Ele próprio, respondeu D. Ventura, colocando familiarmente uma mão no ombro do pintor. Surpreendeste-te, não é verdade? Pois olha que a mim também me sucedeu o mesmo, apesar de o esperar mais dia, menos dia, visto a exposição abrir em meados do mês.

Durante este curto diálogo, Ernesto guardou silêncio. Os olhos tinha-os fixos em Amparo e os lábios entreabertos deixavam assomar um sorriso tão amargo como doloroso.

Amparo por sua parte, parecia perturbada. A presença inesperada de Ernesto produzira-lhe um efeito desagradável. Nos olhos daquele homem estava o ameaçador olhar do amante ofendido.

Aquele homem era para ela um terrível presságio, um vivo remorso. Desejava estar a cem léguas dali.

— Sem dúvida, que viemos importunar esta senhora, disse Ernesto procurando dominar-se.

— Não, senhor Ernesto; escrevia a uma amiga, e tenho tempo. Só à noite é que parte o correio.

— Demais, disse D. Ventura, o senhor não é uma visita importuna para nós, mas um bom amigo a quem tratamos com o maior prazer e recebemos sempre com satisfação. Se assim não fosse cometeríamos uma ingratidão. De forma nenhuma se esquecem facilmente as nossas excursões por Florença e Roma.

Inocentemente D. Ventura feriu no mais recôndito o coração da filha.

— Creio, senhor Ernesto, que concluiu o seu quadro que vimos começado em Roma, disse Amparo.

— Sim, minha senhora, concluiu-o, e espero depois de amanhã, requerer um lugar para a próxima exposição.

— Onde iremos admirá-lo e orgulharmo-nos, porque somos amigos do pintor, ajuntou D. Ventura.

— Quem o duvida?

— Mas dize-me: onde está o teu marido. Desejava apresentar-lhe Ernesto.

— Fernando foi esta manhã a Madrid e não volta senão à tarde.

— É pena; mas tudo se pode remediar, ficando Ernesto e almoçando conosco.

Decididamente D. Ventura parecia disposto a atormentar a filha.

Ernesto compreendeu que Amparo desejava ver-se livre da sua presença, mas a notícia inesperada do seu casamento, causara-lhe tão terrível efeito, que

aceitou o almoço que lhe oferecia D. Ventura, só pelo prazer de atormentar aquela *coquete* que brincara com o seu coração para depois o despedaçar.

O almoço ia ser igualmente terrível para os dois, mas Ernesto devorado pelo ciúme, pela raiva, pelo desespero, estava resolvido a sofrer tudo.

Aceite o convite, D. Ventura, que não sabia estar quieto em parte alguma, teve ainda outro ensejo mais lamentável para atormentar a filha do que os anteriores.

— Ernesto é como da família e como fica para almoçar, vou dar as ordens necessárias e escrever duas cartas; passeiem pelo jardim, que eu venho buscá-los depois.

E dizendo isto dirigiu-se precipitadamente, para casa.

Naquela ocasião Ernesto daria a D. Ventura, a vida, e até a glória; tinha necessidade de falar com Amparo sem testemunhas, de ouvir uma explicação da sua conduta; e demais, continuar o fingimento, a dissimulação, seria impossível.

Quando num peito cheio de juventude e apaixonado se levanta essa terrível tempestade do ciúme, é difícil dominá-la, chega o momento em que, esquecendo-se dos deveres sociais, estala e produz um conflito.

Ernesto, ao ver-se só, suspirou com força.

Amparo compreendeu a sua situação e conhecendo o generoso coração de Ernesto, juntou as mãos, deixou assomar aos olhos duas claras e transparentes lágrimas e com voz comovida, disse:

— Pela memória de sua mãe, pela recordação daquelas noites imprudentes de Florença, rogo-lhe, Ernesto, que se esqueça de tudo e me perdoe.

O pintor fixou um olhar intenso, sinistro, naquela mulher que nunca lhe parecera tão bela, e dominando-se, mas estremecendo ao mesmo tempo, como se o fosse a acometer um ataque nervoso, disse:

— Perdoar, é fácil; basta ter um coração grande e generoso; esquecer é impossível, senhora, quando se tem uma alma como a minha, quando se sente na boca o fogo de um beijo que há de causar a minha desgraça e a minha morte.

E levando a mão à cabeça, em tom desesperado, exclamou:

— Tudo isto é um sonho! É impossível que isto seja realidade! Que mal fiz a esta mulher, para que depois de mostrar-me o céu, me lance no abismo do desespero?

— Ernesto, senhor Ernesto, por piedade. Conheço que fui uma imprudente, que sou culpada, mas que quer...

— Senhora, exclamou Ernesto com dignidade, há procedimentos, que nem Cícero com toda a sua eloquência, poderia explicar satisfatoriamente, e o seu, é um deles; e, se eu, vendo-me enganado, me quisesse vingar, se eu neste momento em que a vida me é indiferente, cometesse um desses crimes que lança o desespero nos homens, seria mais desculpável ainda ante os homens do que a senhora ante a sua consciência.

— É verdade, é verdade! murmurou Amparo, escondendo o rosto nas mãos. Pode-me matar se lhe apraz.

— Não tenha medo; tenho bastante coragem para receber a morte sem me defender. Até ainda há pouco a esperança, essa bela flor da vida que tudo embeleza, esse grato perfume da alma, acariciou o meu coração, porque a luz de uns olhos que outrora se fixaram nos meus cheios de ternura, iluminava todo o meu ser; mas, agora, encontro-me subitamente mergulhado na mais profunda escuridão. Foi tudo um sonho, tudo uma mentira; a senhora nunca me amou; as noites de Florença foram momentos passageiros de delírio, entretenimento de mulher *coquete*, esmola concedida por uns lábios lisonjeiros, falso ouropel que tive a veicidade de receber por ouro puro; e enquanto recebia um beijo falso, dava a minha alma inteira. Ah! Que louco fui! Se ao menos tivesse tido compaixão de mim, se se tivesse dignado escrever-me uma carta, dizendo-me: “Ernesto, esqueça tudo quanto se passou entre nós; vou casar-me com o conde de Loreto, meu pai exige-o, é um compromisso que não posso evitar...” uma desculpa qualquer, uma mentira ao menos, porque há mentiras desculpáveis porque nos fazem bem... Mas não; a senhora, pelo contrário, guardou silêncio, e eu continuava alimentando as minhas ilusões. Hoje chego a esta casa com a alma repleta de amor e de esperança e o seu pai diz-me com a mesma frieza e indiferença como se me falasse de um dos seus negócios: “Amparo casou com o conde de Loreto.” Compreende, senhora, o efeito que em mim produziu esta notícia? As palavras não matam porque eu ainda vivo.

Amparo chorava. Só então compreendeu a gravidade da sua imprudência. O conde de Loreto fascinara-a: desde o dia das corridas em Paris amava-o de toda a sua alma, mas se antes de casar ouvisse as justas recriminações que lhe dirigia Ernesto, não teria pronunciado o *sim* de esposa junto ao altar.

Mas o coquetismo, essa arma terrível da mulher, quando esgrimida contra um coração enamorado e sensível, dera os seus terríveis frutos e já era tarde para retroceder.

Por isso Amparo não encontrava palavras com que se defendesse, com que se justificasse.

Nestes casos, a mulher tem dois caminhos; ou rir-se do amante enganado, ou confiar na sua generosidade e pedir-lhe perdão.

Amparo nem por sonhos pensou no primeiro caso; conhecia bem o amor de Ernesto e a bondade do seu coração; por isso apelou para o segundo recurso, e, levantando a cabeça, apresentou ante os olhos do pintor o seu rosto interessante, formoso e pálido, e, derramando lágrimas, disse:

— Pois bem, sim, Ernesto; fui uma *coquete*, uma imprudente, uma leviana. O meu procedimento não tem desculpa; mas amo o meu marido e preferiria cem vezes a morte a faltar ao que a minha honra e os meus deveres de esposa me impõem. Se não é bastante generoso para perdoar, mate-me, antes que Fernando conceba a menor suspeita, e antes que a mais pequena nuvem empane a sua felicidade, prefiro morrer. Mas o senhor é bom e terá dó de mim.

Ernesto começava a sentir-se enternecido. Amava tanto aquela mulher que não se sentia com coragem para lhe negar fosse o que fosse. Amparo aproveitava-se das vantagens que ia conquistando.

— Sejam, pois, amigos, como nos primeiros dias em que nos conhecemos; irmão, se quiser, mas perdoe-me e esqueça-me... não será tão cruel que m'o negue.

— Amparo, a senhora não pode imaginar o sacrifício que me pede; mas faz bem em confiar em mim. Como poderei ser a causa da desgraça da mulher que amo de toda a minha alma? Perdoo-lhe todo o mal que me fez, mas esquecer... é impossível. Para amar não é preciso ser correspondido. Mas para que prolongar por mais tempo uma cena que me despedaça o coração? Adeus, minha senhora, seja feliz, viva sossegada, porque entre os dois abriu-se, desde hoje, um abismo, no fundo do qual estão sepultadas todas as minhas ilusões, toda a minha felicidade.

E Ernesto saiu do caramanchão como o demente que arrebatado pela vertigem do seu doente cérebro não sabe para onde caminha.

O primeiro movimento de Amparo foi detê-lo; porém conteve-se, calculando que ia cometer uma segunda imprudência, e de mais graves consequências do que a primeira.

Uma vez só procurou serenar-se.

— Pobre Ernesto! disse ela, enxugando as lágrimas. Nunca imaginei que fosse tão grande o seu amor. Ah! Tem muita razão para me odiar. Foi uma imprudência.

E, recordando-se de que uma só palavra de Ernesto poderia perturbar a sua felicidade, exclamou:

— Meu Deus! Permitti que esse homem não seja assaltado pela terrível paixão da vingança.

Amparo fixou o olhar na carta que escrevia tão alegre, poucos momentos antes, à sua amiga, e não tendo paciência nem sossego naquele momento para concluí-la, guardou-a na carteira do seu estojo de viagem.

Quando o pai voltou, Amparo estava quase sossegada, ou pelo menos fingia, para que se não suspeitasse nada da cena que acabara de dar-se naquele lugar.

— Aonde está Ernesto? perguntou D. Ventura.

Rapidamente imaginou uma desculpa que motivasse a precipitada fuga do pintor.

— Ernesto, disse, acaba de sair.

— Mas, volta para almoçar?

— Não; disse-me para lhe pedir desculpa de se retirar, mas havia-se esquecido de que tinha uma entrevista importante em Madrid às duas horas da tarde.

— Todos os artistas têm a cabeça à razão de juro. Mas enfim que remédio! Almoçaremos sozinhos.

E oferecendo o braço à filha, dirigiram-se para casa.

## CAPÍTULO 16: PROPOSTAS

Ernesto chegou a casa e deixou-se cair desesperadamente na cama; sentia-se fatigado, um desejo irresistível de chorar, um calor imenso nas fontes e um frio glacial no coração.

Deitou a cabeça nas almofadas e chorou.



Às cinco horas da tarde, Marcial e André foram buscá-lo para irem jantar, e ao verem-no pálido, com o parecer decomposto e os olhos avermelhados, perguntaram sobressaltados:

— Estás doente? Que tens?

— Nada, meus amigos, nada; quero estar só. Deixem-me; esta tarde não tenho apetite.

— Mais uma prova de que estas doente, e por isso não te abandonaremos.

— Por Deus, não me obriguem a levantar. Um bocado de sossego far-me-á bem. Repito-lhes que não tenho nada. Vão tranquilos que lhes peço eu.

Depois de meia hora de inúteis perguntas, Marcial e André saíram aflitos do quarto de Ernesto.

— Indubitavelmente há alguma cousa, disse o poeta.

— Que diabo sucederia? ajuntou André.

— Parece-me que anda neste mistério o original da formosa Esther do quadro.

— Também o creio.

— Não te disse ele esta manhã, que ia a Carabanchel?

— Sim.

— Em Carabanchel tem D. Ventura uma casa de campo.

— Que lhe sucederia?

— Quem sabe! Talvez algum desengano.

— Seja o que for, procuremos indagar. É uma desgraça ter um coração impressionável como o de Ernesto; vai dar-lhe muitos desgostos.

Marcial e André recolheram naquela noite mais cedo que de costume.

Ernesto continuava deitado; no quarto não tinha luz. Marcial aproximou-se da cama com um fósforo aceso para ver se o seu amigo ainda dormia.

O pintor tinha os olhos abertos.

O poeta acendeu a vela que estava na mesa de cabeceira, puxou uma cadeira e sentou-se próximo da cama do amigo.

— Olha, Ernesto, a dissimulação só tem lugar entre pessoas que se não estimam. É em vão que procuras ocultar-me o que te sucedeu. Sofres, tens uma dessas dores imensas que oprimem o coração. Basta olhar-te para a cara para te adivinhar. Compreendes que, estimando-te como a um irmão, não me posso retirar tranquilo, só porque me dizes: “Não tenho nada”. Confia, pois, na minha amizade, deposita em mim as tuas mágoas. Quem sabe se poderei servir-te de consolação?

Ernesto apertou carinhosamente a mão do amigo e disse:

— Sei quanto me estimas; sei de quanto é capaz o teu generoso coração. Somos amigos há muito tempo, e nunca tive o mais leve motivo para duvidar da tua amizade. Em nome, pois, dessa amizade, peço-te que respeites o meu silêncio e que me deixes só.

— Está bem, obedeço; mas não esqueças nem um só momento de que me encontro disposto a fazer o sacrifício da minha vida, se com ela posso evitar-te algum desgosto.

Marcial saiu do quarto de Ernesto na ocasião em que ia a entrar André.

— Onde vais? Ihe disse.

— Ver Ernesto.

— Deixa-o, está dormindo; o que precisa é de sossego.

No dia seguinte Ernesto levantou-se de melhor parecer, e os três amigos tomaram juntos uma chávena de chá e alguns biscoitos ingleses.

Nem André, nem Marcial tornaram a perguntar a causa da sua tristeza, mas eles também estavam tristes e desgostosos.

Naquele mesmo dia ficou o quadro de Ernesto na exposição. À noite reuniu-se com os amigos no café. Todos respeitaram a taciturnidade do pintor, porque todos o estimavam e se compadeciam da sua incompreensível tristeza.

Assim se passaram quinze dias. A exposição de pintura abriu as portas ao público, e o quadro de Ernesto arrancou um grito de admiração aos espectadores.

A figura de Esther era uma obra tão perfeita como a Virgem de Murilo. O quadro tinha sempre um grupo de admiradores, que o contemplavam com verdadeiro êxtase.

Uma manhã Ernesto acabava de se levantar quando José, o criado, entrou participando-lhe que um cavalheiro lhe desejava falar.

Esse cavalheiro não era outro senão Fernando del Vilar, Conde de Loreto.

Ernesto procurando simular uma serenidade que não sentia, ofereceu-lhe uma cadeira, e perguntou tranquilamente o que desejava.

— Vi e admirei o precioso quadro que tem na exposição de pintura, disse o conde. É na verdade uma obra-prima. Tenho a absoluta certeza de que alcança o primeiro prêmio, e venho ver se o senhor m'o quer vender.

— Senhor, disse Ernesto, creia que concede ao meu trabalho mais merecimentos do que os que realmente tem. Mas de modo nenhum desejo desfazer-me dele enquanto o júri não resolver.

— Entretanto pode confiar, disse o conde, que o júri lhe concede o primeiro prêmio, e eu compro-lhe o quadro como uma obra-prima. Pode pedir-me quanto quiser sem receio de que me pareça exagerado o preço. Felizmente sou rico, e sei avaliar o valor das obras como a tela de Esther.

— Tenho também que advertir-lhe, senhor conde, de que um correspondente da casa de Rotschild já me fez proposta sobre o quadro.

— Rotschild é mais rico do que eu, disse o conde, sorrindo-se, mas tenho mais direitos do que ele ao quadro a que nos referimos.

— O senhor tem mais direito?! exclamou Ernesto, compreendendo o ponto para onde o conde desejava levar a conversa.

— Sim, porque o senhor não ignora que a cabeça de Esther tem uma grande semelhança, semelhança de retrato perfeito, com uma mulher que tenho em muita conta, e cujo bom nome me importa mais do que a vida.

— Não serei eu que o contradiga na sua opinião, senhor conde, mas se é retrato, é por pura casualidade, pois foi pintado de imaginação.

— Creio, senhor, ajuntou o conde manifestando a sua importância, que nestas coisas o melhor é falar com a máxima franqueza.

— Nada há de que eu mais goste.

— Assim, pois, começarei por lhe dizer o que o senhor não ignora, e é que a cabeça de Esther não é outra coisa senão o retrato de minha mulher, a quem o senhor conheceu em Roma e em Florença.

— Pois bem, senhor conde, ainda que assim seja, ainda que visse e tratasse em Roma e Florença com a senhora que hoje é sua esposa, ainda que a minha memória tivesse sido tão feliz que retivesse as suas feições e as transportasse à tela, tudo isso não é mais do que uma liberdade que tomei, e se o ofende essa liberdade, a questão, entre pessoas de bem, tem uma solução que o senhor não ignora.

Ernesto pronunciara estas palavras com a altivez de quem provoca. O conde ouviu-o tranquilamente e sem demonstrar a mais leve agitação.

Quando o pintor concluiu, o conde fez um movimento de olhos e de rosto, manifestando o desgosto que lhe causava semelhante provocação.

— Senhor, disse pausadamente, primeiro que tudo, previno-o de que não vim aqui ao som de guerra e julgo por tanto fora de propósito a solução que acaba de me propor. Que conseguiríamos batendo-nos? Justamente o contrário do que desejo e do que o senhor desejará amanhã. Poderia provar-lhe, sem que lhe ficasse dúvida alguma, que não sou um cobarde, e que me tenho batido mais de uma vez.

Ernesto sorriu-se.

— Perdoo-lhe essa nova provocação, ajuntou o conde, e torno a pedir-lhe não só que me venda o quadro, como também que espalhe a notícia de que eu lho encomendei em Roma, pedindo-lhe que este fosse o retrato de Amparo.

— Nunca!

O conde estremeceu, aumentou de uma maneira terrível a sua palidez, os seus olhos brilharam momentaneamente de uma forma sinistra, e fazendo um esforço violento para dominar-se, continuou sem levantar a voz, com humilde entoação.

— Creia, meu amigo, que está em completo erro se julga que vim aqui com exigências; longe do meu espírito toda a ideia de ameaça; só suplico. Se o senhor se nega a vender-me o quadro, mas se deseja evitar a minha mulher graves desgostos, creio que por fim cederá a publicar um artigo nos jornais em que explique satisfatória e convincentemente para todos, a semelhança que tem a figura de Esther com Amparo.

E o conde, levantando-se ajuntou:

— Pense, e pense também nas graves consequências que a todos podem trazer a sua negativa. Espero até amanhã a sua resposta em minha casa. Este cartão indica-lhe a minha residência em Madrid.

E deixando sobre uma mesa um bilhete de visita, cumprimentou-o e saiu.

Ernesto permanecia sentado com o olhar provocador, sem se dignar corresponder ao cumprimento que o conde lhe dirigira ao sair.

## CAPÍTULO 17: CONFIANÇA

Quando o conde entrou na carruagem que o esperava à porta, deu ordem que o conduzissem para casa, e deixou-se cair no assento rugindo de raiva.

— Ah! exclamou falando consigo. Aquele insensato julgou talvez que tive medo. E não conheceu o horrível tormento que me causava o conter-me. Terei que matar outro homem? Não, não, mil vezes não. Consentirei antes que ele me esbofeteie, preferirei fazer saltar os miolos.

Quando o conde chegou a casa, situada na rua do Barquilo, entrou no quarto de vestir de Amparo, que o esperava inquieta e comovida.

— O tal senhor Ernesto, disse o conde, sentando-se num sofá, é menos generoso do que supunhas. Nem quer vender-me o quadro, nem publicar uma comunicação em que explique decentemente a natural curiosidade de todos que te conhecem.

— Mas ele não tinha nenhum direito para fazer o que fez, para me pintar num quadro com risco de me comprometer, exclamou Amparo tartamudeando.

O conde sorriu-se, e fazendo um movimento de ombros, disse:

— Não podes calcular o quanto me fez sofrer esse homem. Durante a nossa entrevista, falei-lhe com doçura, com humildade, pedi-lhe que me vendesse o quadro, supliquei-lhe, e julgando, sem dúvida, que as minhas palavras eram ditadas pelo medo, que eu era um cobarde, teve o atrevimento de me dizer que se não ficava satisfeito com a sua negativa, o assunto liquidava-se de outra maneira entre homens. Desgraçado! Necessitei de todo o valor, de toda a força do homem que se não pode bater, depois de ter morto cinco homens, para não o esbofetear na sua própria casa. Mas quem sabe se esse insensato me fará faltar ao meu juramento e terei de matá-lo.

— Não, não, Fernando! Não quero que te batas! Não quero que te exponhas! A tua vida pertence-me!

— Mas se esse homem, depois de ter dado pasto a maledicência com o seu importuno quadro, me insultar na rua, no teatro, num passeio, o que hei de fazer senão bater-me?

— Pensa que um duelo não serviria senão para aumentar essa maledicência que nos assusta, esse murmúrio que receamos.

— Sim, concordo; mas não vejo outro caminho.

— Dize-me, Fernando, tens confiança em mim?

— Se a não tivesse, estaria como estou, aqui?

— Obrigada, meu amigo.

— Mas a que propósito veio essa pergunta?

— Porque conheço o belo e nobre caráter de Ernesto.

— Vais fazer-me algum elogio das suas qualidades morais?

— Não; vou tranquilizar-te. Ouve. Uma casualidade fez com que eu conhecesse Ernesto em Roma. Depois acompanhou-nos a Florença. Bondoso e ilustrado, levou-nos a toda a parte, e não demorou muito que não percebesse que eu lhe não era indiferente. Bem sabes, Fernando, que não tenho segredos para ti, porque o meu coração e a minha vida pertencem-te, porque te amo de toda a minha alma.

— Sim, sim, não tenho dúvidas a esse respeito e compreendo perfeitamente tudo quanto se pode passar entre uma menina e demais formosa como tu e um homem como Ernesto, que viajam juntos. Amou-te, fez-te uma declaração que não rejeitaste, já por coquetismo, já por compaixão. Isso é natural nas mulheres, não as censuro; mas às vezes traz más consequências. Agora, por exemplo: Ernesto ao voltar a Espanha, encontra-te casada e julga-se com o direito de fazer a tua e a minha desgraça, e apesar disso não tenho a mais pequena dúvida de que esse rapaz tem uma boa alma, um generoso coração.

— Dizes bem, é uma desgraça. Tomei aqueles passeios em Florença, por um passatempo, por uma distração. Aborrecia-me. Ernesto, pelo contrário, julgou que eu o amava como Heloisa amou Abelardo... Lastimo tão funesto engano. E agora autoriza-me para que meu pai compre o quadro, eu procurarei a maneira, sem faltar aos meus deveres de esposa, de liquidar este assunto satisfatoriamente, porque nada me interessa tanto como a tua felicidade, meu Fernando.

— Repara, Amparo, que o que me propões é uma imprudência. Ernesto para ceder aos teus pedidos, pode ser exigente.

— Nesse caso, dir-te-ei: “Fernando, sou tua; o teu amor é a minha vida. Mata esse homem, que me julgou capaz de faltar aos meus deveres.”

O conde soltou um grito, abraçou com entusiasmo a mulher.

— Ah! disse Amparo, este abraço prova-me que te inspiro confiança, e que anuis ao meu pedido.

— Faze o que quiseres; mas fica sabendo que se antes de vinte e quatro horas esse homem não explicar nos jornais, de um modo satisfatório para mim, a parecença da condessa de Loreto com a Esther do seu quadro, não me fica outro remédio senão matá-lo.

E o conde cumprimentando a esposa, saiu do quarto.

Amparo ficou por um momento como que oprimida sob o peso da ameaça que o marido acabava de proferir.

Pela primeira vez compreendeu até onde podia conduzi-la a imprudência do seu coquetismo em Florença.

Rapidamente lhe passaram pela imaginação as recordações daquelas noites passadas com Ernesto no jardim do hotel do senhor Rosales.

— É preciso evitar a todo o transe que se batam. Um desafio entre meu marido e Ernesto produziria um escândalo, e a maledicência, duvidando da minha honradez, poderia menoscabar na honra do conde. Se isto sucedesse, toda a felicidade que agora desfruto desapareceria. Não, não, falarei com Ernesto e suplicar-lhe-ei se tanto for preciso.

Amparo deteve-se, como se tivesse cometido alguma imprudência.

— Mas se lhe peço uma entrevista, continuou, ainda que esta seja com a nobre intenção de evitar uma desgraça, se se sabe que a mulher do conde de Loreto e o autor do quadro de Esther se viram sem testemunhas, então...

Amparo escondeu o rosto entre as mãos, rompendo em amargo choro, porque compreendia que por todos os lados somente encontraria dificuldades.

Naquele momento entrou D. Ventura.

— Que é isso? Que tens? Porque choras? Acabo de encontrar o teu marido que me cumprimentou com uma frialdade um tanto importuna. Vou-me convencendo de que os aristocratas quando se casam com a filha de um plebeu, embora este seja o mais honrado e o mais rico do mundo, sempre julgam que lhe fazem favor. E olha, como isto me desgosta, e caso continue assim, separo-me de vocês, ainda que o não te ver me amargure a velhice e abrevie os dias que me restam de vida.

D. Ventura falava rapidamente, dissimulando mal o desgosto que sentia e as lágrimas que lhe começavam a assomar aos olhos.

— Meu querido pai. Creio que nos ameaça uma grande desgraça.

Este grito saído do peito de Amparo fez empalidecer o pai.

— Uma desgraça! exclamou. E que desgraça é essa?

— Ernesto foi um imprudente ao tomar-me para modelo do seu quadro.

— E é só isso? perguntou D. Ventura que não via motivo para se sobressaltar daquele modo. Se o motivo é o quadro, se não querem que ele continue exposto, comprem-lho, e é assunto concluído.

— Mas ele não o quer vender.

— Ora! Porque não lho pagam bem.

— Não, meu pai, não. Ernesto não o vende ainda que lhe ofereçam um milhão.

— Pateta! Nem tu nem Ernesto sabem o que é um milhão. Não há quadro do mundo que valha essa quantia.

— O pai não conhece Ernesto.

— Mas entendamo-nos. Que é que tu queres? Que ele retire o quadro?

— Não é somente que o tire da exposição, como também que publique nos jornais um artigo, assinado por ele, dizendo que o quadro é do conde, o qual teve o capricho de que Esther fosse o retrato da esposa.

— Pois bem, falarei com Ernesto, e tudo se arranjará.

— Mas Ernesto recusa-se!

— Como! E porque recusa?



Amparo compreendeu que era preciso revelar tudo ao pai, porque só ele podia valer-lhe naquele apuro, e pegando-lhe carinhosamente nas mãos e olhando-o com doce expressão, disse-lhe:

— Porque Ernesto ama-me; porque tem ciúmes, porque ao chegar a Espanha e encontrando-me casada lhe fugiram todas as esperanças do seu generoso coração, e receio que cometa alguma loucura.

— Diabo! Diabo! Isso é muito diferente! E teu marido sabe que Ernesto te ama?

— Suspeita-o, e jurou bater-se com ele, se antes de vinte e quatro horas não ficar completamente resolvida a questão do quadro.

D. Ventura deu um profundo suspiro.

Começava a ver a questão sob o seu verdadeiro ponto de vista, e receava que tivesse um desenlace fatal.

— Bem vê, meu pai que o meu sobressalto e o meu receio é fundado. Se Fernando e Ernesto se baterem, se algum deles morrer...

— Tudo, menos isso. É preciso liquidar esse negócio. Vou falar com Ernesto.

— Negar-se-á; estou crente. Será mais conveniente que eu lhe fale, mas não na sua casa. É preciso que o papá o chame.

— Não vejo inconveniente. Mas onde? Amparo refletiu um momento.

— Ocupo o meu rés-do-chão desta casa; pois bem, escreva-lhe uma carta pedindo-lhe para vir aqui; não a casa do conde de Loreto, mas —á sua.

D. Ventura sentou-se a uma mesa, pegou na pena e disse:

— Dita a carta.

Amparo pensou alguns instantes. Depois disse:

*Senhor Ernesto Alvarez*

“Meu bom amigo

“Peço-lhe para que tão depressa receba esta carta tenha a bondade de me vir procurar em minha casa pois desejo falar-lhe de um assunto da maior importância.

“Julgo inútil participar-lhe que moro no rés-do-chão, onde o espero, confiado em que se apressará em satisfazer o pedido de um amigo que tanto o estima.

Sempre seu amigo,

*D. Ventura de Aguilar.”*

Fechada a carta, enviou-a imediatamente por um criado.

Depois, D. Ventura e a filha desceram para o rés-do-chão.

— Agora, meu pai, disse Amparo, só lhe peço que quando vier Ernesto me deixe a sós, com ele, mas é preciso que, detrás daquele reposteiro, seja testemunha da nossa entrevista.

— Farei o que quiseres, porque estas questões apoquentam-me atrozmente.

— Preciso, para que se amanhã tentarem debicar em mim, ao menos o meu pai saiba que não sou uma dessas mulheres que faltam aos seus deveres com facilidade.

Uma hora depois Ernesto era introduzido no gabinete em que estava Amparo.

D. Ventura ocultou-se precipitadamente no quarto contíguo.

## **CAPÍTULO 18: A GOLFADA DE SANGUE**

Ernesto, de pé, com o chapéu na mão, pálido, e surpreendido por se encontrar com Amparo, não se atrevia a dar um passo.

Amparo que fazia grandes esforços para dominar a comoção que experimentava sorriu-se e estendeu-lhe a mão.

— Que é isso, meu amigo! Tão zangado está comigo que não quer apertar-me a mão?

— Senhora condessa, em verdade que a não esperava encontrar aqui, tartamudeou Ernesto.

— Porque a suspeitá-lo não teria vindo, não é verdade? Agora vejo que fiz bem em pedir a meu pai que escrevesse a carta. Mas, peço-lhe que se sente aqui, ao meu lado; tenho que lhe falar de um assunto de que depende a tranquilidade da

minha alma, o senhor que sempre foi tão bom para comigo creio que não deixará de sê-lo neste momento.

Ernesto sentou-se ao lado de Amparo, mas sentia-se muito comovido, agitado e quase sem forças para fixar os seus olhos no formoso rosto da condessa.

— Conheço, senhor Ernesto, que me não assiste nenhum direito para lhe pedir algum favor por mais insignificante que seja, porque compreendo que deve estar ressentido comigo. Seria inútil desculpar-me; confesso-me culpada, e fui, se assim quiser, uma *coquete* que pagou esse tributo de vaidade de que poucas mulheres escapam, e por isso vou-lhe falar, não ao homem em cujo braço me apoiei para visitar o Coliseu de Roma e cujas palavras carinhosas ressoaram nos meus ouvidos como uma embriagadora música durante as noites de Florença, mas a um cavalheiro, a um homem generoso e desinteressado, em cujo nobre coração só se albergam sentimentos nobres, enfim, a si, senhor Ernesto, a quem não quero ocultar a situação em que me encontro, a si de quem depende a paz do meu lar, a tranquilidade do meu espírito.

Amparo deteve-se, levou uma das lindas mãos aos olhos e enxugou as lágrimas que durante a conversa lhe assomaram.

— Não creia, senhora condessa, que os meus lábios pronunciem uma só palavra que seja de recriminação, disse Ernesto. Desde que cheguei a Madrid, e assim que soube que a senhora pertencia a outro, que era a esposa do conde de Loreto, senti tão profunda dor no coração, tão grande mágoa na alma, que só então pude avaliar a enorme paixão que me tinha inspirado. Não sou daqueles homens que se resinam a perder num momento as esperanças que durante muito tempo acariciaram. Será isto uma desgraça, concordo, porque não devemos encarar a sério esta vida.

Ernesto passou a mão pelo rosto, fez um esforço para se dominar e continuou:

— Sou um néscio! Estou falando de mim, a senhora condessa, em lugar de lhe perguntar o que deseja e apressar-me a satisfazê-la. Peço-lhe desculpa das minhas anteriores divagações, e ordene tudo quanto lhe aprouver.

— Não, senhor Ernesto, não; conheço todo o mal que o meu coquetismo lhe causou, e por conseguinte não podem ser-me indiferentes os seus sofrimentos. O que quero, o que lhe imploro é que me perdoe e me não odeie, o que lhe peço é que anua ao que esta manhã lhe foi pedir meu marido, porque só assim poderá a minha alma viver tranquila e restabelecer-se a paz nesta casa.

— E... pensou bem no que me pede, minha senhora?

— Sim, sei que para si é um grande sacrifício. Se o senhor fosse outro homem nunca me resolveria a pedir-lhe tão grande favor, senhor Ernesto, mas do senhor espero tudo, porque se tanto for preciso, lançar-me-ei a seus pés até que o consiga, porque o senhor não quererá que nos meus olhos nunca mais sequem as lágrimas, nem ver-me desprezada pela maledicência e odiada de meu marido a quem tanto amo; porque se o senhor não cede acontecerá indubitavelmente uma desgraça.

Ernesto fixou em Amparo um olhar intenso, profundo, como se pretendesse ler-lhe no fundo d'alma, e depois disse:

— O senhor conde de Loreto é um homem valente, um destro atirador que tem provado a sua habilidade e o seu valor em mais de uma ocasião. Sei que se eu recusar terminantemente ao que me pede nos bateremos, e não sendo eu um espadachim, será dele o melhor partido. Também não terei grande trabalho para lhe provar, minha senhora, que a ideia de um duelo de morte pouco me preocupa. A vida só é preciosa para os que são felizes e a senhora destruiu toda a minha felicidade. De mais há já algum tempo que gozo de pouca saúde, e por conseguinte é desnecessário pensar em mim. Só temo que em Madrid me tomem por um cobarde; é epíteto que não mereço e por isso me recusei a satisfazer os pedidos do senhor conde.

— E quem ousará chamar-lhe cobarde? disse Amparo. Para que os seus amigos fizessem semelhante apreciação, seria preciso que houvesse alguma coisa que não fosse natural. Acaba de chegar de Roma com o quadro de Esther; em Roma estive este verão e lá estive também meu marido. Nada tão fácil e tão interessante para a sublime obra que expôs num dos salões da Exposição de pintura, como inventar uma dessas anedotas que fazem na posteridade parte da história de um quadro. Por exemplo: o senhor precisava de um modelo para Esther; encontrou-me com o conde, então meu noivo e seu amigo, e encontrando nas minhas feições tudo quanto sonhava para a figura de Esther, pediu a Fernando para que eu servisse de modelo. O conde anuiu com uma condição: a de comprar-lhe o quadro pelo preço em que o senhor o avaliasse; e efetivamente fechou-se o negócio por vinte e cinco mil duros. Tudo isto é o mais natural do mundo. Ninguém depois de ler nos jornais a história da parecença de Esther com a condessa de Loreto, assinado por si, será capaz de dizer que semelhante declaração foi escrita pela mão de um medroso.

— Efetivamente, minha senhora, respondeu Ernesto, desse modo, na minha história, haveria um episódio fabuloso, o de vender um quadro no século da fotografia pela fabulosa quantia de meio milhão, e estou certo de que tão vantajosa venda produziria inveja a muitos. Mas ignorando todos que conheci em Roma e que acompanhei a Florença D. Amparo de Aguilar, ninguém suporá qual a verdadeira história da parecença de Esther com a condessa de Loreto; e

para mim, basta-me que a senhora o saiba e que o não ignore o senhor conde. Também julgo que a senhora não quererá fazer-me o agravo de me julgar interesseiro. O meu quadro não vale vinte e cinco mil duros e por isso não posso ceder aos seus desejos.

— Meu Deus! disse a jovem juntando as mãos, e derramando abundantes lágrimas. Julgava que este homem me amava, mas enganei-me.

Ernesto fez-se pálido até ficar lívido, os olhos brilharam-lhe de um modo terrível, pegou bruscamente em uma mão de Amparo, e disse:

— Senhora, o meu amor é tão grande, que não encontraria palavras com que pudesse narrar-lho.

E pondo uma mão sobre o peito, continuou:

— Aqui, desde o momento em que perdi a esperança de realizar os meus sonhos, sinto como que uma tempestade infernal que rebentará em breve, despedaçando-me o peito. Oh! Como é insensato todo o homem que não sabe ser superior às paixões que o dominam. Eu nunca amara senão minha mãe e a glória. A que me deu o ser deixou de existir. Fiquei órfão, e a glória desde esse dia foi minha mãe, minha amada, minha vida; mas um dia o destino ou a fatalidade colocou-a ante mim, e amei-a com toda a minha alma. Este amor então foi correspondido, selado com um beijo que ainda me queima nos lábios, que ainda abrasa a alma, e depois...

Ernesto soltou uma gargalhada histérica e ajuntou:

— Mas para que recordar-lhe o que a senhora esqueceu? Que deseja a senhora? Fiz-lhe o sacrifício da minha felicidade, talvez o da minha vida, farei também o da minha honra, estou disposto a tudo. O quadro é seu, minha senhora; escreverei a notícia, e entregarei ao senhor conde de Loreto o documento com que poderá retirá-lo quando a Exposição terminar. Depois, se quiserem, podem queimá-lo, pois era esse o fim a que o destinava.

Ernesto pôs-se de pé, fazendo um esforço supremo, e como se as suas últimas palavras tivesse esgotado as forças, dirigiu-se para a porta.

Amparo olhava-o absorta, comovida, sem coragem para detê-lo. Viu-o partir, e notou que aquele homem tremia como um ébrio.

Apenas saíra do gabinete, ouviu-se na antecâmara um ruído como o que produz um corpo ao cair desamparado. A condessa soltou um grito e D. Ventura saiu da alcova.

— É um rapaz que vale quanto pesa, disse o comerciante.

— Meu pai, corra, sucedeu qualquer coisa a Ernesto.

D. Ventura foi por onde o pintor tinha saído, e efetivamente encontrou-o estendido no chão.

Soltou um grito e pediu socorro. Ernesto estava desmaiado com a cara e o peito manchados de sangue.

Quando Amparo chegou, julgou que Ernesto se suicidara; os criados levantaram-no e transportaram-no para a cama de D. Ventura, e quando chegou o médico, soube-se a verdade: Ernesto tivera um grande vomito de sangue que o obrigara a perder os sentidos.

Uma hora depois, quando voltou a si e abriu os olhos, o conde de Loreto, Amparo, Ventura e o médico estavam em volta da cama.

O pintor estava extremamente pálido, mas com essa palidez mate, melancólica, dos doentes de peito, e dirigindo um olhar vago e fatigado em volta de si, disse com voz débil:

— Quanto me penaliza, senhores, este contratempo. Senti-me mal repentinamente, como se se tivesse rompido qualquer coisa dentro do peito; quis evitar à senhora condessa um desgosto, e retirei-me à pressa, mas ao chegar à antecâmara, perdi os sentidos. Espero que me desculparão o susto que lhes causei.

— O mais importante, meu amigo, disse o conde, é a sua saúde, e desejo que me faça o favor de permanecer em minha casa até que se encontre completamente restabelecido.

Havia tanta doçura, tanto interesse naquela voz, que Ernesto, fixando o conde com um olhar repleto de agradecimento, respondeu:

— Um doente nas minhas condições, senhor conde, é demasiadamente importuno. Agradeço-lhe reconhecidíssimo o seu oferecimento, mas não devo aceitá-lo e peço-lhes que tão depressa o médico diga que me encontro em estado de ir para minha casa, me concedam licença.

— Não será hoje nem amanhã, respondeu o médico, e por conseguinte creio que não nos devemos ocupar de outra coisa que não seja fortalecer o nosso doente.

— Não se fala mais nisso, disse D. Ventura, Ernesto é mais bem tratado aqui do que em sua casa. Eu, em nome da nossa amizade, proíbo-lhe que se levante da cama. Quando estiver restabelecido, quando estiver forte, fará então o que lhe aprouver. Hoje mando eu.

Ernesto fez um movimento de olhos indicando que se resinava. Sentia-se tão fraco, que lhe seria impossível ter-se de pé.

Ficou, pois, resolvido que ficaria no quarto de D. Ventura.

Quando o médico saiu, Amparo deteve-o para lhe perguntar pelo doente.

— É grave, disse o facultativo. Mais tarde ou mais cedo morre. Deve ter sofrido muito.

Amparo retirou-se para os seus aposentos, e, fechando a porta, chorou.

O remorso começava a preocupar-lhe o espírito.

## **CAPÍTULO 19: PAGAR A HOSPITALIDADE**

D. Ventura mandou pôr uma cama no quarto de Ernesto.

— Serei o seu enfermeiro, disse, Amparo, e o conde ajuda-me nesta tarefa. Ânimo, pois, amigo Ernesto, e não pense noutra cousa que não seja em restabelecer-se.

Desde aquela ocasião o pintor encontrou uma família carinhosa, solícita, que lhe prodigalizou todo o bem estar. Nem ele mesmo podia explicar o que se passava em redor de si.

Muitas vezes era Amparo quem lhe dava os remédios, limpando-lhe o copioso suor que com frequência lhe inundava a fronte, e isto fazia-o mesmo diante do marido e com a amorosa solicitude de uma irmã.

D. Ventura logo ao segundo dia começou a tratar o enfermo por tu com a ternura e o interesse de um pai.

Assim se passaram cinco dias. Ernesto falava pouco, não só porque o médico lho proibira, como também porque pensava muito em todos estes acontecimentos.

O seu amor por Amparo era imenso. O conde indubitavelmente conhecia esse amor, e contudo, dedicado e obsequioso, consentia que sua mulher passasse horas inteiras sentada a cabeceira da sua cama.

Em vão Ernesto perguntava a si mesmo porque era que aquela família se mostrava tão atenciosa, tão obsequiadora para com ele, e o seu coração generoso repelia algum pensamento pouco favorável para ela. O conde parecia-lhe um homem digno e honrado, Amparo uma irmã, D. Ventura um pai, e até o médico era para ele um amigo.

Desde que recuperara os sentidos, durante os dias em que se achava naquela casa, ninguém lhe tornara a falar do quadro. Ernesto sentindo-se mais aliviado, aproveitou um momento em que estava só, pois desejava demonstrar àquela família o seu reconhecimento.

Levantou-se da cama, chegou com algum custo a uma mesa onde estavam os apetrechos de escrita, e pôs-se a redigir um artigo.

Passada uma hora tinha acabado.

Então, voltou para a cama, tocou a campainha e disse ao criado que se apresentou:

— Faça favor de dizer ao senhor D. Ventura que desejo falar-lhe.

O criado obedeceu e poucos momentos depois entrava o comerciante, sorrindo como sempre.

— Bravo, bravo, disse ele. Já te vejo esse parecer mais animado e gosto disso. Mas, saibamos o que quer o meu doente.

— Que leia isto, que mande tirar copias e que as remeta aos jornais que quiser.

E Ernesto entregou uns linguados de papel em que pouco antes escrevera. D. Ventura leu para si. Quando acabou a leitura lançou-se nos braços de Ernesto, exclamando com voz comovida:

— Obrigado, Ernesto, obrigado. Estas linhas trarão a paz a um lar e o sossego a um pai; és o homem mais generoso do mundo.

D. Ventura tinha os olhos cheios de lágrimas.

Ernesto estava impressionado ante a profunda satisfação do velho.

— Demais, disse o pintor, fingindo grande naturalidade, essa declaração que destruirá por completo a maledicência, vale bem pouco, e não vejo motivo para que o senhor m'o agradeça. Em poucos dias estarei completamente restabelecido, e sairei de Madrid, e nem o senhor conde, nem a senhora condessa me tornarão a ver. Tenho um plano de vida que me será proveitoso.



Enquanto às nossas excursões artísticas por Florença, e Roma só me resta julgá-las um encantador sonho, filho de uma imaginação viva e impressionável, e como os sonhos se esquecem procurarei esquecê-las também.

— Oh! Tu não dizes o que sentes, Ernesto, sofres e tentas ocultá-lo.

— E quem não sofre neste vale de lágrimas? Existe porventura homem feliz neste mundo? Creio que não. A vida não é outra cousa senão um castigo que Deus impõe à humanidade pelo pecado original; resignemo-nos, pois e paguemos esse tributo ao Criador.

— Mas isso não me tranquilizou por completo. Dizes no teu artigo que o quadro é propriedade do conde de Loreto, que o comprou em Roma, com a condição de que Esther fosse o retrato de sua futura mulher, e isso não é verdade.

— Meu amigo, às vezes a mentira, que tem alguma cousa de santa, é indispensável.

— Contudo o conde não te comprou o quadro.

— Mas se eu lho ofereço.

— Isso não pode ser. Tu és pobre e nos não consentimos...

— Mau! O quadro, dado o caso de ser premiado pelo governo, poderá render-me quando muito cinco ou seis mil duros. Com essa quantia é rico um homem como eu.

— Mas nós podemos dar-te pelo quadro vinte mil duros.

— Isso seria roubar o dinheiro, e não creio que o senhor me faça a ofensa de me julgar interesseiro.

— Demais sei eu que todos os homens de talento desprezam o dinheiro.

— Pois então consinta que a minha pobre Esther salvando os filhos de Israel fique em paga da carinhosa hospitalidade que me concederam, e não se fala mais no assunto. Mas não percamos tempo; é preciso que amanhã saia em alguns jornais o meu comunicado.

D. Ventura não pôde convencer Ernesto a que aceitasse qualquer quantia pelo quadro.

— Para todos, disse o pintor, o quadro foi comprado pelo conde de Loreto pela importância que lhe aprouver dizer, e eu não o desmentirei; para nós, o quadro será uma oferta que eu faço ao esposo de D. Amparo de Aguilar.

No dia seguinte, ao levantar-se, Amparo, viu vários jornais sobre uma pequena mesa de pau rosa.

— Que é isto? perguntou. Cuidam que me vou dedicar à política?

— Não sei, minha senhora, mas o papá disse-me que os pusesse aí e que dissesse da sua parte à senhora condessa, quando se levantasse, que lesse um comunicado que trazem os jornais.

Amparo suspeitou do que tratava o comunicado, pegou no jornal e leu em voz baixa o que se segue:

“Senhor diretor do...

“Espero da sua amabilidade que publicará esta carta no seu acreditado jornal que tão dignamente dirige, pois importa ao senhor conde de Loreto e ao que subscreve a presente carta, desvanecer certas equivocadas apreciações que uma parte do público que visita a Exposição de pintura tem feito sobre o meu quadro de Esther.

“Ha alguns meses estava em Roma pintando o quadro de Esther quando tive a honra de ser visitado por Fernando del Vilar, conde de Loreto, com a então sua futura esposa, hoje condessa de Loreto.

“Verdadeiro entusiasta pela pintura, o conde de Loreto, protetor dos artistas, propôs-me comprar o quadro por uma quantia bastante elevada; atendendo ao pouco ou nenhum merecimento da minha tela, aceitei o negócio e ficou desde então o quadro de Esther sendo propriedade do conde de Loreto.

“A partir daí o conde passou a visitar-me todas as manhãs, passando algumas horas no meu atelier vendo-me pintar.

“Um dia, ao ter quase terminada a minha obra, ocupava-me em retocar a figura de Esther, quando o conde me disse:

—“Meu amigo, tenho um capricho de homem rico que desejava satisfazer. Se o senhor não se escandalizasse e quisesse, a cabeça da rainha Esther poderia ser o retrato da senhora que em breve será minha mulher. Há algum inconveniente nisso?

— “Nenhum, senhor conde, lhe respondi. Nem conheci a célebre judia da tribo de Benjamin, a bondosa sobrinha de Mardoques, nem vi mesmo algum retrato dela, mas desde já aposto qualquer cousa em como a mulher do rei Assuero não foi mais bela do que a jovem que dentre em pouco será a condessa de Loreto.

“Poucos dias depois, a cabeça de Esther era um retrato bastante parecido da senhora D. Amparo de Aguilar, condessa de Loreto.

“Assim fica explicada a semelhança que com a esposa do senhor conde de Loreto tem a figura principal do meu quadro.

“Peço-lhe me desculpe o incômodo que lhe causo, mas a retidão do meu caráter e o agradecimento a isso me obrigam, e antecipadamente agradece, o que é

De V. S.<sup>a</sup>

At.<sup>o</sup> V.<sup>or</sup> Cr.<sup>o</sup> e Obrg.<sup>o</sup>

*Ernesto Alvarez.*”

Quando Amparo acabou a leitura ouviu a voz do marido que lhe pedia autorização para entrar. Entrou com o jornal na mão.

— Entra, Fernando. Não precisas autorização para entrar no meu quarto, lhe respondeu.

O conde aproximou-se da mulher e depois de lhe ter dado um carinhoso beijo na face e dirigir-lhe um sorriso amoroso, disse:

— Bom dia, querida Amparo, bom dia. Vejo que ambos lemos o comunicado de Ernesto.

— Sim; meu pai mandou-me estes jornais.

— Também m'os mandou a mim, e vinha perguntar-te se sabes o que se passou entre teu pai e Ernesto.

— Não sei.

— Fosse o que fosse, a conduta desse rapaz não pode ser mais nobre. Bem vêes que nos oferece o quadro, porque tu bem sabes que lho não comprei.

— Sim, é um rasgo de generosidade pouco vulgar num homem que não tem outro patrimônio senão os pinceis.

— Mas nós não podemos consentir em semelhante oferta.

— Ou pelo menos compensá-lo com outra.

— Dizes bem. Neste assunto convém proceder com toda a delicadeza. Vinha ler-te isto mas como já leste, retiro-me e vou ver Ernesto. Almoçamos juntos?

— Sim, meu Fernando, espero-te aqui para me contares tudo o que resolveres.

Fernando tornou a abraçar a mulher e saiu.

Amparo ao ver-se só, deixou-se cair numa cadeira e leu pela segunda vez o jornal.

— Ah! exclamou, exalando um suspiro que brotava do mais fundo da sua alma. Ernesto vale cem vezes mais do que eu. Causei toda a sua desgraça. O coração também me diz que serei a causa da sua morte. Que Deus me perdoe o mal que fiz a esse homem.

E, cobrindo o rosto com as mãos, deu livre curso às lágrimas.

## CAPÍTULO 20: **ABNEGAÇÃO**

Quando o conde entrou no quarto de Ernesto, acabava este de se vestir.

Pálido, com o parecer cadavérico, o semblante do pintor tinha impressos os profundos vestígios da enfermidade que lhe minava o peito.

O conde admirou-se de o ver levantado. Ernesto, sorrindo, veio-lhe ao encontro.

— O médico já lhe deu autorização para se levantar? perguntou Fernando.

— Os médicos são uns ignorantes. Se seguisse os seus conselhos, ficaria ainda um mês na cama, mas tenho esperanças de me restabelecer de outra maneira sem auxílio da medicina.

— Senhor Ernesto, disse o conde com voz carinhosa, ignoro o que tenciona fazer para se curar, mas reprovoo que abandonasse a cama.

— O meu plano de vida é muito simples, senhor conde, reduz-se a ir viver no monte, a respirar o ar puro e livre do campo, longe da balburdia da cidade, do bulício dos homens; é o remédio mais eficaz para os doentes do peito. Em outros tempos fui um entusiástico amador da caça. Quando o governo me fez seu pensionista, quando parti para Roma, ofereci os meus cães e as minhas espingardas e abandonei a minha distração favorita. Em poucos dias adquirirei todos os apetrechos e partirei para os montes de Toledo onde conheço um

caçador de profissão, viverei com ele, caçando umas vezes, pintando outras, e quem sabe se a vida semisselvagem que vou empreender me restabelecerá a saúde.

O pintor procurava dissimular o cansaço que a conversação lhe causava.

O conde, que o conhecia, disse com comoção:

— Ernesto, ofender-se-á comigo se lhe falar com a franqueza de irmão?

— Pelo contrário, senhor conde, julgar-me-ei muito honrado.

— Pois bem, o senhor crê que essa viagem, essa vida semisselvagem, como acaba de dizer, lhe será tão proveitosa, como diz?

— Sem perceber de medicina, compreendo que a vida do campo é muito proveitosa aos doentes do peito.

— Contudo a vida de caçador é agitada e precisa de corpos robustos e fortes.

— Quem sabe se o meu se fortalecerá?

— Duvido!

— É preciso dar-se tempo ao tempo.

— Mas ainda que assim seja o senhor não é rico e precisa trabalhar para viver.

— Tão pouco precisa um caçador de profissão! disse Ernesto sorrindo-se. Além disso pintarei quadros pequenos, que, vendendo-os baratos, sempre terei quem m'os compre; por exemplo, assuntos de caça, paisagens tiradas do natural. Oh! tenho esperanças que nada me faltará.

— Está então resolvido a empreender essa nova vida e eu não me oponho, mas quero propor-lhe um negócio.

— Qual?

— O senhor precisa de quem lhe compre os quadros que pintar.

— Certamente.

— Pois bem, compro-lhos eu. Como vê não tenho muitos quadros bons nas minhas paredes, e por isso espero que me permita pagar-lhe o que está na Exposição das Belas-Artes.

— Enquanto a esse creio que o senhor já leu a carta que enviei aos jornais, e como digo que recebi em Roma antes de concluir...

— Mas isso não é verdade.

— Que importa? O quadro é seu, senhor conde, e não falemos mais de semelhante assunto. Enquanto à venda dos que pinte de futuro, isso é diverso e não vejo inconveniente em que o senhor m'os compre.

— Fixemos então desde já o preço, ficando assente que recebo todos quantos o senhor pintar.

— Isso é oferecer muito.

— Compro todos. Marque preço.

— Marcarei quando lhos mandar, a não ser que o senhor me indique desde já os assuntos e os tamanhos.

— Isso fica à sua escolha.

— Pois então fica desde hoje sendo o meu único comprador.

— E o senhor o meu pintor. Mas repito que é uma loucura abandonar os recursos da capital quando a saúde não esta suficientemente restabelecida.

— Pelo contrário, senhor conde, é muito conveniente abreviar a minha partida.

Fernando encolheu os ombros conhecendo que Ernesto estava firmemente resolvido a sair de Madrid.

— Não insisto mais, apesar de lamentar que nos deixe tão depressa, porque de amigos tão generosos, tão nobres como o senhor, é sempre custosa a separação.

— Senhor conde, antes de nos separarmos tomarei a liberdade de lhe falar com a rude franqueza de um homem que sempre foi dominado pelos impulsos do seu coração. Odiei-o de morte durante algum tempo. Então não conhecia o conde de Loreto mais do que de nome; hoje é diverso: tive ocasião de tratar consigo, de apreciar o que vale, e a minha alma, sempre generosa, arrepende-se de haver abrigado, ainda que por pouco tempo, sentimentos perversos. A carta que mandei aos jornais não é outra cousa que o descargo da minha consciência. Preciso, pois, partir e esquecer. O senhor sabe que amei Amparo, e também não ignora que ainda a amo. Tratou-me como a um bom amigo, e nada mais. Sei que são felizes, e que se amam muito. Uma imprudência minha esteve a ponto de

destruir toda essa felicidade, que não tem preço entre dois esposos. Reparei essa imprudência e tranquilizou-se um tanto a minha consciência. O passado será um sonho para mim, o presente, a soledade dos montes, até ao dia em que Deus queira apagar o meu nome do grande livro dos vivos.

Ernesto calou-se. O conde fixou nele um profundo olhar que demonstrava a admiração que sentia ouvindo expressar-se com tão nobre franqueza, julgando inverossímil que na corrupta sociedade ainda se pudesse encontrar num homem um rival tão generoso.

— Vá, disse o conde, depois de uma pausa, parta, mas nunca esqueça que tem em todas as ocasiões que precisar um irmão, em Fernando del Vilar.

— Obrigado, senhor conde, não esquecerei o seu oferecimento. Peço-lhe me desculpe para com a senhora condessa, pois não me posso despedir dela, e que mande que uma das suas carruagens me leve a minha casa.

— Como! Partir sem apertar a mão a minha mulher, sem lhe dizer adeus? Não, senhor Ernesto. Julga porventura que sou um desses maridos zelosos e ridículos que desconfiam da mulher a quem deram o nome? Julga-me capaz de lhe fazer a ofensa de duvidar de si, o homem mais generoso que conheço, o melhor dos meus amigos? Não. Amparo virá despedir-se de si; peço-lhe que não deixe esta casa sem que assim suceda.

— Não insisto mais. Já que assim deseja despedir-me-ei da senhora condessa.

— Vou eu mesmo chamá-la.

O conde saiu, murmurando em voz baixa:

— Este homem venceu-me à força de generosidade.

\*\*\*

A condessa acabava de se pentear: estava vestida com uma simples bata branca.

Ao ver entrar o marido exclamou:

— Tu, outra vez aqui!

— Sim, Amparo, venho anunciar-te a partida de Ernesto.

— Não é possível, ainda está muito doente, segundo diz o médico.

— Isso mesmo lhe disse eu, mas insiste em se querer restabelecer no campo, e está resolvido a abandonar hoje mesmo a nossa casa. Pedi-lhe que se não fosse, sem primeiro se despedir de ti e de teu pai. É preciso que meu sogro, que tem mais confiança com ele, o convença a que receba o valor do quadro que tão generosamente nos oferece.

— Será inútil; não receberá nada.

— Contudo espero que teu pai insista pela última vez. Não podes calcular o quanto me interessa esse pobre rapaz, pobre como Diógenes e generoso como Lúculo. Fala-lhe, fala-lhe sem perda de tempo; eu, entretanto vou à loja de Manuel Arenas fazer umas compras.

Fernando tocou uma campainha e disse ao criado:

— Avise o senhor Ernesto de que a senhora condessa deseja vê-lo.

E depois, abraçando Amparo, continuou:

— Adeus, minha amiga. Procura convencer esse tresloucado. Não me demoro. Vou comprar umas cousas para Ernesto. É preciso presenteá-lo como a um príncipe que pensa em passar uma grande temporada no monte, dedicando-se a caça.

## CAPÍTULO 21: **ABANDONANDO MADRID**

Amparo, depois do conde sair, ficou imóvel, preocupada. Ia despedir-se de Ernesto, talvez para não mais o ver; ia ter uma entrevista sem testemunhas com o homem a quem tão desgraçado fizera, e esta entrevista era proporcionada, pedida pelo marido.

Por um momento Amparo receou que aquilo fosse um laço, mas rapidamente afastou semelhante pensamento, conhecendo a nobreza com que procederam Ernesto e o conde de Loreto.

— Não, não; Fernando não pode ter ciúmes; tem confiança absoluta, sabe que o amo com toda a minha alma, disse Amparo, falando consigo. Contudo quer que me despeça de Ernesto a quem tão desgraçado fez uma leviandade, filha do coquetismo. Devo obedecer-lhe, ainda que me seja dolorosa esta entrevista.

E como naquele momento entrasse o criado para anunciar que o senhor Ernesto esperava a condessa, Amparo encaminhou-se para o quarto do pintor.



Ernesto, ao ver entrar Amparo, pôs-se de pé, mas foi-lhe preciso encostar-se ao espaldar de uma cadeira.

A condessa não se comoveu menos, vendo a extrema palidez do seu antigo apaixonado.

— É verdade, senhor Ernesto, o que o meu marido acaba de me dizer? Pensa em deixar-nos?

— Senhora condessa, respondeu o pintor com uma tranquilidade que assombrou Amparo, sinto-me muito melhor, e resolvi restabelecer-me no campo. Dentro em pouco as brisas do outono anunciarão o inverno, e creio que me é conveniente fortalecer-me primeiro.

— Se a sua resolução é inabalável, não nos devemos opor, nem meu marido nem eu, mas creia, senhor Ernesto, que ambos sentimos do coração que o senhor deixe tão depressa esta casa, que podia considerar como sua.

Ernesto sorriu-se amargamente, fez um movimento de indiferença com os ombros, e ajuntou:

— há criaturas, minha senhora, para quem o mundo é um deserto, um campo de tristes saudades. Sozinhos na terra, vivem, sem uma afeição que os console, sem um peito carinhoso onde possam reclinar a fronte nas horas de amargura. Para estes seres, a sociedade dos homens é demais, porque desconhecendo o embuste e a falsidade, são sempre enganados; eu talvez pertença a essa desgraçada família de órfãos das grandes cidades. Por isso estou resolvido a nunca mais pisar as suas ruas, por isso me vou encerrar como um selvagem nos montes de Toledo esperando no meio daqueles agrestes barrancos o último momento da minha vida, que felizmente não se fará esperar muito.

Amparo inclinou tristemente a cabeça sobre o peito. As palavras eram uma terrível acusação, um castigo ao seu coquetismo.

— Porque me não odeia, senhor Ernesto? tartamudeou Amparo. Porque me não despreza?

— Senhora, a minha alma não pode nem odiar, nem desprezar, nem esquecer. As noites de Florença e de Roma imprimiram nela uma impressão demasiadamente profunda.

A condessa compreendeu que a conversa ia seguindo um rumo perigoso.

— Pois bem, senhor Ernesto, disse, peço-lhe em nome da amizade que apague da memória essas noites.

— Impossível; é uma recordação que faz parte da minha vida; e por assim dizer a minha segunda natureza. Quando der o último suspiro, quando deixar de existir, então, sim, então é que se extinguirá do meu peito.

— Mas sente-se assim tão doente? perguntou Amparo, que, aturdida ante as sentidas recriminações do pintor, não sabia que dizer.

— Quem sabe se serei um desses ridículos apreensivos que à força de pensarem na morte sempre dela vão escapando!

E sorrindo com um ar triste, continuou:

— O ar saudável das montanhas talvez me restabeleça.

E puxando o cordão da campainha, disse a um criado:

— Diga ao senhor D. Ventura que me vou embora imediatamente e que o espero para me despedir.

Amparo, ante aquela resolução inesperada, que punha fim à entrevista de uma maneira brusca, levou as mãos à cara para ocultar as lágrimas que lhe fora impossível suster.

— Pode-me odiar, se assim lho apraz, disse a condessa; mereço-o, porque não há palavra com que possa desculpar o meu procedimento.

E saiu precipitadamente do quarto.

— Ah! exclamou Ernesto, vendo-a sair. Não posso esquecer esta mulher!...

Deixou-se cair numa cadeira, como se o abandonassem as forças para suster-se de pé.

Em vão D. Ventura procurou persuadir Ernesto de que a vida de caçador montês, quando se carece de saúde, é uma temeridade. O pintor estava resolvido, e saiu de casa do conde.

Quando chegou a sua casa da rua do Prado, quando os seus amigos André e Marcial o viram entrar pálido como um cadáver e fraco como um convalescente, depois de oito dias de ausência, não puderam conter um grito de assombro.

Ernesto explicou-lhes a ausência e participou-lhes o plano que concebera para se curar.

Naquela mesma noite escreveu uma carta a Maurício, caçador de profissão, que vivia nos montes de Toledo.

Três dias depois, Maurício respondeu a Ernesto, oferecendo-lhe a sua casa, participando-lhe que se casara, e que, por conseguinte, podia estar com alguma comodidade.

Ernesto fora caçador noutros tempos, antes de partir como pensionista para Roma. Era daquela época que conhecia Maurício, com quem entrara em algumas caçadas.

Resolvido a empreender a viagem, principiou a dispor tudo, isto é, pôs num caixote alguns quadros, o cavalete, a caixa das tintas e os pinceis; noutra meteu alguns livros de estudo e de recreio.

Só lhe faltavam os apetrechos de caça, quando uma manhã em que se dispunha a sair para comprar todos esses artigos, viu entrar o mordomo do conde de Loreto, seguido de dois criados que traziam duas caixas e dois belos cães ingleses, um Setter e outro Pointer.

O mordomo avançou com o seu costumado ar grave, e, entregando uma carta a Ernesto, disse-lhe:

— Meu amo, o senhor conde de Loreto, manda-me entregar esta carta, estas caixas e estes cães, ao senhor, encarregando-me de lhe pedir o desculpe de não vir pessoalmente, mas é-lhe inteiramente impossível.

A um sinal do mordomo, os criados arriaram no chão as duas caixas e amarraram os cães ao pé de uma mesa.

— Creio que o senhor não deseja mais nada, ajuntou o mordomo, vendo que Ernesto guardava silêncio.

— Diga ao senhor conde que lhe agradeço reconhecidíssimo a oferta que se digna fazer-me, e que lhe falarei ou escreverei antes de partir.

O mordomo cumprimentou e saiu seguido dos criados.

Então Ernesto fez uma carícia aos cães, que se acercaram, meneando a cauda, e exclamou:

— Aqui estão os meus novos amigos. Oh! Estes sim, que não me venderão!

E sentando-se numa cadeira, abriu a carta do conde e leu:

“Meu bom amigo

“Deixou-me com o quadro de Esther uma recordação que conservarei enquanto viver; permita-me que lhe remeta também como uma lembrança, os meus melhores cães e algumas armas e objetos que podem ser de muita utilidade no campo.

“Carlos I de Inglaterra ofereceu a Rubens, em pleno parlamento, a espada que levava cingida à cinta, um diamante que trazia no dedo e uma banda de diamantes que lhe cruzava o peito. Tudo isto foi a paga do magnífico retrato daquele monarca que mais tarde tão maus bocados fez passar a Luiz XVI. Permita, pois, que eu, sem ser rei, tome a liberdade de oferecer alguns apetrechos de caça, de pouco valor, e não esqueça que espero com ansiedade notícias da sua saúde e algum quadro dos que me prometeu.

“Minha mulher e meu sogro cumprimentam-no e desejam vê-lo brevemente em Madrid restabelecido da sua doença

Seu amigo

*Fernando del Vilar.*”

Ernesto leu duas vezes a carta, e, soltando um suspiro, murmurou em voz baixa:

— Eis-me amigo do conde de Loreto, de um homem com quem estive a ponto de me bater.

Ernesto abriu as caixas, encontrando nelas tudo quanto pode necessitar no campo um caçador de dinheiro.

Só a mão de uma pessoa inteligente teria sido capaz de reunir todos aqueles objetos.

Ernesto encontrou duas espingardas, uma de Scote de dois canos, do sistema Lefauchaux, outra de Greener para tiro de bala, uma excelente botica de viagem, uma barraca de campo, uma mala de couro da Rússia com quinhentos cartuchos carregados com chumbo, e outra com duzentos carregados com bala; um fato completo de camurça, botas de *cautchouc*, facas de mato, um revólver Flaubert de doze tiros, com ornamentações de ouro, um estojo com todas as peças em prata, duas mantas inglesas e vários artigos todos diversos e úteis.

Indubitavelmente o conde de Loreto gastara mais de cinco mil duros com o presente.

Ernesto contemplou tudo com profunda melancolia.

— É preciso aceitar, disse. Ia para Toledo com um equipamento mais modesto. Enfim, tanto melhor para o pobre Maurício, que se se portar bem, será o meu herdeiro no dia em que eu morrer.

Como se vê, Ernesto, não deixava nem um só momento a ideia da morte.

Naquela noite Ernesto escreveu a seguinte carta:

“Senhor conde

“A oportunidade produz sempre bom resultado no ânimo impressionável das criaturas. Dispunha-me a sair de casa com tenção de comprar alguns apetrechos de caça, quando vi entrar o seu criado com o que me enviou.

“Sem ter nada de Pedro Paulo Rubens, não agradecerei menos os presentes que me fez, do que agradeceu o pintor flamengo os donativos de Carlos I.

“Obrigado, pois, senhor conde, pela sua delicada oferta. Amanhã parto e talvez nos não tornemos a ver, apesar dos bons desejos que têm pelo meu restabelecimento. Há doenças que cada hora que passa nos leva uma parte da existência, são as incuráveis; e a minha é dessas que se chamam de morte.

“Não é o medo nem a apreensão que me fazem dizer isto; sei bem qual é o mal que me consome, e só terei ilusões, quando tiver sido tocado pelos dedos gelados da morte. Deus quer que os doentes do peito sonhem com a vida nos últimos momentos.

“Adeus, senhor conde. Em breve lhe enviarei por pessoa da minha confiança o primeiro quadro que pintar, e assim o irei fazendo sucessivamente, mas não receio, que a coleção seja muito grande.

“Cumprimentos à senhora condessa e ao senhor D. Ventura, e não esqueça este desterrado voluntariamente, que prefere a solidão do campo ao ruído e bulício dos homens.

“Sempre seu amigo

*Ernesto Alvarez.”*

No dia seguinte, Ernesto, depois de fazer várias compras, entre as quais se contava um vestido para a mulher de Maurício, despediu-se dos amigos e entrou numa carruagem de primeira para Toledo.

Ernesto possuía por uma única fortuna, ao partir de Madrid, dez mil reales que lhe produziram os objetos e quadros que vendeu.

Além dos quinhentos duros e dos presentes do conde de Loreto, levou uma grande caixa com garrafas de champagne, rum, *cognac*, aguardente e bom café.

— Esta caixa será a minha alegria, disse Ernesto, sorrindo-se para os amigos. O rum concilia o sono e o champagne alegra os pensamentos.

\*\*\*

Maurício esperava-o em Toledo.

Carregou-se toda a bagagem em vários animais e partiram para os montes, onde o caçador morava.

## CAPÍTULO 22: VIDA DE RECORDAÇÕES

A mulher de Maurício não conhecia Ernesto; mas vendo-o chegar com o marido e toda aquela bagagem, disse:

— É um príncipe que entra para nossa casa.

E efetivamente, o pintor foi para aquele honrado casal tanto como um príncipe, a julgar pela generosidade com que pagava os serviços que recebia.

Petra ficou louca de contentamento, vendo sobre uma cadeira o presente que Ernesto lhe trouxera, e que constava de um vestido de lã, um lenço de seda e uns brincos de ouro e coral.

Maurício examinava também com satisfação uma<sup>3</sup> espingarda de dois canos, de fabrico belga, e uma forte e boa faca de mato.

— Maurício, disse Ernesto, depois de entregar os presentes; estou muito doente e venho passar algum tempo contigo. Sei que vives da caça. Nomeio-te meu caçador, e dou-te um duro por dia. Aqui tens adiantadamente dois meses.

Ernesto pôs na mesa sessenta duros.

Maurício e Petra olharam para o dinheiro, sem compreenderem uma palavra de tudo aquilo.

— A caça que matarmos, excetuando algumas peças que Petra cozinhará, é tua e podes vendê-la e guardar o dinheiro. Eu comerei com vocês. Nada de cerimônias, o modesto cosido e uma vez por outra uma perdiz com molho de vilão ou um coelho à caçadora, de que muito gosto, e por isso para prato darei doze reales diários. O café e o vinho ficam por minha conta. Por agora aqui têm

esse caixote, onde estão várias garrafas. Preciso que me cedam a sala, porque tenciono pintar alguns bocados. Também virei a precisar que de vez em quando vás a Madrid levar os quadros que pintar e comprar várias cousas que me tornem mais ameno este deserto. Enfim, meu caro Maurício, sei que vou dar-te muitos incômodos, que vais ter muitos carinhos para comigo, mas eu procurarei recompensar-te o melhor que puder.

— Oferece-me muito, disse o caçador, visto poder vender uma parte da caça que matarmos, e então com o senhor que atira tão bem ou melhor do que eu!...

— Mas estou doente, e já não tenho as infatigáveis pernas de outros tempos; e muitos dias deixaremos de matar por causa delas.

Durante aquele dia, Ernesto, Maurício e Petra ocuparam-se em arrumações, transformando a sala em atelier para o pintor.

— Agora, meus amigos, só me falta adverti-los de uma cousa, disse Ernesto. Estou doente, e como todos os doentes tenho as minhas rabugices. Quando estiver no meu quarto, depois de me chamarem duas vezes para comer e eu não vier, comam sem esperarem por mim.

Maurício e Petra notaram que Ernesto estava muito pálido e com mau parecer, que tinha uma tosse tão seca e importuna que não profetizavam nada de agradável para o seu hóspede.

Quando Maurício e sua mulher recolheram ao quarto, ela disse:

— Uhn! Parece-me que o senhor Ernesto não viverá por muito tempo.

— O mesmo penso eu.

— Sabes, Maurício, que me parece que deve haver algum mistério em tudo isto?

— Anh! As mulheres não pensam noutra cousa. Aqui não há outro mistério senão que o senhor Ernesto está doente e que se vem restabelecer.

— Seja como for, que seja bem vindo, porque com ele veio a fortuna.

Maurício não respondeu. Como a mulher, suspeitara que algum desgosto atormentava o seu hóspede, mas mais prudente que Petra, disse de si para consigo:

— Demos tempo ao tempo que saberemos a verdade. Enfim, seja como for, Ernesto é bom rapaz e sinto-me satisfeito por vê-lo em minha casa.

\*\*\*

Ernesto estava fechado no quarto. Seriam onze horas da noite. O luar entrava pela janela que se conservava aberta. A brisa noturna levava até ele, de envolta com as suas invisíveis pregas, o perfume das silvestres plantas do monte.

Aos pés da cama, sobre duas peles de carneiro, dormiam os dois cães que Ernesto batizara com os nomes de Roma e Florença.

O pintor, sentado junto de uma mesa, tinha na sua frente uma garrafa de *cognac* e um copo.

Não iluminava o quarto outra luz senão a do astro da noite.

De vez em quando Ernesto bebia um gole de *cognac* e levava a mão ao peito, respirando com dificuldade.

— Ah! Sim, sim, dizia, falando consigo. A solidão dos montes, é o que me convêm, porque longe da importuna charlatanice dos homens poderei dedicar a ela todos os momentos da minha vida. Quisera apagar da minha alma a recordação daquelas noites de Florença e arrancar dos meus lábios o beijo de fogo que me queima o coração. Mas é impossível! Cada vez a amo mais. Que seja feliz já que eu o não posso ser!

Ernesto bebeu de um só trago o conteúdo que ainda tinha no copo e encheu-o novamente.

— A embriaguez sempre me repugnou, continuou, mas é o meu único recurso para esquecer. Que feliz é o homem que esquece!

E Ernesto esvaziou o segundo copo, fazendo um gesto de repugnância; mas dominando-se a si mesmo encheu-o pela terceira vez, despejando-o rapidamente.

— Abrasa-se-me a garganta, murmurou, mas é preciso que durma e que esqueça.

E, levantando-se tirou uma garrafa de champagne do armário onde as arrumara, fez-lhe saltar a rolha, e bebeu com avidez, dizendo:

— Este é que é o grande vinho! Vinde, sonhos cor de rosa! Vinde, ainda que seja uma mentira, uma ilusão, fumo que desapareça ao sopro terrível da realidade!

E depois de esgotar a garrafa, deixou-se cair na cama, onde não tardou muito que adormecesse, porque estava completamente embriagado.



\*\*\*

Maurício e Petra levantaram-se com o sol, e viram, com grande assombro, ao passarem pelo quarto de Ernesto, que as janelas estavam abertas.

— Sairia tão cedo? disse Maurício.

E entrou no quarto.

Ernesto dormia. Maurício fechou a janela e saiu nos bicos dos pés para o não despertar, mas toda a precaução foi inútil, porque Ernesto abriu os olhos e viu-o.

— Ah! És tu? disse ele. Bons dias, Maurício. Que bem que dormi.

Maurício reparou então que o seu hóspede não se despira, e que sobre a mesa estavam duas garrafas despejadas.

— Sabes, Maurício, que estou com vontade de experimentar os meus cães?

— Podemos dar uma volta, se quiser.

— Mas é preciso ter alguma contemplação.

— Andaremos só o que quiser.

— Então vamos.

E Ernesto pôs a cartucheira, pegou na espingarda e chamou os cães.

A uns quinhentos passos de casa, Roma e Florença levantaram os focinhos e moveram a cauda com mais viveza do que a usual.

— Parece que os cães se sentem satisfeitos, disse Ernesto.

— Têm bom faro. Já sabem que este terreno é muito abundante de caça; e estou crente que algum dia vou encontrar as perdizes dentro de minha casa.

Os cães deram sinal: Roma todo curvado com o focinho junto ao mato, Florença estendido. Roma encontrara uma peça de surpresa e Florença o rasto verdadeiro.

Um bando de perdizes levantou-se então com estrepito do meio do mato à investida dos cães.

Maurício disparou, matando com o segundo tiro um perdigoto. Ernesto ia tão distraído que não teve tempo de fazer fogo.

Desde o rei ao batedor, desde o caçador ao armador, todos quantos abandonam as comodidades da sua casa e se dedicam aos prazeres da caça, são inimigos irreconciliáveis da perdiz; por isso a natureza a dotou com uma vista melhor que a do lince, de um ouvido superior ao da lebre, e de um instinto de conservação tão grande que não há animal que lhe ganhe.

Se a perdiz fosse tão dorminhoca como o arganaz e tão indolente como a codorniz, teria desaparecido do reino animal antes de se inventar a pólvora.

O arganaz tem, contudo, tanto engenho como sono; diga o ardil maravilhosamente inventado por ele para apanhar o incauto passarinho que vai pôr sobre ele, satisfeito por ter encontrado um ninho onde guardar os ovos.

Mas deixemos esta digressão. Se algum dia as minhas ocupações permitirem, escreverei um livro para os caçadores que contenha a parte agradável e ridícula da caça, consignada na prática de muitos anos de experiência passados na agreste e grata solidão dos montes.

Voaram as perdizes, surpreendidas no seu doce bem-estar, à sombra de um sobreiro, e como o violento e rápido voo da perdiz excita e põe nervoso o caçador aficionado, Maurício exclamou:

— Vamos a elas, senhor Ernesto.

— Sim, sim, vamos, já que não disparei.

Maurício esqueceu naquele momento que levava por companheiro um doente fraco, e foi depressa, ou melhor dizendo, a correr pela encosta de um barranco.

Ernesto fez esforços para o seguir mas a meio caminho largou a espingarda, estendeu os braços e caiu desamparado. Tinha desmaiado.

Maurício deteve-se assustado, pegou no seu hóspede ao colo e deitou a correr até casa, que não era longe. Petra ao vê-lo entrar, trazendo Ernesto nos braços, não pôde conter um grito.

Maurício continuou o seu caminho e deitou Ernesto na sua cama, o qual, pouco depois, abriu os olhos, enviando um sorriso de agradecimento ao caçador.

— Diabo! Que susto que me pregou, senhor Ernesto! Julguei que se despenhava pelo barranco.

— Bem vê, Maurício, que não presto para nada, nem mesmo para caçar. Já estou melhor. Mas em quanto não estiver em estado de te acompanhar, dedicar-me-ei a caça de espera. Agora tranquiliza-te, hoje em vez de caçar, pintarei. É preciso matar o tempo.

Uma hora depois, Ernesto mais aliviado, tomava algum alimento e punha uma tela num cavalete.

Pensou alguns minutos qual o assunto de que trataria primeiro, e acabou por decidir-se, esboçando a cena que pouco antes sucedera no barranco.

### CAPÍTULO 23: UMA CAÇADA

Durante oito dias Ernesto não tornou a pegar na espingarda. De manhã, pintava, à tarde, seguido pelos cães dirigia-se a um monte próximo de casa, sentava-se na parte mais alta e como gozava desfrutando o panorama que aquele sítio apresentava, passava largas horas imóvel como uma estátua.

Algumas vezes, já noite, Maurício ia buscá-lo e ambos regressavam a casa.

Ao nono dia, Ernesto chamou Maurício.

— Desejo que vás a Madrid, disse-lhe, entregar este quadro à pessoa que te indicarei, mas preciso primeiro que matemos um javali, para oferecer à mesma pessoa.

— Para isso é preciso fazermos uma espera toda a noite, e como o senhor está muito fraco...

— Não te inquietes com a minha fraqueza; esperaremos. Preciso de um javali.

— Posso matá-lo sozinho, se quiser.

— Não, não; quero acompanhar-te. Quando pode ser?

— Esta noite; sei onde se vai banhar uma manada deles, e é infalível matar-se algum.<sup>4</sup>

— Um só chega.

— Pois matar-se-á.

— Então prepara tudo para esta noite.

— Devo adverti-lo de que o sítio onde vamos fazer a espera, fica a três quartos de hora de caminho daqui.

— Não faz mal, iremos com antecedência. Sairemos cedo.

— Bem, bem.

Maurício saiu do quarto de Ernesto, meneando a cabeça em sinal de desgosto, chegou à cozinha, onde estava sua mulher, e disse-lhe:

— Petra, esta noite o senhor Ernesto quer que vamos à espera dos javalis: tem desejos de matar um. Por isso cearemos uma hora antes de pôr o sol. Talvez não voltemos em toda a noite.

— Mas isso é uma loucura. O sr. Ernesto não está em estado de passar tantas horas ao relento da noite.

— Então que queres, embirrou que me há de acompanhar!

— Mas não acho boa a vida que leva para quem precisa restabelecer-se.

Maurício encolheu os ombros, e, sentando-se num banco, enrolou um cigarro.

— Estamos em quarto minguante. Para matar uma ou duas peças é preciso ir aos charcos do barranco da Culebra, pois vão ali de noite beber água e fossar no barro. O caminho não é dos melhores. Queira Deus que possa lá chegar.

— Já lhe disseste isso? Porque não vai a cavalo?

— Já, mulher, já; mas diz que quer ir a pé e quando ele teima não há outro remédio senão obedecer.

Petra aproximou-se do marido, e, baixando a voz, disse:

— Dize-me, Maurício. Tu conhecê-lo há muito tempo?

— Sim, cacei com ele muitas vezes e sempre foi o melhor e o mais generoso homem do mundo.

— E tinha o vício que tem agora?

— Não, Petra, antigamente não bebia bebidas brancas, bebia somente vinho, e isso mesmo pouco. Hoje, como sabes, quase todas as noites...

Maurício deteve-se, dirigiu um olhar para a porta, e depois continuou:

— Ontem repreendi-o amigavelmente, dizendo-lhe que não lhe podia fazer bem beber tanto rum, e ele, pondo-me uma mão no ombro, e sorrindo-se com expressão bondosa, respondeu-me:

— Caro Maurício, há dores tão terríveis, desgostos tão profundos, que para os esquecer algumas horas é preciso embriagarmo-nos. A minha doença não tem cura; deixa-me, pois, beber, esquecer, dormir.

— Quando eu disse que havia aqui algum mistério!... disse Petra.

— Também me parece que tens razão; aqui deve haver mistério.

— Sabes o que cálculo? Que tudo isto deve ser obra de mulher.

— E porque calculas que seja obra de saias?

— Vais ver. Outro dia entrei no quarto para o tratar, como de costume, e encontrei debaixo da almofada uma fita de seda, e um bocado de tela, onde estava pintada uma cabeça de mulher extremamente formosa. Não tive tempo para mais do que olhar rapidamente para estes objetos e torná-los a pôr no mesmo sítio em que os encontrei quando o vi entrar, precipitadamente, dirigir-se para a cama, pegar neles e sair do quarto do mesmo modo, olhando-me de um modo estranho, como se quisesse adivinhar se eu tinha visto. Fiz-me desentendida, e continuei arrumando o quarto.

— Que curiosas são as mulheres.

— Juro-te que só por casualidade...

— Enfim, seja como for, visto que ele nada nos disse, nos não lho devemos perguntar.

Como se vê a conduta de Ernesto causava viva curiosidade ao honrado casal.

Ao cair da tarde Ernesto e Maurício levantaram-se da mesa.

— Levamos Roma e Florença? perguntou o pintor.

— Parece-me melhor deixá-los em casa, respondeu Maurício; não estão costumados às esperas, e poderão espantar-nos a caça. Levarei antes o meu podengo para que procure a presa no caso de ficar ferida. *Currito* (assim se chamava o cão de Maurício) deita-se a meus pés e não se move daí.

— Vamos quando quiseres.

Maurício carregou com escrupuloso cuidado a espingarda e guardou um frasco de rum no bolso. Ernesto pegou na sua e saíram.

O sol começava a declinar.

— Temos tempo, disse Maurício. Daqui até aos charcos levaremos quando muito três quartos de hora. Reconheci esta manhã o terreno e cálculo pelas pegadas que são uma fêmea com sete a oito filhos, e dois machos que não devem ter menos de dez anos. Os machos veem sós, antes ou depois da fêmea. Parece-me que nos divertiremos, mas é preciso ter muita paciência, porque apesar de todas as rezes abandonarem as tocas quase à mesma hora, umas estão mais longe do que outras do barranco e chegam por conseguinte mais tarde. Tenha cuidado em fazer fogo sobre a peça antes dela entrar na água. Se cair morta fique quieto, porque quando o charco estiver silencioso, em poucos minutos apresentar-se-nos-á outra, e assim sucessivamente se podem disparar alguns tiros durante a noite. O sítio onde vamos é bom, e estaremos perfeitamente colocados.

Ernesto ouvia satisfeito as lições que lhe dava aquele homem experimentado.

Maurício que como todo o caçador de profissão tinha uma vista privilegiada, deteve-se, inclinou-se para reconhecer o caminho, e disse:

— Ola! Por aqui passou um veado de *dez pontas novas*; aqui há pegadas recentes; os cortes na erva são frescos. A fêmea caminhava mais à direita: passou por aqui.

— Mas como diabo conheces se é fêmea ou macho? perguntou Ernesto, admirado da certeza com que Maurício falava.

— Isso salta bem a vista. Um montanhês prático nunca se engana. O veado tem o passo maior do que a corça, e deixa a pegada mais profunda, caminha com mais regularidade, e coloca a pata traseira sobre a pegada da pata dianteira. A corça tem o pé mal feito, os seus passos são mais curtos, e por conseguinte, não chega com as patas traseiras às pegadas das patas dianteiras. Enquanto ao conhecimento pelas pegadas, é unicamente devido à grande prática. Quando se segue um rasto pelas pegadas, o caçador deve conhecer se o veado que persegue é *estaquero*, isto é, se lhe começam a sair os paus, tem um ano; *enodis*, tem três a quatro anos, *diez condiles nuevos*, se entrou nos seis anos, ou *ciervo viejo*, se tem mais de dez anos. A estes conhece-se facilmente; têm os pés dianteiros mais desenvolvidos do que os traseiros.

Depois destas explicações que deixaram Ernesto satisfeito, receou não as poder pôr em prática sem cometer grandes erros.

De vez em quando o caçador dirigia um olhar furtivo ao seu companheiro, cuja palidez e difícil respiração o inquietavam.

A meio da ladeira, que tinham que transpor para chegarem aos charcos, situados em um dos barrancos, Maurício deteve-se e disse com manifesto interesse:

— Senhor Ernesto, vejo que está muito cansado. Quer encostar-se ao meu braço?

— Não preciso, mas vamos mais devagar, se te parece.

Como quiser.

Quando chegaram ao cume, Ernesto teve necessidade de se sentar e, encostando os cotovelos sobre os joelhos, deixou cair a fronte entre as mãos.

O caçador não disse nada; de pé, imóvel, ficou contemplando Ernesto com tristeza.

Maurício não tinha palavras, mas sobrava-lhe coração para compadecer-se do seu hóspede, a quem julgava gravemente enfermo.

— Podemos continuar, disse Ernesto, levantando-se.

— Agora o caminho é mais fácil, respondeu Maurício. Os charcos estão nesse barranco; antes de um quarto de hora estaremos comodamente sentados nos nossos postos.

Maurício seguiu por uma vereda aberta entre a mata. Ernesto caminhava atrás.

De vez em quando o caçador voltava a cabeça para ver se o seu companheiro o seguia.

Quando chegaram aos charcos ainda restavam alguns instantes de dia. As majestosas sombras da noite avançavam com rapidez, mas a lua ia rapidamente torná-las menos escuras, pois o seu disco despontava já no horizonte.

— Parece-me conveniente que fiquemos juntos, porque assim quando estiver cansado voltaremos para casa, disse Maurício.

— Mas mataremos menos caça.

— Quem sabe! Podem entrar juntas e então cada qual escolhe a sua.

Maurício conhecia vários esconderijos em torno do charco e escolheu, pelas recentes pegadas dos javalis, o que lhe pareceu melhor; dobrou o capote, e estendeu-o no chão para que Ernesto estivesse mais comodamente e esperaram calados.

A noite é mais majestosa, mais imponente, mais bela no meio do Oceano ou numa montanha, do que nas ruas de Madrid. Nas grandes cidades vê-se por toda a parte a mão do homem, mas no mar ou na montanha vê-se a de Deus.

Ernesto e Maurício esperavam no mais profundo silêncio. O pintor entretinha-se contemplando o magnífico astro da noite que subia majestosamente pelo céu enchendo o espaço de poética e melancólica luz, que caindo como chuva de pérolas sobre as armadas das árvores e sobre as silenciosas águas do charco, dava um tom encantador à paisagem.

Ernesto, como pintor, pensava em fazer um estudo daquele lugar e pintar depois um quadro; mas ao mesmo tempo pensava na mulher do homem que se comprometera a comprar-lhe tudo quanto pintasse durante a sua estada nos montes de Toledo.

A presença da lua, o imperceptível movimento das ramadas dos azinheiros, o silêncio da noite que o rodeava, fizeram-lhe recordar Florença. Fechou os olhos para sonhar acordado, e os seus lábios entreabriram-se em doce êxtases, como se fosse a dar e receber um apaixonado beijo de amor.

Naquele momento para ele não existia mais do que o presente. A sua vida era uma recordação; a sua alma apaixonada apresentava-lhe com todas as cores da verdade as cenas apaixonadas e perdidas para sempre, causa da sua desgraça, origem da sua morte.

Se tivesse entrado no charco um bando de cinquenta rezes, Ernesto não ouviria; mas, felizmente tinha ao seu lado Maurício, caçador de profissão, que sem ter a imaginação preocupada com outra coisa que não fosse o fim para que fora até ali, estava com o olhar fixo, o ouvido atento e a espingarda pronta a despedir a morte e como o verdadeiro caçador que quando faz uma espera tem o ouvido e a vista tão perspicaz como a da perdiz, e por isso sem dúvida Ernesto sentiu que o seu companheiro lhe tocava no braço.

Ernesto abriu os olhos.

— Acorde, que já as ouço.

— Não estou a dormir, respondeu o pintor, mas não ouço nada.



— Pois já se aproximam, tenha a certeza, ainda estão longe, e são fêmeas; conhecem-se pelo barulho que fazem. Os machos veem sempre mais silenciosos.

Ernesto aplicou o ouvido, e, depois de um segundo de imobilidade, meneou a cabeça dizendo:

— Pois eu não ouço nada.

— Sim? Pois tenha paciência que não tardará muito que tenha de tapar os ouvidos, porque a música delas, quando andam em manadas, não é por certo das mais agradáveis. Veem a entrar por aquela clareira que está na nossa frente. Antes de se meterem na água, de que tanto gostam, param para conhecerem o terreno. Então deve fazer fogo, apontar à maior que ficar a sua esquerda; eu entreter-me-ei com a direita a ver se, disparando ao mesmo tempo, matamos duas.

E Maurício, colocando o bico do pé esquerdo sobre o de Ernesto, disse:

— Quando carregar com o meu pé, faça o *gosto ao dedo* e faça fogo. E agora silêncio que já estão perto.

Dois minutos depois, Ernesto ouvia a algazarra que Maurício lhe anunciara.

Esperaram, pois, pelo momento oportuno que se não devia fazer esperar muito.

No sítio que Maurício indicara apareceu de repente uma fêmea muito grande seguida de seis javalis pequeninos cujas desigualdades de tamanho indicavam ser de duas ninhadas diferentes.

Ernesto pudera ter feito fogo à fêmea; estava uns cinco passos afastada dos filhos, levantando a cabeça em direção aos charcos.

O pintor olhou para o seu companheiro como que a interrogá-lo, mas o caçador indicou com um movimento de olhos que esperasse. E efetivamente a uns vinte metros de distância do lugar em que estava a fêmea, abriu-se uma clareira e apareceu um javali quase do dobro do tamanho da fêmea.

A lua estava tão clara que os caçadores viram perfeitamente os animais.

Ernesto sentiu o pé de Maurício comprimir o seu, e como tinha a espingarda apontada, disparou.

As duas detonações produziram no espaço um só eco.

A bala de Maurício foi tão bem apontada que o javali deu um salto, caindo sem vida depois de soltar um grunhido de raiva. A fêmea, a que Ernesto apontara foi ferida na cabeça; deu duas voltas, quis fugir, mas foi cair junto ao charco; depois fez um esforço supremo, levantou-se novamente, entrou na água para tornar a cair revolvendo-se nas ânsias da morte, soltando grunhidos desesperados que pouco a pouco foram enfraquecendo.

Os demais tinham desaparecido como por encanto.

Maurício ouvia as palpitações do coração de Ernesto cujo ruído e precipitação o assustaram.

— Está pior? lhe perguntou.

— Não, não; é o prazer que experimento neste momento. Se tornasse a renascer em mim a paixão da caça, talvez esquecesse uma história que me assassina, que será a causa da minha morte.

O pintor revelara a Maurício num arranco de entusiasmo, a causa da sua melancolia, a origem da sua doença.

— E que fazemos agora? perguntou Ernesto.

— Primeiro que tudo castrar o macho para que sangue e a carne perca o gosto a bravo.

Maurício levantou-se, tirou a faca de mato da bainha, e saiu do esconderijo, dirigindo-se para o sítio onde estava o javali.

Ernesto seguiu-o, examinando com o mais particular interesse todas as operações que Maurício fazia às duas peças mortas.

O caçador depois de lhe abrir todo o ventre e de lhe tirar os intestinos, pendurou-os pelos pés para que sangrassem e ficassem limpos. Depois lavou as mãos na água do charco, e disse:

— Agora diga-me se quer dar por terminada a caçada ou quer fazer nova espera, apesar de me parecer melhor, o primeiro caso, pois é preciso esperar pelo menos duas horas até que volte outro javali.

— Vamos para casa. E as rezes?<sup>5</sup>

— Ficam aí. Venho logo buscá-las com o meu cavalo.

— Então dá-me um gole de rum, e a caminho. Passei um bom bocado.

Ernesto bebeu e deu o frasco a Maurício. Depois dirigiram-se para casa onde o pintor chegou bastante fatigado.

## CAPÍTULO 24: UMA CARTA E UM ANEL

Ernesto deixou-se cair na cama, e como sempre, o seu pensamento ocupou-se de Amparo.

— Amanhã, disse, falando consigo, ouvirá pronunciar o meu nome, e no fundo da sua alma renascerá a recordação das noites de Florença. Os seus lábios, vermelhos como bagos de romã, recordar-se-ão também desse beijo fatal que me fez o mais desgraçado dos homens, e pela mente do conde de Loreto cruzará débil, mas ameaçador, o fantasma de uma dúvida, a sombra de uma suspeita.

Ernesto tinha sempre na mesa de cabeceira uma garrafa de rum; estendeu o braço, pegou na garrafa e bebeu um gole.

— há quase um mês sem a ver, continuou, e contudo a ausência não apagou o fogo devorador desta paixão que me abrasa. O conde de Loreto tinha mais direito do que eu para ser amado, mas indubitavelmente não a ama tanto. E que importa isso às mulheres? O conde é rico, nobre, e a vaidade é o domínio tentador do belo sexo. Se o amor é o fogo d'alma que transmite calor às ideias dos homens de gênio, devo fazer grandes quadros.

E Ernesto soltou uma gargalhada, pegou novamente na garrafa, e quase a despejou de um trago.

Na sua fisionomia, no seu olhar, assomaram os sintomas da embriaguez produzida pelo álcool.

Com a língua, presa e balbuciante, começou a falar em voz alta.

— A luz dos seus belos olhos é o único reflexo que ilumina as profundas trevas da minha alma, a que acompanha a fria soledade do meu coração; as seis letras do seu nome, as notas mais harmoniosas que ressoam no fundo do meu peito. Insensato! A tua vida não é mais do que um sonho, que se desvanece ante o sopro da realidade. Tu recebeste três beijos, durante três noites de luar; aqueles beijos encerravam o veneno do teu sangue. A tua vida não é vida; o teu amor é só uma recordação. Onde está a morte? Porque tarda tanto? Porque não chega, quando a espero de braços abertos?

Ernesto fechou os olhos. Os seus lábios entreabriram-se para deixar passar um suspiro, e ficou dormindo pensando em Amparo.

\*\*\*

Maurício entrou no quarto do seu hóspede às cinco da manhã.

Ernesto levantou-se.

— Está tudo pronto para partires? perguntou.

— Sim senhor; tenho o javali grande preso convenientemente ao cavalo. À fêmea, segundo as suas ordens, tirei-lhe a cabeça e o lombo; o resto fica em casa.

— Espera, disse Ernesto.

E pegando numa carta que estava sobre a mesa e numa tira de papel, continuou:

— Entregas esta carta, o javali grande e estes dois quadros ao senhor conde de Loreto, rua do Barquilo, nº..., e comprarás tudo o que vai mencionado nesta lista.

Ernesto abriu uma gaveta da cômoda, tirou dez moedas de cinco duros e entregou-as a Maurício.

Depois escreveu rapidamente numa folha de papel:

“Meus bons amigos

Marcial e André

“Remeto-lhes uma cabeça de javali que cozinharão no restaurante do *Armiño* para almoçarem com alguns amigos, bebendo por este caçador *selvagem* que se não esquece de vocês.

“Sempre amigo

“*Ernesto.*”

— A cabeça e o lombo da fêmea entrega-os onde diz este envelope, rua do Prado. Vai com Deus e vem amanhã, se te for possível.

Maurício saiu, despedindo-se da mulher, e encaminhou-se para Toledo, onde devia tomar o comboio de Madrid.

Ernesto pegou na espingarda, chamou os seus cães Roma e Florença, e saiu também em busca de perdizes, prevenindo Petra de que não viria almoçar antes do meio dia.

\*\*\*

O conde de Loreto, Amparo e D. Ventura estavam almoçando quando entrou um criado dizendo-lhes que estava à porta um homem que parecia um montanhês, que trazia uma carta, um javali e uns quadros.

— Ah! exclamou o conde, Ernesto cumpriu a sua palavra. Dize a esse homem que suba e tragam vocês o javali para o vermos.

Dois criados trouxeram o javali para cima de uma mesa.

— Soberbo animal! exclamou Fernando. Pelas cerdas e pelos dentes bem se vê que deve ser velho.

— Oito anos, respondeu Maurício. Vale bem a onça de chumbo que lhe deu a morte.

— Pelo que vejo, Ernesto diverte-se pelos montes?

— Diverte-se, exclamou o caçador, tudo menos isso; está muito doente, dorme pouco e não tem apetite. A bem dizer que se alimenta só com café e rum. Tenho cá um palpite em que não morrerá de velho.

Todos escutavam com interesse as palavras de Maurício.

— Disseram-me que traz uma carta e uns quadros, disse Fernando.

— A carta está aqui: os quadros deixei-os naquela casa.

O conde leu em voz alta o seguinte:

“Senhor conde de Loreto

“Ignoro ainda se é proveitosa ao meu corpo esta soledade em que vivo há vinte dias, mas conheço que é ao espírito.

“No cume destas montanhas não se veem homens, não se encontra a animação nem o bulício das grandes cidades, mas o ar é mais puro, o horizonte mais límpido, o ambiente mais perfumado e respira-se com mais facilidade.

“Seja como for, espero sem sobressalto que se resolva o problema da minha enfermidade, sem me ocupar muito se será ou não vantajoso o desenlace.

“Com o portador desta, caçador infatigável e amigo leal, em casa de quem vivo no meio destes barrancos solitários, remeto-lhe o primeiro javali que matamos e dois quadros sobre assuntos de caça, gênero a que tenciono dedicar-me enquanto tiver forças para sustentar o pincel.

“Não marco preço aos quadros que lhe envio, porque disso falaremos depois de lhe mandar doze. Demais, ainda que pobre, hoje não preciso de dinheiro, mas avisá-lo-ei quando precisar. Seja, portanto, o meu banqueiro.

“Para lhes provar que não os esqueço, desejava que me concedessem autorização para fazer três retratos de memória, ainda que se admire ao vê-los, o meu leal amigo D. Ventura.

“Deponha aos pés da senhora condessa os meus respeitos, dê um abraço em seu sogro e não esqueça que neste deserto fica esperando ocasião de lhe ser útil

“o seu amigo e obrg.º

*“Ernesto Alvarez.”*

Amparo ouvira ler a carta sem descerrar os lábios, mas agradecia do fundo da alma a forma delicada como estava escrita.

Só lhe prendeu a atenção a autorização que pedia para pintar os três retratos, entre os quais devia figurar o seu.

— Quando tenciona voltar para Toledo? perguntou o conde ao caçador.

— Desejava ir esta noite no comboio das sete e quarenta. Os meus afazeres em Madrid, depois de sair desta casa, resumem-se apenas a algumas compras de que o senhor Ernesto me encarregou, e entregar uma cabeça de javali e um lombo a uns senhores que moram na rua do Prado.

— Tem algum inconveniente em me dizer que objetos o senhor Ernesto o encarregou de comprar.

— Não, senhor; aqui está a relação.

E Maurício entregou-a ao conde que depois de ler, disse:

— Meu amigo, tenho em casa tudo quanto Ernesto deseja; não precisa, pois, ir comprar coisa alguma. Agora vá almoçar enquanto escrevo uma carta, depois irá levar a cabeça a esses senhores, e meia hora antes do comboio partir encontrará na estação, despachado para Toledo, tudo quanto Ernesto pede.

Maurício com sinceridade natural, ia entregar ao conde o dinheiro que Ernesto lhe dera.

— Não, esse dinheiro entregue-o a quem lho deu, e demais, far-me-á o favor de aceitar esta *onza*, para comprar um presente a sua mulher.

Maurício tentou recusar a *onza*, mas o conde obrigou-o a aceitá-la.

Depois, conduziram-no a outra casa onde lhe serviram o almoço.

O conde escreveu entretanto a seguinte carta.

“Amigo Ernesto

“Os quadros são belos e o javali soberbo. Quando os homens têm talento trabalham em todos os gêneros. Obrigado pela sua boa memória, obrigado, porque se não esqueceu de nós, apesar do mal que lhe temos feito.

“Pede-me autorização para fazer três retratos; concedo-lha satisfeito não só por lhe ser agradável a si como também às pessoas que vão ser retratadas nas telas.

“Desejava passar uma temporada na sua companhia para caçarmos juntos, e para ver se o convencia a abandonar essa vida solitária, principalmente durante os quatro meses de rigoroso inverno.

“Até então veremos o que posso conseguir. Hei de fazer a diligência.

“Fico esperando os doze quadros que me anuncia na sua carta, o que me prova que se sente animado para o trabalho.

“Adeus, meu amigo, e não esqueça que lhe desejamos todas as propriedades.

“Sempre seu amigo,

“*Fernando del Vilar.*”

O conde leu a carta à mulher e disse:

— Agora, minha querida, escreve quatro linhas ao nosso amigo; talvez isso lhe faça bem.

Amparo olhou o marido, receando que aquele desejo envolvesse uma intenção pouco agradável.

O conde sorriu-se porque compreendera a dúvida da mulher. Mas rodeando-lhe a cintura, e, dando-lhe um beijo apaixonado, disse-lhe:

—Leio nos teus olhos, minha querida, a desconfiança, e sinto-o; isso indica-me que me amas muito, mas que me conheces pouco. Escreve a Ernesto, sou eu que t'o peço. Quatro palavras tuas far-lhe-ão bem, o desgraçado ama-te de toda a sua alma. Muito desgraçado o fizemos. Não sejamos egoístas até ao ponto de sermos malvados gozando com a sua agonia, com a sua dor, que só terá fim com a morte. Escreve-lhe, pois, o que quiseres, Amparo.

O conde sorrindo-se com bondade, e dando segundo beijo na esposa, continuou:

— Não lerei o que escreves. Adeus. Quando acabares fecha a carta e entrega-a tu mesma a esse homem.

E o conde saiu.

Amparo ficou com a carta na mão e como que pregada ao chão.

Aquela confiança que o marido acabava de mostrar era verdadeira ou um laço?

Amparo não podia crer na hipótese de um laço num homem tão generoso como Fernando.

O conde de Loreto não era um homem vulgar. Amava a mulher, perdoara-lhe o seu coquetismo com Ernesto antes de o conhecer a ele, calculava as dores e os sofrimentos do pintor a quem estimava deveras e por isso dissera à mulher que escrevesse.

Amparo sentou-se, pegou na pena e durante dez minutos não soube como começar.

De súbito teve uma ideia. Os olhos brilharam-lhe, o semblante reanimou-se-lhe: dir-se-ia que receava transmiti-la ao papel, mas fazendo um esforço, e com mão mal segura, escreveu:

“Senhor Ernesto

“Ja que meu marido o autoriza a fazer os três retratos, e julgando que deles um será o meu, peço-lhe, (queira perdoar este capricho de mulher), que se não esqueça do vestido que tinha em Roma quando veio oferecer-me o que fizera, e que ainda conservo sobre o fogão do meu gabinete.

“Trate-se, porque desejamos em breve vê-lo completamente restabelecido.

*Amparo.”*



A condessa fechou a carta e foi entregá-la a Maurício, que já tinha acabado de almoçar.

— Entregue esta carta ao senhor Ernesto, mas só a ele, disse-lhe.

— Sim, senhora condessa.

Amparo ia a sair, mas deteve-se.

— É casado? perguntou.

— Sim, minha senhora.

— Então faça favor de dar da minha parte este anel a sua mulher, e recomendar-lhe que trate do senhor Ernesto com todo o carinho.

E Amparo como que envergonhada por aquele arranco, tirou um anel do dedo, entregou-o a Maurício e saiu, dizendo para consigo:

— Assim compreenderá que me não é indiferente o seu sofrimento e que a sua morte me há de custar algumas lágrimas.

Maurício ficou um momento imóvel. Pensava se aquela mulher tão formosa teria alguma coisa que ver com os padecimentos do seu hóspede.

\*\*\*

À hora indicada pelo conde, Maurício estava na estação, onde um criado lhe entregou uma guia do caminho de ferro.

— Que é isto? perguntou ele.

— Da parte de meu amo, o senhor conde de Loreto. Com esta guia lhe entregarão em Toledo, pois que foram expedidas em grande velocidade, duas caixas e um caixote grande. Nelas vai tudo quanto o senhor Ernesto encomendou.

Maurício guardou a guia na carteira e entrou para a *gare*, tomando então lugar num compartimento de terceira classe.

Durante a viagem, o caçador olhou muitas vezes para o anel, e pensava em quem lho dera, dizendo de si para consigo:

— Parece-me que vou descobrindo alguma coisa do segredo!

## CAPÍTULO 25: O REGRESSO DE MAURÍCIO

Quando Ernesto saía só, afastava-se pouco da habitação de Maurício.

Muitas vezes pendurava a espingarda no ramo de um azinheiro, e, subindo com dificuldade ao mais alto monte, sentava-se aí, ficando largas horas a contemplar a paisagem; outras, sem temer o perigo, descia ao mais fundo dos barrancos, agarrando-se às plantas, gozando também naquela silenciosa soledade, onde o menor suspiro faz na concavidade das rochas um eco como se repetisse a voz humana.

Então esquecia os cães, a espingarda e a caça, e a recordação inolvidável de Florença preenchia-lhe por completo a sua imaginação.

O seu amor por Amparo era tão constante, tão verdadeiro, tão grande, que, enchendo todo o seu ser, formara nele uma segunda natureza tão poderosa que era impossível separar-se dele sem perder a vida.

Conhecia, contudo, toda a loucura da sua paixão, e aceitara-a como se aceita uma dessas doenças que se não procura e que nos causa a morte.

Se Ernesto tivesse encontrado uma Heloisa, a terra para os dois amantes teria sido um paraíso, mas encontrara uma *coquete* que lhe converteu em pantanoso charco, que lhe envenenou o sangue ao aspirar os maléficos miasmas que exalava.

O seu mal era irremediável. O amor tem muitas vezes a sua dose de veneno que causa a morte.

Mas, apesar disso, o coração de Ernesto era tão grande, tão nobre, tão generoso, que não odiava aquela que era seu tormento, antes pelo contrário, amava-a cada vez mais.

Talvez que ainda lhe restasse um pouco de esperança, e dessa esperança emanava a doce paixão que sentia por Amparo.

Por outro lado, o conde de Loreto era um homem digno de ser amado. Quão doloroso teria sido para Ernesto ver-se preferido por um homem indigno, por um ser desprezível, como acontece tantas vezes na vida!

Quantos exemplos se podem citar de levianas mulheres que espezinham a honra de homens ilustres nos braços de amantes desprezíveis!

Ernesto reconhecia no conde grandes qualidades, e isto fazia-lhe menos culposa a conduta de Amparo. Conhecia também que, se o conde não fosse um homem superior e menos conhecedor do mundo, sabendo os antecedentes de Roma e Florença e a parecença de Esther com a mulher, tomaria isso por uma grave ofensa e o assunto não teria ficado assim. Talvez um duelo, e, por conseguinte, o escândalo que segue casos desta natureza, teria aumentado as dificuldades a Ernesto para chegar até Amparo, para ser talvez amado por ela com a vertiginosa paixão do adultério.

Com a conduta prudente, digna e sabia do conde, evitou todos os perigos que ameaçavam o marido, a mulher e o amante, cortando com um só golpe a cabeça à repugnante maledicência, que já começava a levantar-se, sorrindo-se de uma maneira satânica.

Por isso, Amparo e Ernesto admiravam o procedimento do conde de Loreto, e este por seu lado, podia dormir tranquilo, com a segurança de que sua mulher não o trairia. E enquanto a Ernesto, sabia que de rival intransigente se convertera em amigo leal.

Amparo, contudo, passou mal algumas noites. Amava com delírio o marido, mas convencida de que ela era a causadora da doença de Ernesto, temia o momento em que uma carta participasse a sua morte, isto é, que em seu peito entrasse o remorso, que tira o sono, que entristece a alma, que põe uma nuvem no coração.

\*\*\*

Maurício chegou ao monte ao amanhecer do dia seguinte; Petra acabava de se levantar, e ouvindo assobiar correu a abrir a porta.

O caçador não vinha só. Acompanhava-o um homem com três burros carregados com os objetos que o conde enviara a Ernesto.

— Tudo isto é para nos? perguntou Petra, depois de abraçar o marido.

— É para o senhor Ernesto, que lho manda um amigo de Madrid. Mas também trago um presente para ti.

— Isso já eu esperava porque os bons maridos não se esquecem das mulheres quando vão às grandes cidades.

O homem começou a descarregar as caixas e o caixote, deixando tudo junto da porta.

Maurício entretanto meteu dois dedos da mão direita no bolso do colete e tirou a *onza* que o conde lhe dera, dizendo em voz baixa:

Pega: isto ofereceu-me aquele senhor a quem levei o javali e os quadros como gorjeta. É para comprares o que quiseres.

— Uma *onza*! Fizeste bem em a não trocares, porque a mulher cuidadosa pensa sempre no dia de amanhã, e, quando apanha à mão uma moeda destas, guarda-a como um remédio contra as necessidades da vida.

— E o senhor Ernesto? perguntou Maurício.

— Ainda dorme.

— Ontem saiu?

— Sim, um bocadito de manhã. Voltou muito cansado e comeu pouco. Coitado! está cada vez mais triste. Esta noite entrei no quarto para ver se queria tomar alguma coisa, e encontrei-o com os olhos inchados, enegrecidos, como se tivesse chorado. Muito grande deve ser o seu desgosto.

Maurício guardou silêncio; e como o homem já tinha descarregado todos os objetos pagou-lhe, dizendo:

— Petra, dá a este homem alguma coisa de comer e de beber.

Maurício entrou em casa, dirigindo-se ao quarto de Ernesto, e, como reinava o mais profundo silêncio, pensou que se não respondesse, chamando baixinho, seria melhor deixá-lo dormir.

Chamou, pois, à porta suavemente, mas a voz do hóspede respondeu:

— Quem é?

— Sou, eu, senhor Ernesto.

— Ah! Maurício! Espera que vou abrir.

Ernesto saltou da cama, abriu a porta e tornou a deitar-se.

— Bem vindo sejas, Maurício. Não te esperava tão cedo. Abre a janela e dá-me conta da tua missão.

— O conde de Loreto é um sujeito muito generoso, disse Maurício. Depois de me receber muito bem e de me dar de almoçar como a um príncipe, deu-me uma *onza* em ouro.

Maurício continuou contando tudo quanto se passara em casa do conde e terminou:

— Enquanto a senhora condessa entregou-me esta carta para si e perguntando-me se era casado, disse-me: Pois dê este anel da minha parte a sua mulher para que tratem com muito cuidado o senhor Ernesto.

O pintor sentiu-se comovido até ao fundo d'alma. Maurício compreendeu o efeito das suas palavras, e, tirando a carta e o anel, entregou tudo ao hóspede.

— Mas este anel é para tua mulher, disse Ernesto, fixando-o com um olhar penetrante.

Maurício sorriu-se e disse:

— Isso é uma joia boa de mais para quem está todo o dia a trabalhar. Pode guardá-la. E de mais, Petra não sabe de nada, e olhos que não veem coração que não sente.

Ernesto não pôde conter a sua alegria e lançou-se nos braços de Maurício, cujo procedimento delicado lhe causou profunda admiração.

— Ah! já me esquecia, disse Maurício. Também os seus amigos da rua do Prado me deram esta carta para si.

E, entregando a carta, saiu do quarto a fim de deixar só o seu hóspede, de quem começava a descobrir o segredo.

Ernesto, ao ver-se só, beijou repetidas vezes o anel, apertando-o depois com delírio de encontro ao peito.

Leu a carta do conde e o *post-scriptum* da condessa, guardou-a juntamente com o anel numa gaveta da cômoda, e, procurando serenar, disse:

— Ela não me esqueceu; isto sempre serve de consolação para o meu peito. Vejamos o que me dizem Marcial e André, os meus bons amigos.

Ernesto então leu:

“Ilustre Robinson dos montes de Toledo

“Recebemos a *tua cabeça* e o *teu lombo*. e amanhã brindaremos à tua saúde no restaurante do *Armiño*.

“Não deves admirar-te de que te tenhamos na conta de um animal feroz, pois que outro nome não merece o homem que deixa as delícias de Madrid pelos selvagens barrancos dos montes de Toledo.

“Agora outro assunto. Tens todas as probabilidades que te concedam o primeiro prêmio ao teu célebre quadro de Esther. Se assim for, iremos entregar-te a medalha de ouro, e beber contigo uma dúzia de garrafas de Champagne.

“Procura, contudo, restabelecer-te rapidamente e voltares, porque nós preferimos comer sentados em volta de uma mesa, pisando alcatifas, recebendo o calor de fogões e a luz do gás, do que comer no campo sobre o duro chão, acariciado pelas formigas e outros animais importunos.

“Estimando-te sempre e admirando como nunca.

“Somos teus amigos

*“Marcial e André.”*

Ernesto sorriu-se tristemente quando acabou a leitura da carta.

— Ah! exclamou. Que feliz que é o mortal que encontra uma mulher que o ama e dois amigos leais e carinhosos! Mas a felicidade nunca é completa para o homem. Só encontrei os amigos. Onde acharei a mulher?

E deixando cair a cabeça sobre o peito melancolicamente, ficou imóvel como uma estátua.

## **CAPÍTULO 26: UMA CAÇADA ÀS RAPOSAS**

Se nos entretivéssemos detalhando dia a dia a vida de Ernesto desde que chegou a casa de Maurício até ao dia em que deixou de existir, faríamos um livro interminável. Procuraremos, pois, tocar somente nos pontos que julgamos mais importantes.

Ernesto, como dissemos, cansava-se muito a subir as encostas, e o ponto que escolhera para caçar não era dos mais cômodos.

Um doente de peito pode caçar sem perigo, mas em terrenos planos que não cansem os pulmões; porém os montes de Toledo, os de Almenara e outros não têm nada de higiênicos para um caçador de pouca saúde.

Poder-se-á matar muita caça, respirar-se ar puro mas são fatigantes em demasia! Ernesto, pois, escolhera mau sítio para se restabelecer, mas, como a

vida lhe importava pouco, era o mais apropriado para lhe dar cabo dos seus arruinados pulmões.

Ernesto tratava-se pouco. Quando sentia a mente cheia de ideias tristes, pegava na espingarda, chamava os cães e saía. Se tropeçava com um bando de perdizes, seguiu-as até que, cansado, se deixava cair no chão, permanecendo às vezes mais de uma hora sofrendo angústias de morte.

Muitas vezes a noite surpreendeu-o nos barrancos, e Maurício, sobressaltado, saía em sua procura; e então o honrado caçador trazia-o às costas até casa. Petra e Maurício lamentavam em voz baixa a teimosia de Ernesto em não querer que se chamasse o médico do povoado próximo.

— Está claro, dizia Maurício. A dor que o aflige é tal que deseja acabar depressa com a vida, e quando menos pensarmos encontramos-lo morto no monte.

Demais Ernesto, cuja fraqueza era em extremo, ia perdendo as forças e o apetite, e tinha caprichos extraordinários que faziam estremecer Maurício.

Certa manhã do mês de março (nevara muito durante a noite anterior e o sol que começava a elevar-se no horizonte convertia o gelo em brando rócio que tornava difícil o transito pelas ladeiras dos barrancos). Maurício e Ernesto estavam no cume de um monte, quando se aperceberam de que andava uma raposa num monte próximo. Ernesto disparou, e o arisco animal soltou um grunhido.

O tiro ferira a raposa nas patas traseiras; mas com o instinto da conservação arrastou-se até a borda de um barranco, deixando-se cair para a frente.

Ernesto correu até chegar à mesma borda do precipício.

Maurício gritou-lhe:

— Cuidado, cuidado, senhor Ernesto. Por aí não há passagem.

Ernesto dirigiu um olhar para o abismo, viu a raposa que fazia esforços desesperados para chegar a uma toca, onde por fim se meteu.

— Indubitavelmente tem ali a fêmea e os filhos. Se pudéssemos descer... disse Maurício.

— E porque não? respondeu Ernesto, avançando intrepidamente até a abertura do abismo.

— O terreno está escorregadio; é uma temeridade descer por este despenhadeiro. Um pé em falso, uma tontura, precipitá-lo-ia a quinhentas varas de profundidade, sobre um leito de pedras.

Ernesto inclinou-se, e, agarrando-se a uma mata que vegetava na borda do abismo, começara descendo, procurando apoio para os pés nas saliências da rocha e nos arbustos que cresciam entre as fendas.

Maurício advertiu segunda vez do perigo iminente que o seu hóspede corria, mas Ernesto, detendo-se na sua descida e levantando a cabeça, disse sorrindo-se:

— Não receies, meu bom Maurício, ninguém morre sem que Deus queira; e se suceder faltar-me o apoio que procuro tranquilamente, e precipitar-me no abismo, previno-te de que na minha carteira acharás um testamento que te livra de toda a responsabilidade.

E continuou descendo.

Maurício sustinha com trabalho os cães, olhando com admiração para Ernesto.

Não faltava valor ao caçador para descer por aquele difícil e perigoso caminho; mas isto teria sido uma imprudência, pois, descendo atrás, aumentava muito o perigo do pintor.

Maurício era um bom cristão, acreditava nos destinos da Providência, e, calculando que daquele perigo só Deus podia salvar Ernesto, encomendou-o com fervor ao Altíssimo.

A descida de Ernesto até chegar ao penedo onde se havia refugiado a raposa ferida, durou quatro minutos.

O pintor dirigiu um olhar sereno para o abismo, murmurando em voz baixa:

— Mais profunda é a soledade da minha alma.

Maurício fechou os olhos muitas vezes, julgando que o seu amigo ia despenhar-se, quando ao pôr o pé ou a mão em algum apoio este cedia.

Por fim Ernesto chegou a uma espécie de plataforma. Ali estava seguro, mas era extremamente difícil subir, visto necessitar para isso de muita força nos pulsos.

De repente Maurício, que se dispunha a descer, viu que as pernas de Ernesto se dobravam e que caía desamparado sobre as rochas que o sustentavam, dando



com a cabeça num soveiro, que providencialmente o salvou de uma queda fatal.

Maurício soltou um grito. Ao princípio julgou que o seu hóspede rolasse para o abismo, e então era indubitável que o seu corpo, feito em mil pedaços, não pararia senão quando chegasse ao fundo. Com grande surpresa sua, viu que o mesmo soveiro que crescia na fenda da rocha deteve o corpo da queda mortal, mas observou também que o corpo estava imóvel e como morto e que da boca saía algum sangue.

Maurício, deixando-se levar pelo seu generoso coração, confiado nas suas hercúleas forças desceu rapidamente até onde estava Ernesto, completamente desmaiado.

Durante dez minutos fez todos os esforços imagináveis para o tornar a si; ora lhe chegava a garrafa do rum ao nariz, ora lhe banhava as fontes com água fria. Nada: Ernesto parecia um cadáver.

Então, desprezando o perigo que o cercava, tirou a cinta, atou Ernesto a ela, prendendo-o pela cintura, e, com o desespero do náufrago, começou a trepar pela ladeira levando suspenso à cintura o inanimado corpo do seu hóspede, que oscilava sobre o abismo como a pendula de um relógio.

Se a boa Petra tivesse chegado naquela ocasião e visto o perigo que o marido corria, certamente morreria de susto. Deus, evidentemente, que vê e premia as boas-ações, deu naquele momento forças a Maurício para chegar ao cume, salvando o hóspede e salvando-se ele próprio.

Quando se viu fora do abismo, soltou um desses suspiros que dilatam o peito e, ajoelhando-se junto ao corpo inanimado do seu companheiro, deu graças à Providência, que os salvara de tão iminente perigo.

O pintor continuava sem voltar a si.

Maurício pôs depois as duas espingardas ao ombro, levantou com os seus robustos braços Ernesto e encaminhou-se precipitadamente para casa, que não ficava muito longe.

Petra ao vê-lo entrar pálido, coberto de suor, a respiração ofegante e com Ernesto desmaiado nos braços, cujo rosto estava manchado de sangue, soltou um grito de espanto e disse:

— Que foi, Maurício? Que sucedeu? Morreu o senhor Ernesto?<sup>6</sup>

— Não, não morreu, respondeu Maurício, está apenas desmaiado. Não te assustes e ajuda-me a metê-lo na cama.

Um quarto de hora depois Ernesto abriu os olhos, dirigiu um olhar vago em redor, e vendo Maurício e Petra juntos de si, estendeu-lhes as mãos e disse com dificuldade:

— Obrigado, meus amigos, devo-lhes a vida e agradeço-lhes de toda a minha alma, porque não quero morrer enquanto não concluir os três retratos que prometi ao conde de Loreto.

— Mau! mau! disse o caçador. É verdade que o perigo foi grande, mas já lá vai. Que maldita raposa.

Ernesto não respondeu, mas, pegando na mão de Maurício, apertou-a de encontro ao peito com fraternal carinho.

## **CAPÍTULO 27: O ANJO DA MORTE**

Durante quinze dias, Ernesto não saiu de casa; pintava de manhã e de tarde. Só alguns curtos momentos deixava a sua tarefa, para dar um passeio em frente de casa.

Vendo pintar aquele jovem febril com os olhos encovados e a respiração fatigante, dir-se-ia que tinha esse afã do homem de gênio que presente a morte e que quer concluir a obra que o deve imortalizar.

Estavam concluídos os retratos do conde, e de D. Ventura e tinha entre mãos o de Amparo.

Às vezes chamava Maurício e perguntava-lhe:

— Conhecê-los? Parecem-se?

— Oh! Muito! São eles por uma pena.

Depois dava um charuto a Maurício, acendia outro, apesar da tosse que o fumo lhe causava, e continuava pintando.

No quarto do pintor, graças às ofertas do conde de Loreto, encontravam-se todas as comodidades apetecidas. Quatro peles de leão almofadavam o sobrado; duas cómodas cadeiras de braços forradas de marroquim recebiam o pintor quando se sentia fatigado.

Muitas vezes dizia o pintor, sentado junto do fogão e tomando uma chávena de café:

— Isto não é viver num monte: é ter um oásis no meio de um deserto.

Certa manhã recebeu uma carta dos seus amigos Marcial e André, dizendo-lhe que lhe haviam conferido o primeiro prêmio e que lhe iam levar a medalha: que mandasse um homem à estação de Toledo para os acompanhar ao monte.

Ernesto chamou Maurício e disse-lhe:

— Amanhã devem chegar a Toledo uns amigos de Madrid que veem passar alguns dias comigo. É preciso que os vás esperar à estação, que arranjes cavalos para o que for preciso e que os tragas para aqui. Também seria bom que trouxesses da cidade o que tua mulher precisar.

Ernesto guardou os retratos para que os seus amigos não vissem. Era avaro do seu tesouro, não queria que o profanasse a publicidade.

Marcial e André não eram caçadores; mas a caça é agradável a todos os homens, sem dúvida porque os coelhos não usam revólver para se defenderem, nem as perdizes disparam dardos contra os seus perseguidores.

Dizem que a caça é a imagem da guerra, sem dúvida porque se queima pólvora e se derrama sangue; mas a mim parece-me que da guerra à caça vai muita diferença e bem crente estou de que o governo não passaria todos os anos trinta e seis mil licenças de caça se o caçador corresse tanto perigo como o soldado diante do inimigo.

Mas se todos gostam de disparar contra os inofensivos coelhos, as ladinas perdizes e as ligeiras lebres, não é para admirar que qualquer habitante da cidade, ao encontrar-se num monte, povoado de caça e tendo à sua disposição uma espingarda, não tente derramar sangue, ainda que não seja senão para se batizar com a cruz de Santo Eustáquio.

Chegaram os amigos de Ernesto e depois dos abraços e das exclamações ante o selvagem panorama, falou-se do quadro de Esther; almoçaram, tomaram café, beberam três garrafas de Champagne e pensaram em caçar visto haver espingardas e caça.

Maurício propôs uma batida e se bem que os caçadores não fossem muito felizes, em compensação viram correr e voar muita caça.

À noite, Petra serviu uma ceia, senão muito variada, pelo menos muito abundante.

A mocidade tem bom estômago. Comeram bem e beberam muito melhor. Falou-se de Ernesto chegar a Madrid e este disse:

— Não penso por enquanto em abandonar estes montes, porque estou aqui perfeitamente. Convenci-me de que a solidão do campo e o ar saudável destas serras me são muito mais proveitosas do que a vida agitada da cidade.

Todas as reflexões de Marcial, todos os conselhos de André não conseguiram demover Ernesto. Os amigos convenceram-se de que seria inútil falar em semelhante assunto.

Os amigos do pintor ficaram com ele mais três dias. Chegou a hora da partida. Marcial tinha em ensaios uma comédia e não podia retardar o seu regresso a Madrid. Despediram-se prometendo fazer outra visita no mês de maio, se Ernesto até então não tivesse abandonado os montes.

Ernesto, num ponto elevado, viu-os afastarem-se montados nos cavalos e cantando o coro das bruxas de Macbeth.

— Aqueles são felizes, disse com tristeza, porque em seus corações vive a alegria da juventude, a esperança da glória. Ide em paz, meus amigos, a quem nunca mais verei, a não ser que exista alguma coisa da vida oculta ao olhar do homem para lá desse céu azul que se estende sobre a minha cabeça.

Ernesto sentou-se. Uma volta do caminho tinha ocultado os amigos, a quem, como acabava de dizer, não tornaria a ver.

Durante uma hora ficou imóvel como o penedo que lhe servia de apoio.

Depois levantou-se, vagarosa e tristemente, dirigiu-se para casa, tirou o retrato de Amparo, colocou-o no cavalete e pôs-se a pintar.

\*\*\*

Quando algum conhecido de Maurício ia caçar aos montes, Ernesto fechava-se no seu quarto e poucas vezes saía. Pintava, lia, e bebia rum.

Estava muito doente, mas continuava rejeitando os conselhos dos amigos e os auxílios da ciência.

Durante os meses da primavera, pareceu fortalecer-se alguma coisa. Passou o verão um tanto aliviado, trabalhava pouco, e ainda por duas vezes mandara Maurício a Madrid levar quadros de caça ao conde, ficando em seu poder os retratos completamente concluídos, dizendo:

— Isto será a minha despedida, o meu testamento. Chegou o mês de outubro, e Ernesto com os primeiros frios, apanhou uma recaída e perdeu por completo o apetite; apenas se levantava para se sentar na cadeira e desta para se meter na cama. Maurício e Petra insistiram várias vezes com ele para o convencer a que chamasse o médico.

— É inútil, meus amigos, dizia-lhes, talvez que em breve me faça mais falta um sacerdote.

Uma noite, Ernesto piorou a tal ponto, que Maurício, sem o consultar, montou a cavalo, foi ao povoado de Orgaz e trouxe um médico.

Ernesto, ao vê-lo entrar, ao perceber a que vinha, encolheu os ombros, dirigiu um olhar de gratidão a Maurício, e disse:

— Tudo isso é inútil. O que preciso amanhã é de um sacerdote.

O médico viu efetivamente que a doença de Ernesto era incurável, receitou por simples formalidade e disse que o chamassem se houvesse mais alguma novidade.

Ao sair, disse a Petra:

— Chamem o padre com urgência, porque este homem apenas tem três dias de vida.

Petra chorou, e contou ao marido o que o médico lhe dissera.

Estavam verdadeiramente impressionados.

Quando Maurício à noite entrou com a luz no quarto de Ernesto este estava sentado numa cadeira próximo da mesa.

Ardia um bom fogo no fogão e, apesar do frio não ser muito, Ernesto queixava-se de que se sentia gelado; era a morte, que avançava a passos gigantes para se apoderar do coração, para extinguir a vida naquele corpo, para separar a alma da matéria.

— Maurício, põe aí a luz, aproxima uma cadeira, senta-te aqui a meu lado, disse o pintor, porque temos muito que conversar e não temos tempo a perder.

Maurício obedeceu sem dizer uma palavra. Só de quando em quando olhava para o cadavérico semblante do seu hóspede, pensando que já tinha visto defuntos com muito melhor parecer.

— Tudo neste mundo tem o seu fim, meu amigo, ajuntou Ernesto com voz fraca e pausadamente. O dia nasce e morre como a planta e o homem. A vida, como o canto do pássaro, como as folhas das árvores, está sujeita à vontade do Criador. Rebelarmo-nos contra tal, é uma loucura, uma temeridade ou uma covardia. Ninguém se salva da morte, ainda que diga com toda a força do seu desespero: “Não quero morrer.” Assim, pois, é preciso resignarmo-nos. Toda a sabedoria, toda a ciência, toda a grandeza do homem não é suficiente para prolongar um segundo sequer a sua vida. Alexandre como César, Aristóteles como Cícero, morreram quando soaram as suas horas, apesar de serem quem foram. A minha aproxima-se e é preciso preparar tudo para a minha última viagem.

Ernesto deteve-se, respirou, levou a mão ao peito e fixou os olhos em Maurício, cujo semblante compungido, manifestava a profunda mágoa da sua alma, porque as palavras sentenciosas e tristes do seu hóspede, a quem estimava como a um pai, o afligiam.

— Quero, pois, meu bom Maurício, inteirar-te do que tens a fazer no dia seguinte ao da minha morte, que não está longe. Por isso, te pedi para te sentares e que me prestasses atenção. Dei grandes incômodos tanto a ti como a tua mulher; têm sido bons amigos para mim, devo-lhes muitos favores, e é por conseguinte meu dever não os esquecer na hora da minha morte. Quisera ser rico como um nababo para lhes deixar toda a minha fortuna, pois bem sabes que não tenho herdeiros forçados; mas, apesar de ser muito pobre, farei tudo quanto possa para os recompensar em parte de todos os benefícios que recebi.

— Mas, senhor Ernesto, nós é que devemos estar agradecidos ao senhor, disse Maurício, porque desde que tivemos a fortuna de o ver entrar para nossa casa, têm sido muito maiores as recompensas que temos recebido do que os insignificantes serviços que lhe temos prestado. Por isso não temos que falar sobre esse assunto.

— O interesse e o carinho que têm dispensado a este pobre doente, nunca o pagarei suficientemente. Mas deixemos esse assunto, e ouve.

Ernesto fez uma pausa, pegou num rolo de papéis e numa carta, e disse:

— Quando eu morrer, e depois do meu enterro, vais a Madrid onde tens duas comissões a desempenhar da maior importância. Esta carta para os meus amigos da rua do Prado, e os três retratos e esta outra carta para o senhor conde de Loreto. Indubitavelmente todos, ao saberem que deixei de existir, querem saber pormenores da minha morte. Dize-lhes o que vires, a verdade. E agora só me falta dizer-te que encontrarás escrito e assinado nesta folha de papel, que te deixo como herança, como livre senhor que sou de tudo, que me

pertence; isto é, tudo isto que nos rodeia, inclusivamente o pouco dinheiro que eu tiver na gaveta da cômoda, é teu e de tua mulher.

Maurício que havia já um bocado lutava para suster as lágrimas, levou as mãos aos olhos.

— Vamos, não te aflijas; dá-me um abraço e vai-te deitar. Só tenho ainda a pedir-te para que amanhã cedo me tragas um padre, porque é bom pensar em Deus alguns minutos antes de morrer, quem esteve tantos anos ocupando-se somente dos pigmeus da terra.

Maurício precisava sair daquele quarto para chorar desafogadamente; entrou na cozinha, contou a Petra tudo quanto se passara e acabaram por desatar em amargo pranto.

Naquela noite nem Petra nem Maurício puderam dormir.

De quando em quando vinham em bicos de pés até a porta do quarto de Ernesto, e espreitavam pelo buraco da fechadura.

Ernesto continuava sentado na cadeira, ora escrevendo, ora com os cotovelos encostados na borda da mesa, e a cabeça apoiada nas mãos.

Pouco antes de amanhecer, Maurício montou a cavalo e foi chamar o padre.

Às sete da manhã, Ernesto viu entrar um velho de rosto bondoso e cabelos brancos. A batina preta, a sobrepeliz, e sobretudo a doce expressão daquele rosto, fê-lo compreender que tinha na sua presença o pastor das almas de algum povoado próximo.

O sacerdote e o pintor estiveram fechados três horas. O que disseram pertence ao segredo inviolável da confissão.

Quando o padre saiu, entrou Maurício.

Ernesto disse-lhe:

— Faze favor de pôr uma tela no cavalete e de o levares bem como esta cadeira para próximo da janela. Vou fazer o meu último trabalho.

Ernesto pegou na paleta, nos pinceis e sentou-se porque não podia trabalhar de pé, principiando a esboçar uma Nossa Senhora das Dores.

Apesar do seu estado, pintava com incrível ligeireza.

A febre da morte guiava-lhe a mão.

Em dia e meio pintou uma formosa mãe do Nazareno, de corpo inteiro; mas aquela virgem, apesar da doce melancolia do seu semblante, era um perfeito retrato da condessa de Loreto.

Evidentemente aquela obra feita de momento, aquele trabalho feito às portas da morte, era uma das melhores obras de Ernesto.

Maurício e Petra ficaram assombrados ao verem-no concluído.

— Ah! Que pena um homem assim morrer tão novo! exclamou o rude caçador num arranco de sublime entusiasmo.

— Maurício, disse Ernesto, quando eu morrer entregarás este quadro ao sacerdote que me ouviu em confissão, e dirás que, já que os franceses roubaram de uma capela da sua modesta igreja uma formosa Senhora das Dores, eu ofereço-lhe esta para que a ponha no seu lugar, apesar de não valer, estou certo, nem a quinta parte do que valia a outra.

No dia seguinte, Ernesto conheceu que lhe restava poucos minutos de vida.

O sol entrava pela janela.

O enfermo permaneceu cerca de meia hora com o olhar fito no céu e as mãos postas em religioso recolhimento.

Petra e Maurício, que estavam a seu lado, não se atreviam a interrompê-lo daquele doce êxtases.

— Meus amigos, disse Ernesto, estendendo os braços e, pegando nas mãos de Petra e de Maurício, veem aquela nuvenzinha branca que está suspensa no espaço?<sup>7</sup>

Os dois olharam para o céu, mas não viram nuvem nenhuma, contudo Petra respondeu com voz fraca:

— Sim.

— Pois bem, no meio dessa nuvem vem o anjo da morte buscar-me. Oh! É mais belo do que eu o supunha. Os seus trajes são brancos como o disco da lua, brilhante como a prata polida. Os seus olhos são negros e de um brilho raro. O seu rosto, pálido e cheio de bondade, sorri-se com um sorriso frio que penetra até a medula dos ossos. Sobre a fronte lê-se a palavra *Perdão*, e os seus braços



estendem-se até mim como para me receber. Ah! Se eu pudesse retratá-lo!... Mas experimentemos. Dá-me a paleta e os pinceis! Põe uma tela no cavalete!

Ernesto apertava as mãos de Petra e Maurício; mas subitamente soltou-os e dando um débil gemido, levou-as aos olhos e disse:

— Não posso!... Não posso!... Perdi a luz dos olhos!... Estou cego!... Amparo!... Amparo!... Amo-te como sempre!... Meu Deus!... Recebei-me!...

Os braços do pintor caíram sem forças, estremeceu todo o corpo, abriram-se-lhe e fecharam-se-lhe três vezes as pálpebras, e um débil suspiro se lhe escapou do peito.

Depois ficou imóvel na cadeira e reinou o silêncio frio da morte.

A alma do pintor abandonara a matéria.

Ernesto já não existia.

Pobre filho do gênio! Pobre sonhador que trocou a sua glória, o seu futuro, por um beijo.

Maurício e Petra ajoelharam junto da cadeira onde jazia o seu hóspede, e com os olhos cheios de lágrimas, resaram pelo eterno descanso daquele desventurado moço que tinha deixado de existir, e em cujos pálidos e entreabertos lábios julgavam ver um sorriso triste, lamentoso, como a morte que lho produzira.

## CAPÍTULO 28: **CONCLUSÃO**

O sacerdote, que ouvira o pintor em confissão, em sinal de agradecimento pela belíssima Senhora das Dores que ele oferecera à sua igreja, rezou uma missa cantada pelo descanso da alma do artista.

Maurício deu sepultura ao corpo de Ernesto no cemitério da vila de Orgaz.

Depois de cumpridos estes tristes deveres, Maurício dispôs-se a cumprir as últimas vontades do seu hóspede.

Preparou tudo para a viagem e disse à mulher:

— Amanhã vou a Madrid desempenhar-me das comissões de que me encarregou o senhor Ernesto. Durante a minha ausência se não queres ficar só levar-te-ei até Toledo. Cálculo não me demorar mais de três dias.

— Vai sossegado e sem pressa; eu não deixo a casa onde estão os nossos haveres. Demais, os pastores têm as choças aqui perto, e se tivesse necessidade, bem sabes que me prestariam qualquer auxílio.

Maurício partiu.

A carta que Ernesto escrevera aos seus amigos da rua do Prado, resumia-se a uma terna despedida.

Sigamos, pois, Maurício, a casa do conde de Loreto.

Fernando del Vilar, por quem uma carruagem esperava à porta, descia a escada do seu palácio quando viu entrar Maurício com os três quadros perfeitamente empacotados.

O conde parou ao reconhecer o caçador dos montes de Toledo.

— Ah! É o senhor? Ihe disse. Como está Ernesto?

— Morreu! respondeu Maurício.

— Como? Morreu?

— há quatro dias, senhor conde.

— Pobre rapaz! Mas suba, suba.

O conde começou a subir precipitadamente, seguido de Maurício, atravessou várias casas e por fim entrou num elegante e luxuoso escritório.

— Morreu!... repetiu o conde deixando-se cair numa cadeira. Pobre Ernesto! Não esperava semelhante notícia. Sente-se, sente-se, meu amigo, e diga-me qual o fim da sua vinda, porque creio que há mais alguma coisa do que anunciar-me tão irreparável desgraça.

— O senhor Ernesto encarregou-me na véspera da sua morte de trazer ao senhor conde estes três retratos e esta carta.

O conde levantou-se, desatou o cordão que prendia os quadros, e, colocando cada um em sua cadeira, levantou o estore da janela para que entrasse mais luz.

Quando os olhos se fixaram nos retratos, e em especial no da condessa, não pôde conter uma exclamação, um grito de assombro.

— Isto é admirável! Isto é admirável! Que pena que homens assim vivam tão pouco!

E ficou imóvel como que extasiado diante do retrato da mulher.

O conde era um conhecedor de pintura. Viajara muito e vira muitíssimo; conhecia toda essa coleção de retratos celebres, que honram os seus autores, pendurados em exposição nas paredes dos museus; mas nenhum ainda lhe produzira tanta admiração como a tela que tinha ante si.

O retrato de Amparo era uma obra-prima, pelo desenho, pelo colorido e sobretudo pela aparência.

Demais a boca daquela mulher, perfeitamente modelada, tinha uma expressão tal que parecia ter vida. Dir-se-ia que aqueles lábios úmidos, de uma cor bela, um pouco entreabertos, palpitantes de amor e de ternura, iam dar um desses beijos que inflamam para sempre a alma do homem que o recebe.

Os olhos, de beleza irresistível, meio velados pelas compridas pestanas exprimiam também amor e melancolia.

Ao conde de Loreto nunca parecera tão formosa a mulher como naquele momento em que comparava o original com o retrato; mas aquele retrato, onde a mão do pintor, sem se servir da adulação, possuía alguma coisa mais do que a frialdade imóvel da pintura, tinha por assim dizer a alma do artista oculta atrás dos olhos e através aquela boca encantadora.

Ninguém, ao ver o retrato, duvidaria de que estava um beijo suspenso dos divinos lábios daquela mulher, e, contudo, o pintor não violara nem uma só linha, nem na mais delicada sombra, a posição natural daquela incomparável boca.

O conde, que assim o compreendeu, teve o retrato por uma obra-prima, e, amante da arte que imortalizou Rafael, não podia desviar os olhos do quadro.

Durante um quarto de hora Fernando permaneceu como um extasiado. Maurício estava triste e silencioso a seu lado.

Quando se cansou de contemplá-lo, viu que tinha uma carta na mão. Era a que pouco antes lhe entregara o honrado Maurício.

Rasgou o envelope e leu:

“Senhor conde de Loreto.

“Prestes a entregar a alma a Deus e o corpo à terra, pego na pena com mão fraca para lhe enviar as minhas despedidas.

“Quando receber a minha carta já terei deixado de existir. Um ser a menos na terra, uma partícula de pó a mais em algum ignorado cemitério destas regiões; mas em compensação, outros seres nascem, enquanto o vento levanta o pó dos que morrem. O mundo segue o seu caminho: esta é a cadeia da humanidade.

“Remeto-lhe os três retratos oferecidos. São as minhas últimas obras; depois delas os meus pobres pinceis não ofenderão mais a arte inutilizando telas, estragando tintas. O único mérito que se lhe poderá atribuir será a parecença, e isso, sem dúvida por que eu, durante o meu voluntario e penoso desterro, me não esqueci nem um só instante dos meus amigos.

“Vou concluir pedindo-lhe, senhor conde, um favor. Maurício e Petra, isto é, o portador desta e sua mulher, foram durante a minha doença dois irmãos carinhosos. Se eu fosse tão rico como Salomão, deixar-lhes-ia toda a minha fortuna e creio que assim mesmo não lhes pagaria quanto lhes devo; mas sou pobre, e só posso pagar-lhes com amor e agradecimento os benefícios recebidos.

“Assim, pois, senhor conde, peço-lhe que entregue a Maurício o valor que der aos três retratos para que tenham com essa importância uma recompensa do muito que lhes devo.

“Maurício é um honrado caçador de profissão que me serviu com desinteresse e sem esperança de recompensa: não sabe portanto que me ocupo dele nesta carta.

“Desculpe-me, senhor conde, a liberdade que tomo, e não se esqueça de que ao soltar o meu último suspiro bendirei os meus amigos.

“Apresente os meus respeitos à senhora condessa e dê um abraço de eterna despedida ao meu bom amigo D. Ventura.

*Ernesto.”*

O conde acabou a leitura da carta comovido, dobrou-a e guardou-a na algibeira.

Nos olhos havia uma certa umidade, devida às lágrimas.

Maurício, vendo que o conde guardava silêncio, e desejando acabar com aquela visita, disse:

— Se o senhor conde m'o permite, retiro-me, pois preciso ainda esta noite regressar a Toledo.

O conde dirigiu-se para o cofre, abriu-o, e, depois de pensar um momento, começou a contar notas de banco.

— Maurício, disse Fernando, ignora sem dúvida qual a missão de que o meu amigo Ernesto me encarrega nesta carta.

— Só me disse para a entregar ao senhor conde juntamente com os retratos.

— Pois bem; Ernesto encarrega-me de lhe entregar seis mil duros que lhe devo.

— A mim? disse admirado o caçador.

— Sim, a si.

— Mas que devo fazer a esse dinheiro? Porque ele nada me disse ao morrer.

— Guardá-los para si.

— É impossível! Seis mil duros é uma fortuna para um pobre como eu.

O conde, admirado da honradez daquele homem, teve um nobre pensamento, e ajuntou:

— Desculpe-me; enganei-me.

— Eu logo vi que não podia ser, disse Maurício quase contente.

— Enganei-me na importância, continuou o conde: em lugar de seis mil duros são dez mil.

Maurício empalideceu. Era uma fortuna.

O conde entretanto contou dez mil duros em notas do banco de quatro mil reales, e, colocando-os depois numa bandeja, aproximou-se de Maurício, dizendo:

— Isto é o que Ernesto Alvarez deixa como herança a Maurício e Petra pelo seu generoso comportamento, pelos seus belos sentimentos. Agora eu, o conde de Loreto, ofereço a Maurício, quando se faltar de ser caçador, o lugar de administrador em um monte nas Astúrias, com vinte e cinco reales por dia, casa, lenha e mais vantagens que me não recordam agora.

E o conde, apertando a mão ao honrado montanhês, ajuntou:

— Vá a Toledo, diga a sua mulher o que o senhor Ernesto dispôs na sua última carta, pense sossegadamente o que mais lhe convêm, que aqui me encontrará sempre disposto a cumprir a minha palavra.

Maurício pegou com a mão trêmula nos dez mil reales, apertou depois de encontro ao peito a mão do conde e, com olhos marejados de lágrimas e o parecer bastante comovido, disse:

— Mas que fiz eu para merecer tantos favores?

— Foi um homem de bem, um homem justo, respondeu o conde.

— Ah! a minha pobre Petra vai enlouquecer de alegria. Ela que dentro em pouco vai ser mãe! Ela, que nunca viu cem mil reales! Ela que é tão boa! Todos os nossos filhos aprenderão a bem dizerem os nomes do senhor Ernesto e do senhor conde de Loreto.

Fernando acompanhou Maurício até à porta, depois voltou para o escritório e, sentando-se em frente do retrato da mulher, disse:

— Ernesto não existe, mas nos lábios deste retrato, naquela boca doce, apaixonada, amorosa como um beijo, deixou escrita a história da sua morte.

## BIOGRAFIA

Enrique Pérez Escrich nasceu em Valência, no ano de em 1829, e faleceu em 1897, na cidade de Madrid.

Vários incidentes amargos marcaram sua infância, o que impediu que fizesse seus estudos de forma regular e contínua. Foi para Madrid muito jovem, como nos mostra em sua obra *O Casaco Azul: Aventuras de um jovem fraco*, de 1864, uma novela autobiográfica em que conta como era o ambiente boêmio em que precisou viver. Ali, se manteve precariamente produzindo artigos para jornais e teatro: cômico, de costumes, musical e histórico, alguns com viés social, como a peça musical *Viva as Cadeias!*(1879), composta em parceria com seu amigo José Rogel. Saudou a Revolução de 1854 com a peça teatral alegórica *A Voz das Províncias*, composta com o também amigo, o jornalista democrata Antônio Altadill.

Era sinceramente religioso, como mostra o drama sacro *A Paixão de Jesus*. Drama sacro-bíblico em seis atos e um epílogo, escrito em verso, segundo os Evangelhos. Porém sua peça mais popular foi *O Cura da Aldeia*, que transformou em novela com tal sucesso que decidiu consagrar-se à narrativa, escrevendo torrencialmente novelas, por encomenda e publicadas em capítulos, seguindo a moda de outro escritor, Manuel Fernández Y González, ainda que não o imitasse. Escrevia tanto que conseguia ganhar em torno de 50 mil pesetas anuais, um bom dinheiro naquela época, o que lhe permitia viver como um homem rico e presentear seus amigos quando bem lhe aprouvesse, pelo que não economizava nada para o futuro.

Amigo do marquês De La Conquista (ou De Valdeguerrero), foi levado a conhecer as terras de Albacete e Cidade Real. Em seus últimos anos de vida, arruinado por sua prodigalidade e doente, conseguiu que o nomeassem para o cargo de diretor do Asilo das Mercês.

Foi o mais importante dos discípulos de Fernández y Gonzáles e possuía uma imaginação inesgotável, com grande facilidade para a narrativa, se mostrando um mestre em desenvolver diálogos e descrições; tinha o sentido exato para o sensacional e para o melodramático, mas sua prosa nos folhetins era muito rasa e comum, diferente da usada em outras obras, destinadas a um público mais exigente. Foi o ídolo das classes populares e durante vinte anos foram vendidos milhares de exemplares de seus romances, colecionados nos mais diferentes lugares. Conseguiu atingir, como poucos, os sentimentos mais íntimos e despertar a emoção das classes simples e das pessoas comuns de vida difícil.

A obra de Perez Escrich atingiu grande sucesso no século XIX e também no primeiro terço do século XX. Na década de 20, a editora Mercado Valenciano reimprimiu quase todas as suas novelas. Entre elas merecem destaque: *O cura da aldeia*, *A caridade cristã* (segunda parte da antecedente), *O mártir do Gólgota* (traduzido para o francês em Paris-1868 e para o inglês em Nova Iorque, 1887), *O último beijo*, *O casamento do Diabo*, *História de um beijo*, *Irmã Clemência*, *A inveja*, *A mulher adúltera*, *Cenas de uma vida*, *O inferno dos céus*, *A calúnia*, *Páginas da Desgraça*, *A esposa mártir*, *O gênio do bem*, *O maior dos amores*, *As redes do amor* e *Os que riem e os que choram*, entre outros.

Wikipédia  
Fevereiro, 2015